DIANE NEUBÜSER

DECIDI ESPERAR POR VOCÊ



DECIDI ESPERAR POR VOCÊ

BEM-VINDA À PETIT

O café recém-comprado na lanchonete do térreo fumegava em minha mão exalando seu aroma característico quando parei meu trote apressado para uma pequena pausa contemplativa. O aroma forte fez minhas narinas arderem quando inspirei profundamente admirando a recepção imponente da editora. Já fazia um ano que eu trabalhava ali, mas ainda não conseguia acreditar que tive a oportunidade de fazer parte daquilo. Não parecia real.

Poder frequentar aquele lugar era mais do que um sonho realizado, era algo com o qual nunca nem ousei sonhar. A menina da escola pública se tornando repórter de moda da revista feminina mais renomada do país? Quais seriam as chances? E olha que eu sempre me considerei uma pessoa otimista... Cresci ouvindo meu pai falar que eu poderia ser tudo que eu desejasse — ainda que os recursos escassos da minha família muitas vezes dificultassem a execução desse plano. Mas... Não é que deu certo?

Eu sonhava em ser jornalista desde criança, quando comecei a colecionar revistas com meus cantores mirins favoritos. O desejo se manteve na passagem pela adolescência, enquanto eu consumia matérias ousadas, como uma que ensinava técnicas para meninas com pouca ou nenhuma experiência aprenderem a beijar na boca. Tenho certeza de que o meu pai, pastor de igreja, não tinha esse tipo de conteúdo em mente enquanto apoiador do meu sonho... Quando terminei o Ensino Médio e me matriculei na

faculdade de Jornalismo, pensei que não custava nada me cadastrar no ‘Trabalhe Conosco’ da maior editora do país. O fiz sem pretensão alguma. Até esperava ser ignorada, ciente de que seria apenas mais uma em meio aos milhares de currículos que eles deveriam receber diariamente. Mas, contra todas as probabilidades, fui chamada para uma entrevista. Não qualquer entrevista, aliás. Mas uma com a minha maior inspiração no mundo da moda. A editora-chefe da revista Petit.

Eu a achava fantástica. Chique, confiante, inteligente... Eu sequer tinha roupa para esse compromisso. Escolhi uma camisa social branca com uma calça jeans azul reta na esperança de passar um ar de ‘sou clássica e descolada’, ao invés de ‘sou uma universitária dura e não tenho nada melhor para vestir’. Fui iluminada pela ideia de comprar a última edição da revista e de ler o material do início ao fim, incluindo os créditos da equipe para já me situar e saber quem poderiam ser os meus futuros colegas de trabalho. Seriam os principais jornalistas, fotógrafos e produtores de moda do país, no caso.

Naquele dia, adentrei a editora e fui direto para as catracas, onde fui abordada por dois seguranças mal-encarados por não ter nenhuma credencial que me autorizasse a estar ali. Não que com os meus 1,60m de altura e menos de 50kg eu possa ter parecido uma ameaça para alguém, mas definitivamente não tinha cara de pertencer àquele lugar.

— Crachá?

— Não, obrigada. — Respondi no susto ao segurança que, obviamente, não estava me oferecendo um. Ele me olhou como se eu tivesse

sugado a última gota de paciência do seu corpo e, com um gesto brusco de cabeça, apontou o nariz em direção ao balcão da recepção, num canto do salão de entrada. — Ah, sim. Obrigada.

Da fila para obter minha autorização de acesso, eu tinha uma visão panorâmica de todo o saguão. Era um prédio comercial, mas mais se parecia com um desfile de modelos saídos do catálogo de alguma marca de roupas muito moderna. Os homens usavam calças de alfaiataria justas e curtas, exibindo canelas desnudas pela escolha de sapatos sem meia. Posso jurar que até vi um suspensório — de longe não deu para ter certeza. Complementavam o visual '*estou super bem-vestido, mas quero fazer de conta que nem ligo*' com camisa social com punhos arremangados displicentemente, com a barra pendendo solta sobre o cós da calça. Outros usavam calças jeans com lavagens diferentes das convencionais, alguns rasgos, alguns patches e bordados. Fazia tempo que eu não via bottons. Nem sabia que ainda se usava isso. Os que usavam óculos, tinham armações arredondadas e coloridas. Não vi ninguém com os modelos clássicos e discretos. Nem ao menos um.

E as mulheres... Bem, você já se deparou com uma mulher que você achou incrivelmente interessante e pensou 'nossa, eu gostaria de ser como ela quando eu crescer?'. Ou, então, adoraria que fosse a sua melhor amiga? A minha primeira impressão foi essa. Só que eu era a nerd de camisa branca e calça jeans de loja de departamento — aquela pessoa de quem elas jamais se aproximariam ou dividiriam a mesa para almoçar no refeitório. Entre elas, havia tantos estilos interessantes... Acho que, pela primeira vez, vi uma

menina de 20 e poucos anos com cabelo curto, estilo joãozinho. Ela vestia o que parecia ser uma versão moderna de camiseta de banda, branca, com uma saia preta de tule e um tênis esportivo.

Outra passou apressada pela porta giratória com um vestido-camisola de seda. Ela ergueu a sua bolsa Chanel cor de rosa a tempo de não a deixar enroscar na catraca. Pensei que deveria ser rica de berço, já que jornalistas não ganham o suficiente para arcar com uma bolsa de grife. E que ela deveria ser muito rica para ter uma bolsa desse valor numa cor tão vibrante. Penso que a escolha óbvia para quem vai comprar sua primeira — e quem sabe única da vida — seria algo mais ‘vai com tudo’, como preto ou bege. É o que eu faria, pelo menos.

Desfilou por ali, ainda, uma terceira, e essa me chamou atenção porque tínhamos o mesmo biotipo: Miúda, pele clara, olhos azuis, cabelo loiro e escorrido. Reparei que, ao invés de usar um rabo-de-cavalo alto na falsa esperança de parecer ter mais cabelo, ela prendeu os fios num coque baixo, perto da nunca. A linha do cabelo dividido ao meio. Tão simples e elegante. Soltei meu cabelo ali mesmo na recepção e tentei imitar o penteado para ver se melhorava a aparência de ‘vim implorar por um emprego’.

— Próximo! — Finalmente a recepcionista me resgatou de meus devaneios.

— Bom dia. Eu tenho uma entrevista marcada para as 10h.

— A coletiva de imprensa?

— Ãhn... Não. Uma entrevista de emprego.

— Para qual setor?

— Jornalismo.

— Qual revista?

— Petit! — Respondi com a empolgação exagerada de uma adolescente conversando com a melhor amiga. Ela respondeu com um olhar de desprezo, me mediu dos pés à cabeça e finalizou a varredura com um sorriso azedo.

— Documento. — Soltou, por fim.

Digitou alguns minutos e me entregou um crachá provisório.

— Bloco B, quinto andar. Ele só dá acesso a esse setor. Tente não se perder. — Ela disse, desbloqueando um novo medo sobre o meu já aparente nervosismo. — E boa sorte, você vai precisar.

“Bloco B, quinto andar. Bloco B, quinto andar. Bloco B, quinto andar. É óbvio que eu não vou me perder!”, repetia pelo caminho. Eu já havia orado e entregue essa entrevista nas mãos de Deus. Se a vaga fosse para ser minha, daria tudo certo. Se não desse certo, não era para ser. Mas tinha que dar, sabe? Deus queria que fosse minha, não queria? “Senhor, que seja feita a tua vontade, mas o Senhor sabe qual é a minha, né?”, eu conversava em pensamento enquanto andava.

Acenei ao segurança balançando o crachá no ar para provar que eu estava autorizada a entrar, ele me ignorou. Tentei fazer uma expressão *blasé*

para me misturar à multidão e segui rumo ao elevador, que encontrei já aberto e sendo preenchido por funcionários quando o alcancei. Entrei confiante, fiz um cumprimento coletivo aos ocupantes e senti as portas se fechando às minhas costas. Me voltei para o painel de números para apertar o meu andar. Zero. Dois. Quatro. Seis. Oito...

— Espera! Cadê o 5?

— Primeiro dia? — Um moço com calça social e sapato sem meia me perguntou, com um sorriso meio simpático, meio debochado.

— Entrevista de emprego. — Respondi aflita.

— Esse é o elevador dos andares pares. Você vai ter que descer no quarto e subir um andar de escada. Ou descer no sexto e descer um lance. Como preferir.

— Claro. — E deixei escapar um barulho alto do ar expirado com alívio. — Obrigada... Douglas. — Falei, lendo o nome no crachá pendurado no pescoço.

Ele fez um cumprimento do tipo “Namastê” unindo as duas mãos e inclinando ligeiramente a cabeça, e eu desci no quarto andar.

Por um momento, pensei que a confusão dos andares fosse um daqueles agrados inesperados de Deus. Assim que pisei fora do elevador, vi através de uma porta de vidro a redação da TuaTeen. Aquela revista que fomentou o sonho de ser jornalista na Julia adolescente. Era ainda mais incrível do que eu imaginava! Um globo espelhado enorme pendia do teto,

fazendo com que pequenas luzes refletissem pelas paredes rosa *pink*. Coalas de pelúcia e plumas coloridas decoravam as mesas dos repórteres, completando o tom fantasioso do local. Jornalistas com delineadores e cabelos coloridos digitavam, fotografavam e circulavam, enquanto eu os observava cativada.

Passados alguns minutos, voltei para a realidade. — Preciso encontrar a escada. — Pensei. Vi a placa indicativa da saída de emergência logo atrás do vidro que me separava da redação dos meus sonhos de menina. Aproximei meu crachá do sensor para abrir a porta. Meu coração gelou quando uma luz vermelha se acendeu. Acesso negado. Corri para a parede de vidro idêntica no sentido oposto, que dava para outra redação, somente para repetir a cena anterior. “Bloco B, quinto andar. Tente não se perder”, ressoava a voz maliciosa da recepcionista nos meus ouvidos. — Não acredito que me perdi!

Tentei chamar o elevador com o plano de voltar para o térreo e encontrar o elevador de andares ímpares. Mas constatei que o elevador também só obedecia quando liberado por pessoas autorizadas. Meu crachá de visitante era basicamente inútil. Eu não estava acreditando que teria que me humilhar esmurrando as portas do aquário que me prendia até alguém da revista TuaTeen me notar e me resgatar do cativeiro. Que vergonha! Quando pensei que não teria outra forma, ouvi a porta do elevador se abrindo.

— Douglas! — Exclamei, com a alegria de quem reencontra um amigo de infância.

— Eu me lembrei que você não teria como executar a minha ideia da

escada sem um crachá de funcionário. Me desculpe, tinha esquecido desse detalhe...

— Obrigada! Obrigada por ter voltado! — Interrompi, quase emocionada.

Apesar de eu ter chegado com pelo menos 40 minutos de antecedência — justamente para cobrir qualquer tipo de contratempo — a essa altura o meu tempo reserva já se esgotava. Eu temia me atrasar ou até mesmo perder a chance da entrevista. Maria Clara não era uma mulher que parecia esperar pelos outros. Meu novo melhor amigo utilizou seu crachá cheio de privilégios para abrir uma das portas e me guiar escada acima.

— Você deveria ter descido no sexto andar. Quem escolhe subir um lance de escadas ao invés de descer? — Ele me provocou no caminho, tentando melhorar meu ânimo e quebrar o nervosismo pré-entrevista.

— Sei lá. Eu estava tão ansiosa que queria descer do elevador mais rápido. O quarto andar era antes do sexto. — Respondi.

Ele se compadeceu do meu estado de nervos e riu.

— Olha só, eu sei que esse ambiente e essas pessoas podem parecer impressionantes e importantes demais à primeira vista. Mas são só seres humanos, como eu e você. Não precisa ficar com medo. Só seja você mesma.

— Ser eu mesma? Esse é o seu conselho?

— É. Gente esquisita se dá bem aqui. — Ele rebateu dando uma piscadinha.

Já estávamos no nível de intimidade de fazer piadas um sobre o outro, então nem me importei com o ‘esquisita’. Nos despedimos com um beijinho no rosto na antessala do quinto andar. Ele voltou para o elevador e eu fui me identificar para a recepcionista da Petit. Ela me acompanhou até uma sala de reuniões em que Maria Clara e outras duas pessoas já me esperavam, entretidos com uma papelada. Sentavam-se em torno de uma grande mesa oval rodeada por armários baixos e elegantes, num tom de madeira clara. A porta estava aberta. Observei a cena por um instante e me aproximei.

Me posicionei com a minha melhor postura profissional: Coluna alinhada, cabeça erguida, sorriso simpático. Ninguém se deu ao trabalho de levantar o olhar. Chequei meu relógio de pulso, um pouco desconcertada. Dez em ponto.

— Com licença. — Falei em tom amistoso, com uma inclinada de cabeça para o lado como quem busca pelo olhar de alguém.

Recebi em retorno uma mão espalmada de quem pede para aguardar. Nenhum contato visual. Concordei com a cabeça para mim mesma e fiquei ali esquadrinhando os detalhes dos armários, tentando não os encarar nem parecer que estava bisbilhotando a conversa alheia. Decidiam a ordem em que as reportagens da próxima edição seriam publicadas, a posição de cada página de anunciante e as matérias que seriam excluídas ou adiadas para uma edição futura por falta de espaço ou de interesse.

— Agora me diz, como é que eu vou publicar uma reportagem

sobre produtos de beleza veganos e ecologicamente corretos, na mesma edição em que o maior patrocinador da revista trouxe um especial com seus lançamentos cheios de química e testados em animais? — Questionou a editora-chefe, impaciente. — É muito lindo, muito legal, salve os coelhinhos..., mas os coelhinhos não pagam as contas, Bruno!

— Tudo bem. Eu tenho a reportagem sobre maquiagem aplicada com *air brush* usada pelas artistas da TV. — Respondeu o rapaz.

— Então, por favor.

E, de repente, me olhou como se sentisse observada. Visivelmente incomodada com a minha presença. Eu realmente não sabia o que fazer. Estava atrapalhando? Deveria aguardar do lado de fora? Obviamente aquela era uma reunião particular, mas ninguém me deu nenhuma direção a respeito de aguardar em outro lugar. E eu já sabia que o meu crachá de visitante não me levaria a lugar algum. Então, com um gesto de mão, MC apontou para a cadeira à minha frente dando um fim ao meu sofrimento.

— Ah, obrigada. Com licença. — Falei, desajeitadamente, enquanto puxava a cadeira pesadíssima que fez um barulho muito mais alto do que o previsto.

— Qual é seu nome mesmo? — Ela perguntou. Não sei se era Botox ou pura frieza, mas a mulher, que estava na faixa dos 50 anos, não esboçava nenhuma expressão facial. Apenas me encarava, inerte.

— Júlia. Muito prazer. — Respondi da forma mais positiva

possível, alcançando a mão para cumprimentar minha ídola do Jornalismo. A essa altura eu já deveria ter lido o ambiente para entender que deveria me limitar à minha insignificância, mas fiz questão de passar pela humilhação de ter de recolher minha mão intocada, pairando sobre a mesa sem alcançar ninguém. O repórter da matéria sobre maquiagem e o outro, que eu ainda não sabia quem era, me observavam com curiosidade.

— Júlia... Esses são o Bruno e o Théo. Repórter e editor de beleza, respectivamente. Meu nome é Maria Clara, sou editora-chefe da revista.

— Ah, sim! Eu sei. Acompanho o seu trabalho e as suas redes sociais há muito tempo.

— Ah, aquilo... O pessoal de Relações Públicas me obrigou a abrir uma conta no Instagram. Disseram que seria uma espécie de extensão da imagem da revista ou algo assim... Tem uma menina que faz tudo para mim.

É claro que aquele perfil com fotos perfeitas, tiradas com uma câmera profissional, com conteúdos editados em diversos formatos e explorando todas as ferramentas possíveis do aplicativo eram gerenciadas por algum profissional. Me senti inocente por não ter presumido, e envergonhada por demonstrar ser uma fã.

— Entendi...

— Bom... Ãhn... Júlia. Nós temos na revista uma seção de dicas práticas de moda. Na verdade, são mais truques de *styling* para ajudar a pessoas como você a se vestirem melhor.

Foi inevitável abaixar os olhos para conferir a minha roupa depois daquela... Será que dava para chamar de indireta?

— Não, eu não quis dizer que você está malvestida. — Ela remendou, percebendo a minha reação. — Quis dizer uma pessoa leiga, que não vive no mundo da moda.

— Claro. — Respondi, não querendo criar caso.

Com a visão periférica percebi Bruno e Théo mordendo os lábios para conter o riso. Respirei fundo e tentei ignorar.

— Que truque você sugere para colocarmos na próxima edição?

Eu não havia me preparado para uma reunião de pauta na qual eu teria de oferecer conteúdo de bate-pronto para a próxima edição da revista, mas lembrava de ter lido a página da qual ela se referia. Então tirei o elástico transparente com o qual havia feito meu coque baixo, deixando meu cabelo loiro se espalhar sobre os ombros.

— Huumm! Olha ela! — Bruno disparou.

Agradeci a atenção com um aceno de cabeça e comecei:

— Bom, vou aproveitar a peça que estou usando para ilustrar a ideia. Gosto de usar camisa social de uma forma mais despojada, com as mangas arregaçadas. E tem uma forma de fazer isso sem se incomodar com elas caindo o tempo todo, utilizando um truque com elástico transparente. É só enroscar ele na casa do botão e, depois, no próprio botão. A elasticidade permite que o punho se ajuste em qualquer altura do antebraço, sem apertar

nem escorregar. Como essa dica é bem visual, até poderíamos criar um conteúdo em vídeo para as redes sociais para linkar com o material impresso.

— Truquezinho batido... — Rebateu Maria Clara, nada impressionada.

— Mas adorei a visão multimídia! — Uma voz familiar acrescentou porta adentro, às minhas costas.

— Esse é o Douglas, diretor do digital. — Apresentou uma descontente MC. — Aparentemente temos que trabalhar em conjunto com os blogueiros da revista.

Me voltei a ele, sorri e falei um “obrigada” sem som, apenas com o movimento dos lábios. Ele entrou e ficou em pé ao lado do restante.

— Você leu a última edição da revista ou você também é da nova geração que só lê notas rápidas nas redes sociais, Júlia?

— Na verdade eu li sim.

— E o que mais te chamou a atenção? E, por favor, não responda algo genérico como a matéria de capa ou o editorial de moda.

— Bem... Na verdade... — E ponderei por alguns segundos se realmente deveria falar sobre a única coisa que me veio à cabeça.

— Por favor, não se apresse. Temos todo o tempo do mundo. — Disparou a chefe, sarcástica.

— É que o que mais me chamou a atenção foi um erro de

diagramação na página 14. — Soltei, com um sorriso encabulado.

— O que? — MC questionou com olhar irado. Senti Bruno, Theo e Douglas prenderem a respiração. Olhei para os rostos dos três sem me mover, apenas meus olhos arregalados percorriam a sala. Engoli seco.

— No final da página, um parágrafo é interrompido pela metade, sem conclusão da ideia. E na coluna seguinte se inicia um novo parágrafo. Fiquei com a impressão de que o texto não coube na diagramação e...

— Alguém, pelo amor de Deus, me traga um exemplar dessa revista! — Ela interrompeu.

Com um movimento só enfiei a mão na minha bolsa a tiracolo e saquei a revista que trouxe comigo. MC a tomou e folheou até a página 14 apressadamente.

— Filha da... — Proferiu, furiosa demais para terminar a frase. (Ainda bem). Levantou com um movimento brusco que fez a cadeira cambalear e contornou a mesa batendo os pés em direção à porta. Bruno e Theo se levantaram discretos como gatos e a seguiram, inaudíveis. Douglas olhou para mim dando de ombros e levantando a sobrancelha como quem lamenta. Senti meu cabelo solto balançar com a passagem tempestuosa da editora-chefe pela minha cadeira.

— É Júlia, né? — Ouvi Maria Clara perguntando de costas, detida na porta, sem se dar ao trabalho de virar para mim.

— É sim.

— Você começa segunda.

Abri totalmente a boca em sinal de surpresa olhando para Douglas, ele respondeu com um “ué” com as palmas das mãos erguidas até a altura do peito e começou a fazer uma dancinha ridícula de vitória.



Nem acredito que já se passou um ano desse dia.

Chequei meu relógio e percebi que estava prestes a me atrasar. Acenei com meu crachá de funcionária ao segurança que, depois de tentar avidamente ignorar os meus ‘bom dias’ diários por várias semanas, finalmente passou a me cumprimentar.

Me sentia plena desfilando por aquele saguão, como numa cena de início de comédia romântica americana, com uma música animada tocando ao fundo — mas, no meu caso, o som estava só no fone de ouvido. Como era sexta-feira, investi em um look à altura. Usava uma calça pantalona de lantejoulas rosa pink com uma camiseta preta e sandálias pretas de salto grosso. Achava bem divertida a liberdade proporcionada por trabalhar em um ambiente fashionista.

Entrei na redação da revista às 10h em ponto, meu horário de iniciar o expediente. Como repórter de moda, fico até um tanto constrangida

ao confirmar que, na maioria dos dias, os bastidores do meu trabalho são tão glamourosos quanto se imagina. Eu vivia recebendo presentes das grandes marcas do setor, assistia desfiles de moda e era convidada para eventos diversos nos restaurantes mais badalados da cidade. Convivia com todos os artistas e grandes nomes da moda. Enfim, não podia reclamar de (quase) nada. E esse ‘quase’ se refere, principalmente, a um nome composto que você já conhece bem, assim como a algumas de suas *Minions* (nome carinhoso com a qual Douglas e eu apelidamos certas colegas que mais se comportam como ajudantes do mal).

— Já que a Júlia chegou, vamos finalmente iniciar a reunião. — Começou MC, como se eu estivesse atrasada.

Nos reunimos em pé em torno de sua mesa, que ficava nos fundos da redação, cercada por janelões com uma vista ampla para dois lados do bairro. Arranha-céus impressionantes contornavam o prédio, e o cinza da cidade grande só era interrompido por um córrego discreto que, para ser honesta, também era acinzentado.

— A Cecília está de atestado, então teremos que absorver as demandas do site até o início da semana que vem. — Ela declarou. — Amanda, você fica com o artigo de saúde sobre congelamento de óvulos.

A repórter assentiu com a cabeça e rabiscou algo em seu bloquinho de papel.

— Joana, artigo de família: A adaptação escolar para crianças com

TDAH. Júlia: Sexo. Os benefícios do swing no relacionamento.

— O que? — Respondi, de sobressalto.

— Swing. Suruba. Troca de casais.

Deixei um riso nervoso escapar pelo nariz.

— Eu não acho que eu seja a pessoa mais indicada para escrever sobre isso. — Falei baixinho, já sentindo meu rosto corar.

Maria Clara bufou e revirou os olhos, largando a caneta ruidosamente de propósito para deixar bem clara a sua insatisfação. Como se fosse necessário qualquer artifício para complementar aquela cara de ódio.

— Vamos lá, Júlia. Por quê?

— Bem... Porque eu nunca... Fiz... Isso... Você sabe. Não é algo com que me sinto à vontade. Será que não daria para eu ficar com qualquer outra editoria?

— Eu também nunca fiz swing, garota. Você acha que eu já testei toda porcaria que a gente tem que publicar nessa revista?

— Não. Não é isso. É que além disso... Eu nunca...

— Por favor, não me diga que você está tentando dizer que nunca fez sexo! — Se intrometeu a Amanda (uma das Minions).

Eu abaixei os olhos, constrangida, e dei de ombros.

— Oh, meu Deus! — Ela disse, espalhafatosa, colocando a mão em frente à boca como se quisesse, realmente, disfarçar o riso. Joana mordeu os

lábios e olhou para ela com ar ainda mais debochado.

— Virgem de 40 anos, na verdade eu não tenho nada a ver com isso. Só preciso do artigo na minha mesa na segunda-feira. Vocês têm hoje e segunda para trabalhar nisso e, se não for suficiente, tratem de adiantar a apuração no final de semana. — A chefe interveio.

— Eu tenho 24. — Respondi.

— Que? — Perguntou Maria Clara, de cara feia.

— Anos.

Ela se limitou a rolar os olhos mais uma vez, se voltou para o seu computador e começou a digitar. As outras meninas voltaram animadas para os seus lugares, se cutucando e rindo sem parar. Respirei fundo e me voltei a elas, sendo obrigada a passar por suas mesas numa espécie de corredor da vergonha até chegar ao meu cubículo, no extremo oposto da sala.

Eu não tinha vergonha de ser virgem. Pelo contrário. Era algo que me tornava eu. Fazia parte dos meus valores, da minha criação e daquilo que eu acreditava. O sexo foi criado por Deus para ser desfrutado no casamento. Era, literalmente, a união de dois corpos que, primeiro, foram unidos em uma aliança com Deus no altar. É quando os dois se tornam uma só carne. Foi feito para ser desfrutado entre apenas essas duas pessoas. E ponto. Eu não conseguia ver sentido em sair por aí “testando” namorados, sem essa aliança. Decidi me guardar para o meu esposo. E meu namorado, o Guilherme, estava comigo nessa. Esperando também.

O que me entristecia, na verdade, era a minha inocência de proferir isso num ambiente totalmente inóspito para um cristão. Tem até um versículo que fala sobre “não jogar pérolas aos porcos”. Todas as minhas tentativas de falar sobre a minha fé até então foram motivo de escárnio. É claro que nesse assunto, relacionado a algo tão pessoal e íntimo, não seria diferente. Fui tola por me colocar nessa posição de vulnerabilidade.

Eram apenas 10:20h da manhã e eu já olhava ansiosa para o relógio esperando que o dia acabasse. A ideia de ter de usar o meu dom de escrever para induzir casais a experimentarem algo tão promíscuo me causava asco. Eu não conseguia nem pensar a respeito. Tratei de me concentrar nas reportagens de moda que eu precisava escrever, aproveitei o desânimo e a falta de foco para responder e-mails atrasados e resolver outras pendências burocráticas, como agendar a devolução de peças de roupas a suas respectivas assessorias de imprensa.

Normalmente eu almoçava com o Douglas no refeitório com comida por quilo mas, dessa vez, preferi um sanduiche de frango comprado na lanchonete do térreo — algo que me permitiria sentar sozinha num banco escondido em algum canto do pátio. A vista de uma parede de concreto e o cheiro de uma calçada impregnada de limo me pareceram uma excelente opção. Aproveitei e li alguns versículos da Bíblia no meu celular para tentar voltar ao eixo.

Ao fim do expediente algumas das Minions passaram por mim se despedindo com um alegre “Tchau, ‘Decidi esperar’!”. Elas já sabiam que eu

era cristã. Daí para fazerem uma pesquisa no Google, descobrirem a razão da minha abstinência sexual e toparem com o movimento que leva esse nome deve ter sido um pulo. Logo peguei a referência. Retribuí com um sorriso complacente.

Vi a tela do meu celular se acender com uma mensagem:

“Estou aqui embaixo! Vai sair logo?”

Era o Gui.

— Sim!!! Já vou descer! Nós marcamos alguma coisa hoje?

— Não. Resolvi fazer uma surpresinha mesmo...

Sorri para o celular, fechei o laptop sobre a mesa, enrosquei o braço na bolsa que pendia da minha cadeira e fui em passo acelerado até o elevador. Tive a felicidade de não cruzar com mais nenhum colega engraçadinho pelo caminho.

PRECISAMOS FALAR SOBRE O GUILHERME

O Gui e eu nos conhecemos na igreja. O pai dele foi transferido de outra cidade para assumir o cargo de presidente do nosso ministério. E a família veio junto, é claro. Isso foi há mais ou menos um ano e meio. E há um ano, nós estamos juntos.

Se você foi criado na igreja ou passou a frequentar na adolescência, na fase de namorar, deve saber o quão concorrido pode ser esse “mercado”. Quem é cristão prioriza se relacionar com outro cristão, pela questão de alinhamento de valores durante o namoro, para o casamento, criação dos filhos... E isso faz com que, dentro de uma igreja pequena, as opções fiquem bem escassas. Não há muitos homens cristãos solteiros, com idade próxima à sua e afinidades suficientes para se formar um par. E o pior: A maioria de nós nos conhecemos desde crianças. Logo, somos todos amigos próximos. Amigos demais para qualquer outra coisa, sabe? E quando chega “carne nova” no pedaço, instantaneamente todas as meninas se interessam e começam a orar a Deus pedindo resposta: “Pai, será esse o amor da minha vida? O varão que o Senhor preparou para mim?”.

Quando Guilherme chegou, a concorrência foi tanta que eu nem me dei ao trabalho. Para deixar as pretendentes ainda mais alvoroçadas, o jovem

era alto, forte, loiro e de olho azul. (Tirando a altura, fisicamente era bem parecido comigo, na verdade. Poderíamos até nos passar por irmãos.)

Ele estava acostumado a ser o centro das atenções. Com essa beleza, sendo o filho do presidente e tocando bateria nos cultos de domingo, digamos que ele não precisava se esforçar muito para se destacar na multidão. Em retrospectiva, penso que foi justamente o meu aparente desinteresse que o fez se aproximar de mim. Eu devo ter sido o desafio que ele nunca teve.

Passados os primeiros dias de euforia em que ele vivia cercado de meninas puramente interessadas em fazê-lo se sentir bem-vindo em nossa congregação (cof-cof), comecei a perceber alguns olhares sorrateiros em minha direção. Nas primeiras vezes, fingi que não vi. Depois, passei a desviar os olhos, um pouco envergonhada. Ele era realmente muito bonito. Do tipo que faz você agir meio boba, meio estranha, só pela presença. Eventualmente passei a sustentar esses olhares sorrateiros por alguns segundos, devolvendo um sorriso ou um aceno de cabeça num cumprimento despretensioso — afinal de contas, estávamos na igreja! Era questão de educação. Até que, num pós-culto de jovens em uma hamburgueria próxima, ele finalmente se sentou ao meu lado para conversar.

— E então, Júlia? Me conte algo sobre você.

— Sobre mim? — Sorri, desajeitada. — Ah, eu tenho 23 anos, sou do grupo de jovens e ajudo nas mídias da igreja...

— Não. De tudo isso eu já sei. Quero saber quem é você fora da

igreja.

— Ah, sim... — Sorri, sentindo as minhas mãos suarem. — Eu estou no último ano de jornalismo e comecei a estagiar na revista Petit.

— Sério? Que incrível! Eu curto muito moda. Gostaria de ir em um São Paulo Fashion Week algum dia.

— Sério? Eu já fui em alguns... Vale a pena, é muito legal! Mas gosto mesmo é de escrever. Foi isso que me colocou nesse ramo.

— Hm... Eu sempre escrevi o mínimo possível. Você conhece muitos famosos?

— Hã... Sim. Quer dizer, “conhecer” é uma palavra forte. Mas já conversei ou vi pessoalmente todos os que saem nas matérias da revista. O estúdio de fotos fica no mesmo prédio da redação, e como sou redatora de moda acabo acompanhando os ensaios para escrever sobre a produção.

— Que bacana! E, me conta, Júlia, você gosta de café?

— Na verdade esse é um pré-requisito para ser jornalista. — Brinquei.

— Vamos tomar um amanhã?

— E este seria o nosso primeiro “encontro” fora da igreja? — Arrisquei.

— O primeiro de muitos. — Ele respondeu com naturalidade.

— Eu saio do trabalho às 17h.

— Me manda a localização e eu estarei lá.



Guilherme me viu assim que atravessei uma das portas giratórias e acenou de dentro do carro parado em uma vaga exclusiva para embarque e desembarque. A mesma em que ele parou para me buscar para o nosso primeiro café, há cerca de um ano. Era um rapaz de hábitos. Corri até ele, abri a porta e deixei meu corpo cair pesadamente sobre o banco, expirando um ar que parecia estar preso dentro do meu peito desde o início do dia.

— Está tudo bem? — Ele perguntou retoricamente.

Arqueei as sobrancelhas. Era óbvio que não estava e ele já havia percebido.

— O que foi? — Continuou.

— Foi que eu fui idiota o suficiente para contar para a minha chefe e as minhas colegas de trabalho ateias que eu estou me preservando para ter relações só depois do casamento.

Ele deixou escapar um riso. Bem parecido com o das jornalistas com quem divido o meu dia, para ser honesta. Tentei ignorar aquela reação. O que eu menos precisava era terminar esse dia trevoso com uma briga de casal, mas a minha linguagem corporal transparente entregou o meu descontentamento. Imediatamente cruzei os braços, me ajeitei no banco jogando o corpo para alguns centímetros mais longe dele, e a feição de alívio foi substituída por uma cara fechada.

— Calma, não precisa ficar assim!

— Assim como? — E minha voz saiu mais aguda do que planejei em meu disfarce perfeito.

Ele inclinou a cabeça e lançou um olhar atravessado. Aparentemente a minha atuação não estava o convencendo. O problema é que o escárnio das minhas colegas, eu já esperava. Elas nunca perdem a oportunidade de fazer isso, comigo ou com qualquer outra pessoa. Fazem até entre elas mesmas. Mas receber esse mesmo tratamento justamente da pessoa para quem estou me reservando, foi doído.

— Ai, Ju. Não fica chateada, mas é um pouco estranho mesmo, vai. Estranho não. Um pouco engraçado, talvez?... Não?

— O que é estranho e engraçado? — Falei um pouco ríspida. — Eu sei que você não é mais virgem e nunca tive problema com isso. Mas pensei que estávamos na mesma página nesse quesito. Eu sempre deixei a minha posição bem clara e, até hoje, imaginei que você estivesse me apoiando.

— Ah, sei lá. Eu apoio, a decisão é sua. Mas não sei se concordo totalmente...

— O que?! Cadê o meu namorado cristão e o que você fez com ele? — Tentei usar um tiquinho de humor para quebrar aquele clima estranho.

— Estou bem aqui! Só que as vezes eu questiono o que fazemos por nós mesmos, vivendo a liberdade que Jesus nos oferece e o que fazemos

só porque nossos pais nos ensinaram.

— Tá, só um pouquinho. Uma coisa é vivermos a liberdade que Cristo nos deu e não repetirmos costumes pautados em religiosidade. Concordo. Outra coisa é você questionar algo que está escrito na Bíblia! Está bem claro que Deus deseja que façamos uma aliança com apenas uma pessoa, que é algo sagrado, foi instituído por Ele.

— Eu não me lembro de ler na Bíblia sobre a necessidade de desfilar numa cerimônia com roupas caríssimas e comer num buffet superfaturado para firmarmos essa aliança... Por acaso a gente já não leva uma vida de casados? Somos fiéis um ao outro, contamos tudo o que acontece no nosso dia, vamos ao culto juntos, dividimos refeições...

— Agora você está só distorcendo a Palavra para algo que te convém. Você sabe que eu não faço questão nenhuma de uma festa glamourosa. Nunca foi sobre isso.

— Então é sobre o que?

— Sabe que eu nem sei mais!?

E um silêncio pesado pairou fazendo com que até mesmo a minha respiração soasse ruidosa.

— Quer saber? Vire à direita. Eu tive um longo dia e nem estou com fome, prefiro ir direto para casa. — Falei num tom mais calmo.

— Ah, não! É sério?

— Sim. Por favor.

Seguimos calados nos próximos cinco minutos de viagem. Eu analisava o trânsito à nossa volta com uma atenção excessiva. Quando ele estacionou em frente ao meu prédio, falei um “boa noite” sem vontade e sem contato visual e desci. Cruzei a portaria sem olhar para trás.

Eu morava sozinha. Não é uma situação habitual para uma moça cristã solteira, mas foi necessário já que meus pais trocaram a vida agitada na cidade por um sítio no interior — longe de qualquer faculdade ou oportunidade de trabalho para mim. Meu pai atendeu a um chamado para abrir um ministério naquele local e foi contente com a perspectiva de gerar frutos numa comunidade esquecida. Eu saí da nossa casa, que seria grande demais só para mim, e me mudei para um apartamento cedido por uma tia rica que comprava imóveis para investimento. Além de ser de graça, ficava no mesmo bairro da editora, o que era o melhor dos mundos. Continuava sendo longe demais para chegar lá a pé, mas perto o suficiente para evitar o trânsito caótico de São Paulo. Eu só precisava me locomover por duas estações do metrô. Me habituei logo à nova rotina e, apesar de sentir muita falta dos meus pais, até apreciava o silêncio e a liberdade de ter o meu cantinho. É claro que viver sozinha também trazia seus contras, como chegar em casa depois de um dia desses sem ter nada pronto para comer, nem um colo para chorar. Estava exausta demais até mesmo para esperar pela entrega de algum aplicativo de comida, então jantei pipoca de micro-ondas e uma barra de chocolate enquanto assistia ao dorama da vez. O combo até fez eu me senti menos pior.

ERA DIA DE CULTO

Acordei me sentindo restaurada. Como diria Laura, minha melhor amiga: “Nada como um dia após o outro, com uma noite no meio”. Os incidentes do dia anterior já pareciam menos importantes. Eu sabia que não deveria me abalar com a postura das minhas colegas de trabalho. O que eu poderia esperar delas, afinal? E o Guilherme... Ah, ele tem defeitos como qualquer ser humano. Mas é um bom namorado, num contexto geral.

Só havia uma coisa que permanecia indigesta: A tal da reportagem. Argh! Não conseguia nem cogitar pesquisar, entrevistar pessoas e escrever sobre aquilo! E o pior, utilizando o meu nome na assinatura de algo que eu repudiava. Matutei sobre o assunto comendo um pão com manteiga e tomando uma xícara de café preto quando, sem saída aparente, decidi vestir shorts e camiseta e sair para correr e clarear as ideias. Eu estava mesmo precisando de um pouco de sol. Conectei um podcast gospel no meu fone de ouvido e saí. Quinze minutos depois, já exausta e sem fôlego, eu sabia exatamente o que faria.

Voltei ao apartamento e aproveitei a folga para dar uma organizada em tudo já que, com a correria da semana, eu ignorava a bagunça que começava a tomar conta. Tinha roupas em todos os estágios: Para recolher, dobrar, estender, lavar e guardar. Cadernos de anotações, notebook e fios de carregadores se emaranhavam sobre a mesa de jantar. A máquina de lavar

louça estava cheia de peças limpas e a pia já acumulava mais uma carga lotada para ela voltar a trabalhar. O apartamento era pequeno, tinha só um quarto, e eu era apenas uma, mas era incrível o que uma semana de abandono das atividades domésticas era capaz de causar.

Depois de limpar, corri para a feira de rua do bairro para reabastecer a geladeira com frutas e verduras que permaneceriam lá até estragar. Aproveitei para almoçar na rua: Um pastel sabor pizza e um copo de caldo de cana. Nutritivo. Voltei, higienizei e organizei as compras e então, finalmente, comecei a trabalhar no artigo que eu precisaria entregar na segunda-feira. Aproveitei para enviar alguns e-mails às fontes que eu sabia que poderiam me ajudar e comecei a escrever um esboço. Sentia um misto de medo e euforia vendo as palavras ganharem forma na tela branca do computador. E sabia que precisaria dar o meu melhor, pois a minha carreira estava em jogo. Ainda tinha duas horas antes de ter de sair para o culto de jovens que tínhamos todo sábado à noite.



Mal cheguei na igreja e dei de cara com a Laura no hall em que os membros eram recepcionados com uma mesa de café, chá e biscoitos. Ah, como era bom encontrar um rosto amigo! Abracei ela como um náufrago que avista o primeiro ser humano depois de quatro anos de exílio.

— Tá tudo bem, amiga? — Ela perguntou, desconfiada.

— Está sim. Por quê?

— Sei lá. Você me abraçou não do jeito ‘oi, amiga’, mas de um jeito ‘preciso de você, amiga!’. — E riu.

Devolvi com um sorriso sapeca de quem foi pega em flagrante e agora tem de confessar a travessura.

— Ah, eu sabia! — Ela interpretou. — Desembucha. — E me arrastou pelo braço até um banco de madeira em um canto mais isolado do ambiente.

— Não é nada demais... Tive alguns problemas no trabalho, que até já foram resolvidos, nem vale a pena comentar... E depois de um dia estressante acabei tendo uma discussão com o Guilherme.

— Hm. — Ela se limitou a fazer, arqueando as sobrancelhas e repuxando somente um lado da boca, em desaprovação.

— Eu sei que você não é a maior fã dele... Mas é besteira. Sério. Nem foi bem uma discussão, só uma discordância.

— Sei... O que rolou?

— Surgiu no trabalho uma conversa sobre eu ser virgem... Nem me pergunte! — Emendei, interrompendo uma boca já entreaberta. — E eu comentei a situação com o Gui...

— E?

— E aí que, basicamente, ele concordou que acha estranho eu ser uma virgem de 24 anos. Porque já estamos juntos há algum tempo, já temos intimidade suficiente para o próximo passo...

— Próximo passo que seria CASAR, né?! — Laura me cortou, já irritada.

Dei de ombros com um sorriso sem graça.

— Acho que não era disso que ele estava falando...

— Ah, amiga. Francamente. Você fala que eu não gosto do garoto, mas ele também não se ajuda, né? Tem como defender? Não tem! Eu fico indignada com essas coisas. Não sei como você... — E soltou uma bufada.

— "Não sei como eu" o que?

— Como não percebe que esse cara não é para você!

— Ai, amiga. Para de implicância.

— Júlia! Vocês não têm, nem nunca tiveram, nada em comum! Você merece coisa muito melhor.

— Que clichê, a amiga me defendendo e dizendo que mereço mais... — Falei em tom de piada para tentar mudar o rumo da conversa.

— Não. Eu estou falando muito sério. Não tente amenizar as coisas. E falando no diabo... — Ela apontou com os olhos para algum ponto atrás de mim.

Me virei e vi o Gui se aproximando de nós, cumprimentando a todos

pelo caminho com o entusiasmo de sempre. Ele fazia aquele tipo meio político, popular. Estava sempre recebendo ou dando tapinhas nas costas de algum conhecido que poderia muito bem se passar por um amigo de infância. Era extrovertido e fazia amizade fácil, com todos, sem exceção.

Me voltei à Laura com um olhar de quem diz “contenha-se” numa linguagem visual de melhores amigas. Ela revirou os olhos e assumiu uma expressão mal-humorada.

— Bom dia! Oi, amor. Oi, Laura. Tudo bem? — Ele chegou dizendo.

— Tudo bem e com você? Eu vou entrar e pegar lugar, tá? Vejo vocês lá dentro. — Laura respondeu, aproveitando a deixa para se afastar. Se bem a conheço, já está num estágio de ranço que não tem mais volta.

— Tudo bem, sim. — Respondi com um sorriso amarelo.

— Ju, eu queria conversar com você sobre aquela situação de ontem. Eu... Bom, não foi nada a ver o que eu disse. Foi mal. Eu quase não dormi essa noite pensando que tinha te ofendido, sabe?

— A questão nem é me ofender... Nós podemos conversar sobre qualquer assunto, e eu espero que você seja sincero mesmo. Só me preocupa o fato de os nossos valores não estarem tão alinhados quanto eu imaginava...

— Estão. Estão alinhados sim. Você está certa. E para te provar o quanto estou arrependido, eu queria te convidar para almoçar lá em casa amanhã depois do culto da manhã. O que você acha?

— É sério? Almoçar na sua casa?

— Sim. Já estamos juntos há um ano, não faz sentido você nunca ter ido lá.

— Sim... Concordo. Mas e a sua mãe? Ela está bem? — Perguntei. A situação familiar do Guilherme é um tanto delicada. Apesar de o pai ser presidente da igreja, a sua esposa, mãe do Gui, não frequenta. E isso sempre levantou um certo burburinho entre os membros. As pessoas queriam entender por que a esposa de um dos mais altos líderes da congregação não estava ao lado dele. Será que ele não tinha influência para pregar sobre o amor de Jesus dentro da própria casa? Será que a mulher ia em outra igreja? Ou estava desviada? Levou alguns meses para que o Senhor Marcos, meu futuro sogro, se pronunciasse a respeito. Guilherme e ele subiram no altar para compartilhar com os irmãos que a mulher sofria de uma doença mental. Estava em tratamento, mas ainda não em condições de deixar o seu lar, onde permanecia em cuidados constantes.

— Ela está bem sim, na medida do possível. Eu só peço que você não se escandalize. — E pela primeira vez, eu notei meu namorado um pouco sem jeito, desviando o olhar.

— Está tudo bem. — Respondi, colocando a minha mão sobre a dele. — Não se preocupe comigo. Não vou me escandalizar nem julgar a sua família. Fico feliz por você me deixar fazer parte dessa esfera da sua vida.

Nesse momento, ouvimos o ministro de louvor dar as boas-vindas,

avisando que o culto iria começar. Entramos no salão principal da igreja e eu logo localizei o coque alto, ruivo e ondulado da Laura. Ao lado dela havia duas cadeiras reservadas. Uma com uma Bíblia, outra com um mísero marcador de páginas. Nos esgueiramos entre as demais pessoas da fileira e nos posicionamos ao lado dela.

Fechei os olhos e deixei a letra da música me invadir. Eu nem havia percebido o quanto estava precisando me esvaziar do meu próprio barulho. Precisava de um tempo com o Senhor.

A SOGRA

Guilherme me levou direto para casa depois do culto da noite anterior. Eu estava tão emocionada com a ideia de almoçar na casa dele que nem quis sair para jantar. Pretendia dormir cedo para ter uma noite de sono adequada e acordar bem-disposta no dia seguinte.

É claro que eu fiz de tudo, menos dormir. Consegui escolher um look depois de tirar umas 50 peças do armário. No fim, optei pelo mesmo combo de calça jeans e camisa branca que funcionou na entrevista de emprego da Petit. Nos pés, calçaria um mocassim baixo em tom nude, discreto. Para completar o look, separei relógio, colar delicado e brincos pequenos dourados. Tudo bastante sutil, estilo Kate Middleton depois de entrar para a realeza. E já passando da minha hora de dormir, ainda organizei os produtos de beleza que usaria no dia seguinte. Um exagero. Eu sei. Deixei tudo enfileirado na bancada de minha penteadeira na ordem de uso. Percebi que já estava pirando e fui escovar os dentes para tentar descansar um pouco.

Eu não costumava ficar nervosa para conhecer pessoas. Muito menos tão preocupada com a minha aparência. Mas só conseguia pensar em causar uma boa primeira impressão aos meus futuros sogros. Fora isso, a família do Guilherme era... Não sei se posso chamar de rica, mas definitivamente tinha uma vida financeira bem confortável. Também tinha a questão de serem cristãos tradicionais a gerações. Eu queria me sentir segura ao adentrar esse

território intimidador.

A minha família era simples, de classe média e sem frescura, sabe? Meu pai, apesar de hoje ser pastor, nem sempre foi cristão. Se converteu depois de adulto. E mesmo depois de assumir um cargo na igreja, ele definitivamente é mais gente como a gente se comparado ao senhor Marcos, que parece sempre responder as pessoas citando um versículo bíblico. Apesar de estar namorando com o seu filho há doze meses, troquei com ele poucas palavras. Não fossem alguns olhares observadores eu diria que ele nem sabia do nosso relacionamento... E, bem, isso não ajuda a me sentir exatamente confortável ao me inserir em seu lar. Mas, o Guilherme me convidou e isso deveria bastar. Certo?

No domingo de manhã saltei da cama ao primeiro toque do despertador. Fui correndo para o banheiro como se estivesse atrasada e, por ter deixado tudo tão preparado na noite anterior, terminei de me arrumar em cerca de cinco minutos. Quarenta e cinco minutos antes do horário que eu precisava sair de casa. Aproveitei para tomar um café da manhã com calma e ler um capítulo da Bíblia para acalmar os nervos.

Cheguei na igreja alguns minutos antes da hora, me servi de mais um café e me sentei em um dos bancos de madeira da recepção cumprimentando ocasionalmente os rostos familiares. Guilherme e o pai chegaram logo em seguida. O senhor Marcos era um homem imponente. Estava sempre vestido com ternos elegantes. O cabelo, loiro como o do filho, era impecavelmente alinhado e a barba meticulosamente feita. Era um pouco

mais corpulento do que o Guilherme e andava com a postura alinhada e a cabeça erguida. Talvez um reflexo dos seus anos no quartel. Soube que ele tinha uma carreira militar promissora, mas o pai o convenceu a largar tudo para assumir o ministério da família em sua cidade natal. Depois acabou sendo transferido para uma igreja maior da mesma convenção e foi fazendo o seu nome no meio cristão. Aparentemente, todas as igrejas por onde ele passava, prosperavam. Era como se ele tivesse um chamado para expandir ministérios. E foi assim que chegou à nossa comunidade. Eu sei que é estranho me referir a ele como “senhor Marcos”, mas, se você o conhecesse, entenderia que não há meios de tratar uma figura dessas com informalidade. Dessa vez, quando me viu, deteve o olhar por um período um pouco maior do que o de costume e meneou a cabeça com um aceno breve. Seu rosto, no entanto, permaneceu sério. Sem sorrisos amistosos. Engoli em seco. Guilherme veio ao meu encontro enquanto o pai seguiu para o salão de culto.

— Ainda dá tempo de desistir... — Brincou.

— E perder a oportunidade de conhecer a sua mãe? Jamais!

— Ela é de boa... Ela só não gosta de julgamentos, sabe?

Eu assenti, tentando imaginar quem em sã consciência julgaria uma mulher em tratamento de uma doença mental. Laura e outros amigos adentraram o hall, barulhentos, e se juntaram a nós. Ficamos conversando sobre qualquer coisa até o culto começar.

Confesso que foi difícil me concentrar na palavra. Sentia uma

sensação estranha, de que algo estava errado, eu não sabia explicar. Deveria ser só ansiedade.

— Irmãos, Deus fala conosco o tempo todo. Quando não estamos sensíveis para ouvi-lo diretamente, ele usa pessoas. Um amigo, um estranho na rua... Ele usa situações, circunstâncias... E por mais que o seu coração ande endurecido, quando você menos esperar irá pensar: Opa! Isso aqui não está acontecendo por acaso. É um aviso. Só pode ser. E se for mesmo de Deus, Ele irá confirmar. — Dizia o pastor, ilustrando uma passagem lida na Bíblia. Olhei para o Guilherme e gostei do fato de ele nem ter percebido, de tão compenetrado que estava.

Quando o culto terminou, fomos até o pátio da igreja esperar pelo meu futuro sogro. Iriamos todos juntos em seu carro. Eu tentava aparentar calma, mas sentia minhas mãos suando frio. Finalmente vimos ele atravessar a porta da igreja e se aproximar.

— Acho que já era tempo de nos conhecermos um pouco melhor. — Ele disse, enquanto me estendia a mão para um aperto firme.

— Acho que sim. — Falei, sem jeito, tentando sustentar seu olhar penetrante.

— Vamos entrando, por favor.

Estranhei um pouco quando Guilherme abriu a porta e se sentou no banco da frente, ao lado do pai, me deixando sozinha no banco de trás. Mas, apesar do pouco cavalheirismo, julguei que realmente seria melhor assim.

Seria isso ou tratar o pai dele como um mero motorista, conosco sentados juntos no banco de trás. Ou, pior ainda, eu me sentar ao lado do senhor Marcos — só a ideia me causou um arrepio.

— Me conta, Júlia. O que os seus pais fazem?

— Meu pai é pastor. O Guilherme não te contou?

— Não. Acredito que nunca falamos a respeito... — Ele deu de ombros, como se não tivesse importância. — Pois bem, filha de pastor. E sua mãe?

— Só esposa de pastor mesmo... — Falei rindo, imaginando que ele entenderia o quão comum é a esposa ficar na retaguarda quando o marido assume um ministério.

— Entendi... — Ele respondeu sério, fazendo questão de manter a geleira entre nós — É grande a igreja deles? Quero dizer, é um ministério bem estabelecido? É herança de família ou algo assim?

— Ah, não... Meu pai se converteu quando adulto. Ele não veio de uma família cristã. Começou esse ministério do zero. Era só um ponto de pregação na chácara de uma conhecida e começou a crescer até eles alugarem um salão pequeno. Mas continua sendo uma igreja bem familiar, com poucos membros. É numa cidadezinha do interior...

— Um ministério de garagem numa cidadezinha no interior. Entendi. — Ele resumiu. Olhou para o filho com ar inquisitório. Guilherme fingiu que não percebeu.

A conversa morreu ali e fizemos um longo e silencioso caminho até chegarmos ao portão de um luxuoso condomínio da zona sul.

— É aqui que você mora? — Perguntei ao meu namorado, perplexa.

— É sim. Desculpe não trazer você aqui antes...

— Não, não é isso. Não tem problema. Eu só imaginava algo mais...

— Cidadezinha do interior? — O pai dele completou. Ok. Ele até poderia ser o bambambã da igreja e pai inacessível do meu namorado, mas eu estava começando a me sentir um pouco ofendida. Ele estava intencionalmente tentando menosprezar a simplicidade da minha família? Decidi relevar para não arruinar esse encontro.

Estacionamos em frente a uma mansão de estilo americano. Por estarmos dentro de um condomínio de casas, não havia grades e nem portões, apenas um gramado verde milimetricamente aparado, contornando uma calçada que desembocava em uma varanda imponente. A construção toda branca tinha telhados em diferentes níveis, dando a impressão de que adentraríamos em um pequeno castelo.

Chegamos à porta de entrada e ela se abriu de supetão, revelando uma figura esbelta, de cerca de 60 anos, usando um conjunto de calça, blusa e kimono brancos. O tecido suave e acetinado com caimento perfeito passava um ar de realeza. Os cabelos loiros com corte Chanel perfeitamente

escovados e os traços suaves do rosto pareciam ter saído de uma propaganda de produto antirrugas. A mãe do Gui parecia uma modelo. Não só quando jovem, ainda hoje. Apesar da elegância, um detalhe na composição do look me deteve. Tilintava em sua mão um copo cheio de gelo, completo por um líquido marrom-dourado.

— Whisky? — Perguntou ela, sagaz, ao perceber meu olhar curioso.

— Mãe! — Guilherme interferiu, com tom de repreensão. Ao menos confirmou que aquela senhora era mesmo a sua mãe.

— Não, obrigada. Eu não bebo. — Respondi, sem conseguir tirar os olhos do copo.

— Tem certeza? — Questionou ao perceber que eu continuava hipnotizada pelo líquido.

— Desculpe. Só estou surpresa. Pensei que a senhora não podia beber...

— Ah, querida, não se preocupe. Eu já completei 18 anos. — Respondeu, sarcástica, enquanto se virava, fazendo com que o kimono fluido a seguisse pairando pelo ar. — Entrem, entrem. Não vamos ficar conversando aqui na porta.

— Pensei que ela não pudesse beber! — Sussurrei ao Guilherme, enquanto começávamos a caminhar. Ele fez um sinal negativo com a cabeça, a expressão bastante tensa. Entendi que era para eu deixar para lá. A cada

segundo que passava, entendia mais por que ele nunca havia me levado para a sua casa.

Tentei parar de processar todas as informações que estava recebendo e foquei no ambiente à minha volta. Eu nunca tinha visto nada parecido. O hall de entrada era decorado com um papel de parede ousado, com estampas graúdas e detalhes dourados. Um aparador de madeira apoiava um vaso enorme com um arranjo de flores naturais. Ao lado do vaso estavam posicionados outros objetos decorativos imponentes. Coisa de revista de casa e decoração. Saindo desse espaço de boas-vindas, adentramos uma sala de estar ampla com pé direito duplo. Um conjunto de sofás brancos estava posicionado em torno de uma lareira. Era uma explosão de beleza e sofisticação em todos os ângulos. Pendendo no centro do espaço havia um lustre de cristal imenso. A peça brilhava sob a luz natural emanada através de portas de vidro. Estas, por sua vez, exibiam um jardim digno de ser retratado num quadro de paisagem realista. Pendiam do teto cortinas bege inteiramente bordadas que remetiam a algo exposto no Palácio de Versalles. De repente, a minha calça jeans com camisa branca parecia insuficiente para almoçar com os sogros. Deveria haver um *dress code* para visitar casas assim.

Nossa anfitriã apontou para os sofás e pediu para ficarmos à vontade. Sentei-me da forma mais elegante possível, evitando me encostar nas almofadas impecavelmente afofadas. Alguns segundos de silêncio pairaram no ar e, achando a falta de diálogo insuportável, puxei a frente na conversa perguntando como ela estava se sentindo.

— Muito bem, obrigada. E você, querida? Aliás, acho que você não me falou seu nome.

— Eu sou a Júlia... — Respondi desconfortável por ela não conseguir se lembrar do nome da namorada do filho. Coitada.

— Eu sou a Sara. Muito prazer.

— Sim, eu sei... Quero dizer, o Guilherme já me falou da senhora.

— Tenho certeza de que já mencionei o nome da minha namorada para você também, mãe. — Disse o Gui, ríspido.

— Pode ser. Eu não sou muito boa em guardar nomes de estranhos. — Respondeu. — Mas estou muito bem, Júlia. Obrigada por perguntar.

— Ah, que bom. Eu sei como pode ser difícil enfrentar esse tipo de coisa sozinha. Então só queria dizer que se você precisar de companhia, de alguém para conversar, tomar um café... Eu estou à disposição. — Falei, tentando voltar a ser eu mesma e estender um pouco de gentileza à minha futura sogra.

Ela mordeu os lábios e deu um sorriso que não consegui decifrar.

— E que “tipo de coisa” eu estaria “enfrentando” mesmo?

Senti meu peito gelar. Será que eu toquei nesse assunto cedo demais? Será que ela não gosta que falem sobre o seu quadro de saúde e era para eu ter fingido que não sabia de nada? Será que ela não tem consciência da sua situação? Minha mente começou a girar. Com a minha falta de resposta, ela emendou:

— Por que essa garota está falando comigo como se eu tivesse alguma doença terminal? — Perguntou se dirigindo ao marido, visivelmente irritada.

Ele olhou para o Guilherme e bufou, obrigando-o a assumir a conversa:

— Mãe, as pessoas na igreja começaram a questionar o motivo de você não ir aos cultos com a gente. Então o papai falou que você estava lidando com uma questão de saúde mental.

Eu sentia meu coração palpitar.

— Questão de saúde mental? — Ela repetiu, caindo numa gargalhada.

— Não deixa de ser verdade... Você não estava tomando uns comprimidos para ansiedade ou algo assim? — Argumenta o senhor Marcos.

— Ah, Marcos. Me poupe! Não acredito que o ansiolítico superleve recomendado pela minha ginecologista para ajudar a me adaptar à menopausa possa me enquadrar na categoria ‘paciente com transtorno mental’. — Rebateu ela.

Guilherme escondeu os olhos com uma das mãos, deixando a cabeça cair para frente em sinal de derrota.

— Com licença, o almoço está servido. — Anunciou uma funcionária simpática que, do meu ponto de vista, surgiu do nada. Ela estava vestida com aquele uniforme clássico de empregada, é claro. Não esperava

nada menos do que isso nessa casa. Um tubinho preto na altura do joelho, com mangas curtas e gola branca, acompanhado por um avental branco adornado com renda, amarrado na cintura. Parecia até uma fantasia. Nunca tinha visto alguém vestir um traje desses na vida real.

Eu olhava para o Guilherme atônita. Eu entendi direito? A mão dele não tem nada e ele mentiu para mim esse tempo todo? Não conseguia entender.

Sara foi a primeira a se levantar. O marido a seguiu. Em seguida, Guilherme e eu. Todos em silêncio rumo à mesa posta digna de um banquete real. Por um tempo, mordiscamos sem vontade alguns canapés e queijos caros, servidos de entrada, em silêncio. Só se ouviu uma voz humana quando a mesma funcionária que nos chamou antes perguntou se poderia servir a salada. Dona Sara fez que sim com a cabeça. Resignada com o fato de que não haveria nada de bom para extrair daquela experiência, eu só pensava em ir para casa. Encarava meu *sousplat* cabisbaixa.

— Bom, Júlia. Quais são as suas intenções com o meu príncipe? — Sara, por fim, iniciou um diálogo. — Fiquei sabendo, recentemente, que vocês já namoram há um ano. Por que você nunca veio dormir aqui em casa? Onde vocês se encontram?

Mais uma pergunta incômoda que eu não sabia bem como responder. “Meu Deus, esse encontro ainda teria como piorar?”, pensei. Olhei para o Guilherme em busca de ajuda, mas ele continuou comendo como se não tivesse notado.

— Nós nos encontramos na igreja, às vezes saímos para comer, vamos ao cinema... Mas ainda não dormimos um na casa do outro.

— Ah, é verdade. Você também é da igreja... — Ela respondeu, sem conseguir evitar uma careta — E você? Gostaria de saber algo sobre nós?

Ah, tantas coisas..., mas ousei perguntar somente o essencial:

— Me desculpe se eu estiver sendo intrometida, mas por que a senhora não vai à igreja?

— Hum... Direta ao ponto. Não muito perspicaz, porém... Caso não tenha notado, meu marido e eu não temos o melhor relacionamento do mundo. E não tem aquela coisa de ser “sacerdote do lar”? — Ela perguntou, desenhando as aspas com um movimento de dedos. — Que o marido deve amar a esposa como Cristo amou a igreja? Eu fui criada na igreja, sei de todas essas coisas. O problema do meu marido é que ele ama todas as mulheres, menos a dele. Todas as que lhe dão oportunidade, ao menos.

Então era traição o problema... Pensei comigo mesma. Mas apenas assenti com um aceno de cabeça. Eu nunca imaginaria algo assim do senhor Marcos. Se bem que nunca me aproximei o suficiente para descobrir, nem me interesso em saber desse tipo de coisa.

— Me admira que o Guilherme nunca tenha compartilhado essa nossa situação contigo... — Sara continuou. — É claro que não está no papel dele falar das escolhas do pai. Mas... Deus usa qualquer um para trazer a

verdade à tona. Até mesmo as pessoas mais improváveis.

— É verdade. E Ele usou. — Respondi.

Senti, pela primeira vez, o rosto de Gui se voltando para mim. Dessa vez fui eu que me concentrei em minha salada como se não houvesse nada mais ao meu redor.

Terminamos o almoço mais longo da história e, finalmente, Guilherme anunciou que me levaria para casa, inventando que eu tinha outro compromisso.

— Júlia, não sei nem o que dizer... — Ele começou, assim que atravessamos a guarita do condomínio. Minha mãe é uma pessoa muito difícil.

— Sua mãe?

— É. Ela tem esse jeitão direto e debochado de falar as coisas e acaba sempre criando essas ‘tortas de climão’.

— Sua mãe foi o menor dos problemas, Guilherme. — Respondi, indignada.

Ele fez cara de “ué”, franzindo a sobrancelha e me lançando um olhar breve, logo voltando a prestar atenção no trânsito à nossa frente.

— Pelo que percebi ela é a única pessoa da família que não tem problema em falar a verdade.

— Ah, isso. Sabia que você ia ficar chateada. Eu não contei nada

sobre os dois porque não cabia a mim, como ela mesma falou... E é complicado com o cargo do meu pai. Esse negócio de estar sempre mantendo as aparências. Você sabe.

— Não. Eu não sei. O que me pareceu é que você, muito convenientemente, acobertou as mentiras do seu pai para proteger a imagem perfeita de vocês a qualquer custo. Como você pôde deixar ele mentir sobre a sua mãe ter uma doença mental na frente de toda a igreja?! Vocês subiram no púlpito para falar isso, pelo amor de Deus.

— Não foi bem uma mentira... Ela tomava um remédio para ansiedade.

— Você realmente acredita nessa desculpa esfarrapada ou só está usando ela para se sentir menor pior? Eu conheço uma dúzia de pessoas na igreja que tomam remédio para ansiedade. Você sabe muito bem que vocês fizeram soar como se ela estivesse debilitada demais até mesmo para sair de casa! — Falei num tom mais alto do que eu gostaria.

— Acho que você também está precisando de um ansiolítico. — Ele disse, debochado.

Senti o meu rosto corar de raiva.

— Para o carro.

— O que?!

— Eu mandei parar o carro. Agora!

— Ficou maluca? Nós estamos no meio da avenida.

— Para esse carro, Guilherme!

Ele jogou o carro para a direita, aproveitando o recuo de um ponto de ônibus.

— Você sabe que está sendo dramática, né?

— Dramática? — Respondi, soltando um riso nervoso. — Sabe o que é pior, Guilherme? É que se você tivesse me contado a realidade sobre a sua família, eu teria ficado ao seu lado. Tentaria te ajudar a lidar com a situação da melhor maneira possível, te aconselharia a não se envolver e, muito menos, mentir para acobertar essa história. Mas você escolheu mentir não só para a igreja, mas para mim também. Pensei que não houvesse segredo entre nós.

Ele abriu a boca, mas não saiu nada.

— É, eu sei. — Emendei. — Obviamente eu estava errada.

Saí do carro, fechei a porta e me dirigi ao banco do ponto de ônibus. Ele me dirigiu um olhar indignado, acelerou a saiu, me deixando ali.

NADA A PERDER

Nota mental: Não dependa de transporte público aos domingos. Depois de esperar mais de 40 minutos naquele ponto de ônibus, me sentindo um cachorrinho abandonado na beira da estrada, desisti e chamei um carro de aplicativo. Eu estava longe de casa e não pretendia gastar tanto dinheiro, mas alguns dias pedem exceções. Foram 130 reais muito bem gastos.

Quando finalmente cheguei em casa já passava das 16h e, apesar do dia tumultuado, me sentia energizada. Deve ter sido a descarga de adrenalina do almoço e da discussão com o Gui ainda circulando pelo meu corpo. Aproveitei o gás e a ousadia de quem sente que já não tem mais nada a perder para finalizar a tal reportagem sobre sexo. Eu precisaria entregá-la no dia seguinte e, pelo teor do conteúdo, sabia que ficaria mais à vontade escrevendo em casa, longe de olhares curiosos. Chequei meu e-mail e constatei, aliviada, que todas as fontes já haviam respondido. Em pouco mais de 40 minutos de digitação frenética, finalizei o trabalho. Reli em voz alta, procurando por possíveis erros ortográficos ou de cadência do texto, salvei, enviei uma cópia ao meu e-mail corporativo e fechei o laptop, satisfeita.

Depois de um banho demorado e sentindo a adrenalina baixar, comecei a me sentir um pouco deprimida. Enviei uma mensagem para a minha amiga:

— Oi! O que está fazendo?

— Nada... Por quê? — Ela respondeu de pronto.

— Quer vir aqui em casa? Estou precisando de um ombro amigo. E de chocolate.

— Deixa eu adivinhar... Guilherme?

Enviei uma carinha mostrando a língua.

— Nem precisa responder. Esse moleque ainda vai me fazer perder o meu réu primário. — Ela digitou, me arrancando um riso. — Estou indo.

Emojis de coração.



O interfone tocou cerca de 40 minutos depois.

— Foi daqui que encomendaram 3 barras de chocolate?

— SIM! — Respondi ao seu João, o porteiro, que deve ter entrado na brincadeira da Laura.

Quando ela subiu e adentrou o apartamento eu a abracei aliviada.

— Você não existe! — Disse, um tanto emotiva.

— Ah, existo sim e estou prestes a te falar umas poucas e boas! Então pode tirar esse sorrisinho da cara. Mas, primeiro, passa um café para a gente comer esse chocolate e você me contar o que aconteceu.

Não consegui esperar o café ficar pronto para começar a desabafar. Enquanto o cheiro reconfortante tomava a minha pequena sala de estar separada da cozinha apenas por uma bancada americana, fiz um resumo do meu almoço de domingo insano.

— Eu estou chocada. — Minha amiga se limitou a responder, sentada em uma banqueta, debruçada sobre a pedra da bancada que nos separava.

Eu concordei com a cabeça erguendo exageradamente as sobrancelhas e arregalando os olhos.

— Resumindo, o presidente da igreja tem uma família toda errada enquanto paga de modelo de cristão perfeito, mentiu para toda a congregação para abafar o caso e o Guilherme foi conivente com tudo. — Falou mais para ela mesma do que para mim.

— Não acho que o Gui teve muita escolha... — Comentei despretensiosamente, enfiando dois quadrados de chocolate branco na boca de uma só vez.

— Ah, Júlia! Por favor! Não me diga que você ainda está pensando em passar pano para o “coitado do macho oprimido”! Devolve meu chocolate agora!

Peguei rapidamente a barra de chocolate da bancada e estiquei o braço para o lado contrário ao da minha amiga para impedi-la de alcançar.

— Eu estou falando sério, Jú. Não sobre o chocolate...

— Eu sei. Você me conhece, eu sempre consigo entender o lado dele. Para ser honesta, fiquei até com um pouco de pena pela situação toda. Imagina viver em um ambiente desses? Uma casa toda disfuncional, tendo que manter uma aparência de família perfeita na rua... Coitado, sabe?

Minha amiga bufou.

— Mas... Foi por isso que brigamos. Eu deixei bem claro para ele que não achei ok a parte da mentira. — Continuei. — E pensando bem friamente agora... Ele sustenta essa mentira há um ano, desde que nos conhecemos. E isso me faz questionar todo o resto. Vai saber no que mais ele mentiu sem que eu nunca desconfiasse?

Laura fez uma cara de triste, por empatia. Mas o breve momento em que o coração dela parecia amolecido foi interrompido por uma mensagem do Guilherme no meu celular.

“Chegou em casa?”, dizia.

— Por que ele está perguntando se você chegou?

— Espera aí... Deixa só eu responder que sim... É porque brigamos no caminho de volta e eu o fiz parar o carro e me deixar num ponto de ônibus na rua.

— Nossa, Júlia. Já deu dessa história, não acha?

O visor do celular se acendeu novamente.

“Que bom. Olha só, deixa eu aproveitar para falar uma coisa... Passei o resto da tarde pensando e acho que é melhor a gente terminar. Eu

não pretendo me casar tão cedo, queremos coisas diferentes e tal... Espero que entenda.”

— Parece que o Guilherme concorda com você, amiga. — Eu disse à Laura, virando o celular para ela ler a mensagem de término mais prática já digitada.

— Terminando o namoro por mensagem de celular. Típico. Sendo que em um ano inteiro de namoro vocês tiveram essa única briga. Uma única oportunidade em que você finalmente teve coragem de questionar o caráter dele. É tão Guilherme isso. Eu não esperaria nada diferente vindo dele. Mas, tenho que admitir que foi a melhor coisa que ele poderia ter feito por você. Apesar da entrega ter sido péssima, que fique bem claro...

Laura tagarelava tanto que demorou para perceber que as lágrimas já começavam a rolar pelo meu rosto.

— Ai, amiga! Me desculpa... Eu estou aqui. Vou ficar aqui com você essa noite. — Ela remendou.

Assenti com a cabeça e enfiei mais um pedaço de chocolate branco na boca enquanto chorava.

NOVA SEGUNDA-FEIRA, NOVA MULHER

Acordei sentindo cheiro de ovos. Laura já deveria estar ativa na cozinha. Decidi me trocar antes de encarar o dia. Escolhi um vestido cor-de-rosa bem alegre e feminino. Abri a porta do quarto e declarei um “bom dia” determinada a fazer com que, de fato, ele fosse bom (apesar dos pesares).

Minha amiga deveria ter acordado há pouco, pois ainda usava a camiseta preta desbotada com estampa do seriado Friends que emprestei para ela dormir. O cabelo ainda estava emaranhado, preso de qualquer jeito num coque desconstruído.

— Bom dia! Gostei da atitude ‘o choro dura uma noite, mas a alegria vem pela manhã’! — Ela respondeu, com um sorriso satisfeito. — E esse lookinho então? É a própria vitória com sabor de mel! Arrasou!

Dei uma voltinha no lugar com um pé só, fazendo a saia girar. Eu precisava caprichar no visual para ver se o ânimo se elevava junto com a autoestima. Não digo isso apenas pelos últimos acontecimentos da minha vida pessoal mas, principalmente, porque sabia que teria um dia desafiador no trabalho. Havia chegado o dia da entrega da minha primeiríssima (e espero que última) reportagem sobre sexo. Só de pensar nas possíveis reações da minha chefe, senti meu estômago dar um duplo mortal carpado.

Quanto ao Guilherme, talvez fosse um estágio de negação pós-término, mas, honestamente, eu sentia uma espécie de alívio. Como se soubesse que, por mais que as coisas tenham saído do controle, aconteceram como era para ser. Minha certeza de que Deus está sempre cuidando de tudo endossava esse pensamento. Agora, oficialmente solteira, eu poderia me dedicar ainda mais ao trabalho. E, quem sabe, finalmente parar de adiar os meus planos de fazer algo pela comunidade, algum trabalho voluntário ou algo assim... Queria me sentir mais útil e com algo que eu realmente amasse... Ainda não sabia bem o que poderia fazer, mas tinha esse desejo no meu coração.

Dei uma checada no meu visual completo no espelho da sala. Apesar de receber um salário modesto como jornalista, ser repórter de moda foi muito vantajoso para o meu guarda-roupas. As marcas costumam enviar amostras de peças das coleções novas para os repórteres que fazem a cobertura dos lançamentos, além de presentearem com vale-presentes generosos após os desfiles e *show rooms*. Um pequeno bônus laboral que eu, particularmente, achava incrível.

Prestigiei o ovo mexido da Laura, engoli uns goles de café e já comecei a recolher o celular, carregador, laptop, pen drive e tudo mais relacionado ao trabalho que encontrei pelo caminho. Depositei minhas coisas em uma bolsa enorme e funcional que mais se parecia com uma mala de mão. Era preta e imitava um couro de cobra e eu gostava de pensar que ela combinava com tudo.

— Amiga, tenho que ir. Fique o quanto quiser, depois deixa a chave com o seu João, da portaria. E ora por mim!

— Claro, amiga. Oro sim… Orar pelo que mesmo?

— Para que eu tenha emprego até o fim do dia.

— Certo… Espera... Como assim?

— Acho que não te contei, né? Mas agora não vai dar tempo de explicar. Nos falamos mais tarde. Beijo!



Nem larguei minha a bolsa e, antes que pudesse me sentar na cadeira, ouvi a chefe gritar: “Reunião!”. Ela saiu andando rumo à sala de reuniões do nosso andar sugerindo que o encontro aconteceria naquele instante. Todos nós a seguimos imediatamente. Em um minuto, a equipe inteira se aglomerava em torno da grande mesa oval. Com o pessoal acomodado, Maria Clara começou a falar:

— Como vocês sabem, o mercado editorial está em crise. Revista de papel não vende mais. Ou, ao menos, não dá mais dinheiro como antigamente... Enfim. Nós já vínhamos unindo esforços com a equipe do digital — e apontou a palma da mão para o meu amigo, Douglas, que aproveitou para fazer uma graça jogando exageradamente a cabeça para trás

para ajeitar os cachos da sua franja longa, sorrindo de orelha a orelha com a simpatia costumeira — mas, agora, oficialmente o nosso foco maior estará no site.

Após o balde de água fria sobre um bando de amantes do papel (eu inclusa), a sala foi tomada por um zum-zum-zum de murmúrios e cochichos.

— O que isso quer dizer na prática? — Continuou ela — Que a revista impressa será basicamente montada por artigos reciclados. As matérias que temos “na gaveta” que nunca entraram, reportagens antigas o suficiente para que as leitoras tenham se esquecido delas (contanto que sejam atemporais, claro). E reportagens feitas para o site que serão duplicadas na edição impressa.

O volume do burburinho aumentou e se tornou uma conversa coletiva na qual ninguém se entendia.

— Eu não terminei.

A sala se calou novamente.

— Tem mais duas coisas. A primeira: Como vocês sabem, o foco no site não é o texto escrito. Vamos começar a produzir conteúdo multimídia. Em formato de vídeo, galerias, vídeos curtos para fazer chamadas para as redes sociais... E para isso ser possível, toda a equipe de texto e design fará um treinamento. Segundo: Toda essa palhaç... — E apertou os lábios, tentando se corrigir. — Toda essa “inovação” será gerenciada pelo novo CEO da editora, o Sr. Alex Tâmara.

— Tâmara? Tipo da família do Sr. Otto Tâmara? Dono da coisa toda? — Questionou Léo, genuinamente impressionado.

— Esse não é o herdeiro misterioso que depois de uma passagem relâmpago pela editora, há uns dez anos ou algo assim, sumiu do mapa sem deixar rastros? — Acrescentou uma das Minions.

— O próprio. — Maria Clara respondeu, inexpressiva como um guarda do palácio de Buckingham.

— Ouvi dizer que ele é tipo o corcunda de Notre Dame, tão feio que nunca teve coragem nem de criar um perfil numa rede social... — Fomentou Larissa, uma das repórteres do site.

— Cala a boca, Lari! — Outras responderam, ameaçando arremessar canetas e blocos de nota contra ela em tom jocoso.

— É sério! Foi o que eu ouvi, ué... — Insistiu a menina.

— Alguma dúvida relacionada ao nosso trabalho? — Cortou MC, impaciente.

Ouviu-se algumas negativas.

— Ótimo. As novas diretrizes já valem para a próxima edição. Portanto, as matérias que vocês já estiverem desenvolvendo, continuem, mas já serão publicadas no site. Léo e Bruno, como vocês são os mais antigos da redação, ficarão responsáveis pela montagem da próxima edição impressa. No sistema vocês têm acesso a todas as reportagens já publicadas para serem reaproveitadas, e fiquem de olho no que será postado no site nos próximos

dias para escolherem algo que venha a calhar com o público do papel. Aprontem tudo pelo menos uma semana antes do dia marcado para a impressão na gráfica para eu ter tempo hábil de fazer os ajustes necessários.

— Sim, senhora! — Eles responderam em uníssono, como se ela fosse algum tipo de autoridade militar. Ela olhou para eles com sua típica revirada de olhos de desprezo.

— Amanda e Joana, já vi que a matéria de vocês chegou no meu e-mail. Ainda não abri, mas assim que eu conferir vocês já podem subir no site. O Flávio da TI vai auxiliá-las com o login da plataforma.

Elas assentiram com a cabeça.

— E, Júlia?

— Oi. — Respondi, meio atordoada com toda aquela conversa de site, escanteio da revista impressa e novo CEO corcunda...

— Sua matéria.

— Ah, sim. Eu esperava mesmo conversar com você a respeito dela.

— Conversar? Pois diga.

— Ahn... Aqui? Agora? — Perguntei, sentindo todos os pares de olhos da sala voltados para mim.

— Se você preferir pode checar a sua agenda. No seu tempo. Sem pressa. — Maria Clara rebateu. Ouvi algumas risadinhas abafadas.

— Certo.

Me ajeitei na cadeira e peguei o laptop de dentro da minha bolsa. Comecei a sentir palpitações enquanto digitava a senha para iniciar o computador e abrir o arquivo, sentindo uma impaciência palpável à minha volta. Quando o artigo finalmente surgiu na tela, virei o aparelho para a Maria Clara, sentada em minha frente. Léo, que estava ao seu lado, nem se deu ao trabalho de disfarçar e jogou o corpo todo para cima da chefe para enxergar o conteúdo.

— "Até que a morte nos separe – Por que o sexo no casamento é mais prazeroso". O que é isso? — Maria perguntou, sem esboçar reação.

— Bem, eu não consegui trabalhar com o tema sugerido. Então levei minha pesquisa para outro caminho...

— Outro caminho. — Ela repetiu, incrédula.

— A base é uma pesquisa sobre orgasmos. A maioria das mulheres nunca teve um. E entre as principais dificuldades para chegar lá elas relatam falta de intimidade com o parceiro, não se sentir à vontade, não sentir um envolvimento romântico... E, do outro lado, as que costumam ter orgasmos com frequência, relatam que está diretamente relacionado com o fato de ter um parceiro fixo e com o nível de intimidade e de comprometimento com esse parceiro. Eu cito aí também a pesquisa que fala que a maior parte dos clientes de sex shops é composta por pessoas casadas, que buscam itens para apimentar a relação. Inclusive, houve um crescimento na procura desses

produtos por casais evangélicos, e já tem até lojas destinadas exclusivamente a atender esse público...

Maria Clara olhou no fundo dos meus olhos, se levantou e, sem dizer palavra, saiu da sala. De todas as reações que eu presenciei ao longo do último ano, essa foi, sem dúvida, a mais assustadora.

— Foi bom te conhecer, Decidi Esperar. — Disse Amanda passando pelas minhas costas, dando dois tapinhas “amigáveis” em meu ombro.

Todos os outros começaram a recolher as suas coisas e se retirar. Eu estava tão sem reação que nem percebi quando Douglas puxou uma cadeira para se sentar ao meu lado.

— Você está bem? — Ele perguntou, me despertando do meu transe. — Não se preocupe com isso... Você sabe como ela é. Logo estará furiosa com outra coisa. Se servir de consolo, eu adorei a sua ideia. Nenhuma mulher aguenta mais essas dicas asquerosas que só servem para agradar os homens...

— Não é?! É exatamente isso que eu penso. Elas pregam tanto o empoderamento, mas, no fim das contas, não conheço nenhuma mulher que se sente realizada num relacionamento aberto como esse da pauta que ela inventou. Pode ser que seja só o meu ponto de vista conservador, mas... Fora que, convenhamos, uma matéria sobre sexo que ataca diretamente o casamento convencional é um desserviço, não é? Pelo menos, para mim. Posso até ser demitida, mas não queria sujar o meu nome assinando um texto desses.

Douglas permaneceu me olhando e acenando com a cabeça por educação.

— Desculpe o desabafo. Na verdade, estou bem tensa.

— Nada que um *milk shake* de Nutella não possa dar um jeito. Vem comigo!

— Mas são 9 horas da manhã! — Protestei, deixando um ronco engraçado escapar junto com a risada nervosa.

— Um café com leite com Nutella então. E cookies de macadâmia com chocolate branco da cafeteria com cara de casa de boneca que você gosta!

— OK! Já que insiste. Quem sou eu para recusar um café, não é mesmo? E Nutella. E cookies. Você sabe que a minha linguagem do amor...

— É comida. Eu sei. — Ele interrompeu.

Saímos abraçados pelo corredor para afogar as mágoas com calorias. Nem deu tempo de sair do prédio e uma mensagem apareceu no visor do meu celular. Era Maria Clara.

“Por que ainda não enviou a matéria pro meu e-mail?”

Quem sabe esse seria um café comemorativo, afinal.

PERSONA NON GRATA

Voltando ao meu polêmico artigo de estreia no site da Petit, eu não poderia estar mais feliz. Prestes a completar 24 horas no ar, já havia se tornado uma das matérias mais acessadas de toda a história da página. O post do Instagram contendo trechos do texto para atrair mais cliques havia viralizado e estava sendo compartilhado por diversos perfis grandes. Até uma influenciadora cristã que eu amo publicou em seus stories e gravou uma sequência de vídeos falando a respeito. Maria Clara poderia estar me odiando, mas, depois desse sucesso, não teria argumento para me demitir. (Eu acho).

Meu devaneio foi interrompido pelo seu chamado. Apesar de contente com o resultado, engoli em seco sem saber o que esperar desse encontro. Ela ainda não havia me dirigido a palavra desde a reunião no dia anterior.

— Oi, chefe. Sobre ontem, gostaria de esclarecer que eu não tive a intenção de te desrespeitar ou passar por cima da sua ordem...

Ela levantou a palma da mão até a altura do meu rosto para eu parar de falar.

— Eu não tenho tempo para esse discurso. Sua matéria foi bem recebida e nos colocou em primeiro lugar entre os sites jornalísticos do país. Bom trabalho. Mas não foi por isso que te chamei.

— Ah, obrigada! — Falei, aliviada. — E então? Sou toda ouvidos.

— Parece que a notoriedade do seu artigo impressionou o novo chefe, que é aficionado por esse mundo de tecnologias. Foi o que ele estudou quando decidiu que não estava satisfeito em ser herdeiro de um império e queria fazer mais da vida... Tecnologia da informação, inteligência artificial... Algo assim. Bem, ele pediu para estender a você um convite para o evento de posse dele.

— Sério? Evento de posse? Parece chique.

— E é. Será aqui na editora, no salão de festas. Vai ser tipo uma recepção, um boas-vindas para o CEO e alguns novos membros da diretoria. A princípio seria apenas para os chefes de departamento e convidados... Mas, por algum motivo que foge do meu entendimento, você foi uma das convidadas. Parece que ele quer conhecer o rosto por trás daquele ‘blá blá blá’ sobre fazer amor no casamento.

— Uau, eu... Nem sei o que dizer. Isso é incrível. — Respondi, ignorando os insultos camuflados na fala. — Obrigada pelo convite. Quando vai ser mesmo?

— No último sábado do mês, em três semanas. Vai cair no dia 28/09.

E dizendo isso, ela rodopiou na cadeira virando-se para a tela do computador, voltando a trabalhar como se eu não existisse mais. Aparentemente a minha cota de conversa havia se esgotado. Voltei para minha mesa comemorando por dentro pela oportunidade de participar de um

evento como esse.

A semana passou voando. Nós logo percebemos que o ritmo de produção para o digital era muito mais acelerado do que o de uma revista impressa. Enquanto na Petit tradicional costumávamos ficar com seis ou sete reportagens para trabalharmos em um mês inteiro, para o site a nossa meta era o dobro disso por semana! O conteúdo para o site podia ser menos aprofundado, é verdade, mas o ritmo em que precisávamos apurar fatos, entrevistar fontes, solicitar fotos e cobrir eventos era surreal.

Por um lado, foi bom que os dias tenham se atropelado. Afundada em trabalho, eu tive menos tempo para pensar no meu ex-namorado (ainda era estranho chamá-lo assim) e no nosso encontro iminente no próximo fim de semana, na igreja. Nós terminamos de forma tão abrupta e... feia. Esperava que pudéssemos tomar um café para conversarmos com calma e encerrar esse ciclo com mais dignidade. Nós dois merecíamos isso.

Eu falei no culto de jovens no sábado e, no domingo, cheguei na igreja uns 20 minutos antes do horário. Estava ansiosa. Primeiro porque aquele era o meu lugar de paz, eu amava estar na igreja. Mas, dessa vez, confesso, rever o Gui tinha um peso um pouco maior. Me sentei estrategicamente em um dos bancos da recepção de modo que eu enxergasse sem dificuldade quem adentrasse o recinto. Logo avistei o senhor Marcos chegando. Sozinho. E vindo em minha direção.

— Bom dia, Júlia! A paz do Senhor. Tudo bem?

— Bom dia, senhor Marcos! Tudo bem, sim. E com o senhor? — Queria a todo custo evitar o constrangimento de ele tentar se desculpar pelo nosso almoço fatídico, mas não sabia como me esquivar da conversa.

— Foi providencial eu te encontrar aqui. Estava mesmo querendo conversar com você. — E se sentou ao meu lado, esfregando as mãos nos joelhos, procurando as palavras certas. — Bom, acho melhor eu ir direto ao ponto. Como você pode ver, o Gui não veio à igreja comigo hoje. E falou que não voltará enquanto você estiver aqui agora que vocês... Decidiram trilhar caminhos diferentes.

— O que?! Não acredito. Tudo bem que nós nem nos falamos essa semana, mas não é para tanto... Eu esperava que a gente pudesse conversar hoje para terminarmos de forma mais amigável.

— Bem, você conhece o menino. É cheio de vontades... Está envergonhado pelo que você viu em nossa casa... — Falou quase cochichando, se certificando de que nenhum dos passantes nos ouviria. — Acho que talvez seja melhor assim mesmo.

— Melhor assim? Assim como?

— Bem, não é como se você tivesse família ou algo te prendendo aqui na igreja, não é? A sua situação é bem diferente da nossa. Você poderia facilmente migrar para outra congregação, e eu apoiaria a sua decisão. Toda a igreja, aliás. Podemos, inclusive, te chamar para orarmos por você no púlpito e abençoar essa nova etapa da sua vida.

— Calma aí! Que nova etapa? Que exagero! Eu não tinha intenção nenhuma de mudar de igreja.

— Pois é. Eu sei disso... Mas nunca sabemos quando Deus decide mudar as coisas, não é mesmo?

— Não acho que Deus tenha participação nessa decisão. — Respondi, nervosa.

— Ah, minha filha, você mesma disse que gostaria de resolver tudo isso de forma amigável, não é? E tem males que vem para o bem. Pensa um pouco: Você jamais arrumaria outro companheiro aqui depois de ter namorado o filho do presidente. Iria morrer solteira. Estou pensando no seu bem também.

Eu não consegui responder. Fiquei ali sentada, atônita, segurando firme com as duas mãos a Bíblia que repousava em meu colo. Encarando aquele homem me convidando a me retirar da igreja. Eu não podia acreditar.

— Bom dia! — Laura chegou para me salvar. — Estou interrompendo?

— Não, não. Acho que já nos acertamos, não é, Júlia? Bom dia para vocês! Tenham um ótimo domingo! — Senhor Marcos respondeu, erguendo-se do banco e caminhando com aquele sorriso político e a mão estendida em direção a um grupo de pessoas que estava chegando.

— Tá tudo bem, amiga? Parece que você viu um fantasma. — Laura comentou.

Percebi que estava trêmula e apontei em direção ao banheiro. Corri para a pia, apoiei minha Bíblia e minha bolsa em um trocador de bebê fixado na parede ao meu lado e joguei uma água no rosto sem nem pensar na maquiagem, que borrou. Enquanto respirava em ritmo rápido e tentava limpar a máscara de cílios com papel toalha, Laura me abraçou por cima dos braços. Senti uma lágrima escorrer em meu rosto. Desisti de me recompor e chorei tudo o que estava engasgado no abraço da minha amiga. Quando finalmente consegui falar e dar um resumo do teor da minha conversa com meu querido ex-sogro, ela só respondeu:

— Filho da... — E mordeu os lábios para não deixar escapar o palavrão.

Eu não fui embora. Primeiro, por birra. Mas, também, e não menos importante, eu estava na escala da projeção. Tinha a missão de projetar as letras dos louvores e os versículos bíblicos a serem lidos para a igreja acompanhar. E eu não iria dar nenhum motivo para o senhor Marcos poder me acusar, quaisquer que fossem os próximos capítulos.

O culto começou e o pastor anunciou animadamente que a abertura seria feita pelo presidente. O senhor Marcos subiu no púlpito sorridente, fazendo uma leve reverência com a cabeça ao pastor e aos membros da igreja, num gesto de humildade.

— Bom dia, meus queridos irmãos em Cristo. A paz do Senhor! Para mim é sempre uma honra e uma alegria estar aqui, servindo na casa do Pai. Eu trouxe uma palavra para partilhar com vocês. Eu vou pedir para a

projeção colocar aqui um trecho que está no livro de Efésios, capítulo 1, versículos 4 e 5. Diz assim: “Porque Deus nos escolheu nele antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em sua presença.” Só até aqui. Essa é a vontade do nosso Senhor. Que sejamos santos e irrepreensíveis em sua presença. Essa deve ser a nossa meta. Mas é claro que nem todos são assim. Alguns nunca chegarão a ser. E é por isso que, vez ou outra, Deus dá uma limpada nas igrejas. Vocês já viram isso acontecer? Quando de repente um membro que parecia estar acima de qualquer suspeita, simplesmente não volta mais? Ou uma família inteira, ou um círculo de pessoas deixa de vir à igreja? É Deus limpando.

Com a visão periférica, meus olhos captaram o movimento brusco do cabelo ruivo da Laura se agitando quando ela girou para trás, em minha direção. Ela abriu a boca e franziu as sobrancelhas, fazendo uma careta de indignação. Eu estava afundada na cadeira da projeção, escondida atrás do laptop antigo da igreja, estarrecida. Isso estava acontecendo mesmo? Este senhor, cristão, que era uma das maiores autoridades da nossa igreja, estava distorcendo um versículo bíblico para me dar uma indireta e confirmar que eu não era mais bem-vinda ali? Ele estava me oferecendo uma justificativa para eu deixar de ir à igreja? Tudo por causa do fim do meu namoro com o seu filhinho mimado? Não é possível.

Ele terminou a fala com uma oração e se sentou numa cadeira na primeira fileira. O culto seguiu normalmente. Comecei a orar em silêncio. Primeiro, pedi para Deus ajudar a conter as minhas lágrimas. Eu planejava

desabar mais tarde, na privacidade das quatro paredes do meu apartamento. Sem testemunhas. Aproveitei a conversa com meu Pai para pedir uma direção sobre tudo o que estava acontecendo.

“Senhor, eu não tinha a menor intenção de mudar de igreja. O Senhor sabe como essa confusão me pegou desprevenida. Não é do meu feitio ‘pular de galho em galho’. Mas, se for mesmo para eu fazer isso, se for da sua vontade que eu procure outra casa para congregar, me dê uma resposta direta, Senhor. Não quero uma mensagem que precise ser decifrada porque hoje eu não estou confiando na minha interpretação ou julgamento... Por favor, envie alguém para falar comigo, para que eu possa te ouvir alto e claro!”

O pastor interrompeu a minha oração silenciosa pedindo para eu projetar um versículo. Quase caí da cadeira quando ele deu a direção, a frase apareceu no telão em letras garrafais e ele leu em voz alta:

— “Saia deste lugar...”, em Êxodo 33:1.

“Senhor? Essa é a resposta de oração mais rápida da vida ou eu estou ficando louca?” — Perguntei, chocada.

Ao que o pastor termina a sua leitura e pede para a projeção pular para o verso 14: “Respondeu o Senhor: Eu mesmo o acompanharei, e lhe darei descanso.”

Quando estou na projeção acabo sendo uma das últimas pessoas a sair da igreja. Enquanto o louvor de encerramento despede os irmãos, eu permaneço lá, rodando a letra. Foi tempo suficiente para o pastor Lucas ir me cumprimentar.

— Oi, Júlia! Como você está? Nem consegui falar com você no início do culto.

— Oi, pastor! Tudo bem, e o senhor?

— Tudo bem, tudo bem mesmo? Senti você um pouco distraída hoje... Isso não é uma reclamação, viu? Só uma preocupação mesmo.

Senti meus olhos arderem e marejarem na sequência, mas aguentei firme. Suspirei e dei de ombros, desviando o olhar.

— Eu soube que o Guilherme e você terminaram o namoro. E creio que Deus tem um propósito para todas as coisas. Mesmo aquelas que a gente demora um tempo para entender... Há males que vem para o bem. — Ele disse, com um sorriso de cumplicidade. — Não se sinta mal por ele não ter vindo à igreja hoje. Talvez ele precise de um tempo. De oração...

— Eu não ia falar nada, mas já que o senhor tocou no assunto... Ele me mandou um recado dizendo que não voltará à igreja enquanto eu estiver aqui.

— Tudo bem. Essa seria uma escolha dele. Uma escolha lastimável, mas você não tem nenhuma responsabilidade sobre isso. Por

favor, não se sinta coagida a nada. Nem tome uma decisão precipitada.

— Pode deixar. Obrigada pela conversa. Acho que preciso de um tempo para absorver tudo.

— Vou estar em oração por você, Júlia. E se precisar de qualquer coisa, não hesite em me chamar. Deus abençoe.

Saí do salão principal da igreja e Laura me esperava no saguão de entrada. Nem precisei pedir para ela passar o dia comigo.

— E aí? Para onde vamos? — Ela perguntou, animada, enquanto começávamos a andar rumo à calçada externa.

— Ah, sei lá... Podemos almoçar naquela cantina perto de casa. Aquela do espaguete com molho de camarão, sabe?

— Não... Estou falando da nossa nova igreja.

— Mas já? E você mudaria de igreja comigo? Sua doida! — Respondi, rindo.

— E você acha que eu ia te abandonar sozinha, ‘desigrejada’, nessa cidade enorme? Eu já orei e já estou em paz com essa decisão. Se você topar, vamos juntas. De qualquer forma você é a única família que eu tenho aqui.

— Não me faz chorar de novo! — Falei, fazendo um beicinho de quem vai (re)começar.

— Sem choro! Pelo amor de Deus! Queixo pra cima, princesa, rainha, senão a coroa cai!

A referência me arrancou uma risada.

— Amiga, muito obrigada, sério. Eu não quero decidir nada hoje, mas imagino que seria mesmo difícil continuar aqui. Não pelo Guilherme, ele voltando à igreja ou não... a essa altura nem faria diferença. Acho que já superei essa “fase” da minha vida...

— Ô, glória! — Laura bradou, levantando as mãos ao céu.

— Mas pela família dele. Como eu poderia me submeter à liderança de um homem que claramente não vive o evangelho? Um líder que distorceu a palavra para alfinetar uma das ovelhas! É triste demais.

— Então, menina! Que loucura isso! Achei um absurdo também.

— Mas, ao mesmo tempo, eu sempre tive essa visão de que a igreja é como uma família, sabe? E como em toda família, tem pessoas com quem você não tem tanta afinidade, não concorda... Pessoas falhas, que erram, que pecam, como todo ser humano. Quem sou eu para julgar? Além disso, não sou inocente de pensar que em outra igreja não teria gente assim também. Sempre tem... E a gente está na igreja para buscar e cultuar a Deus, não pelos homens.

— É, isso é verdade... — Laura disse, e houve uma longa pausa silenciosa. — A única coisa que pode resolver essa questão é: O que Deus te falou a respeito de tudo isso?

Ela lançou a pergunta me olhando com um semblante divertido, tentando conter um sorriso. Parecia que já sabia a resposta. A Laura não tem

nada do estereótipo de crente, o que enganava muita gente. Mas eu sabia o quão íntima ela era de Jesus. Parecia ter um canal de comunicação aberto com Ele. Me limitei a sorrir de volta.

Estávamos quase chegando ao ponto de ônibus quando meu celular tocou. Era meu pai.

— Oi paizinho! Tudo bem, por aí?

— Oi, filha! Por aqui tudo bem! E aí? Quando você vem para casa para ganhar um colinho?

— E quem disse que eu preciso de colo? — Respondi, em tom de brincadeira.

— Ah... Você sabe. Um velho amigo... — Meu pai respondeu, sério. — Quer conversar?

— O senhor tem ideia do quanto é difícil não conseguir esconder nada do pai? — Perguntei, em tom de brincadeira. Ele riu do outro lado da linha. — Eu estou aqui com a Laura agora, mas te ligo à noite para falarmos com mais calma, tá bom?

— Combinado. Papai tá aqui, viu, filha? E Papai do céu também. Sei que Ele já está cuidando de tudo.

— Te amo! Até mais.

— Também te amo. Tchau.

O DIA EM QUE TUDO MUDOU

As últimas semanas voaram. Estive atolada de trabalho na editora. Não tive muito tempo para pensar na decepção recém-experimentada com a igreja. Eu tinha consciência de que precisava procurar outro lugar, mas não sabia por onde começar. Nem tinha a menor vontade, para falar a verdade.

O ponto positivo é que nos últimos dias, li a Bíblia e orei como nunca em busca de consolo e de respostas. Eu sabia que Deus estava providenciando tudo, como meu pai havia falado. (Ele também confirmou que haveria outro lugar preparado para mim). Então não posso dizer que estava vivendo uma crise de fé, mas, definitivamente, estava em crise com a instituição igreja. Passei os dois últimos finais de semana sem ir a um culto. O que, para mim, foi um recorde.

Num piscar de olhos, chegou o último sábado do mês. O dia da festa do CEO. Eu não estava no clima de comemoração, mas sabia que Maria Clara pouco se interessaria pelos dramas da minha vida pessoal. Então criei coragem, tomei um café bem forte e escolhi em meu armário um vestido elegante amarelo. Ele tinha uma saia longa e fluida. Nem muito simples, nem chique demais. Achei que seria de bom tom para o evento. Fiz ondas suaves no cabelo e apostei em uma maquiagem toda em tons de bege e marrom.

Uma cartela discreta, mas que evidenciava que eu estava arrumada.

Levei mais tempo do que o previsto para arrumar o cabelo que, segundo o tutorial da internet, deveria ser rápido e descomplicado. Discordo quanto aos adjetivos utilizados na descrição do vídeo. Saí de casa já no limite do horário, fui pedindo o carro do aplicativo enquanto descia no elevador. É claro que, especificamente neste dia, o motorista mais próximo estava a 15 minutos de distância! Depois dessa verdadeira eternidade parada no saguão do prédio, o carro chegou e encostou. Atravessei a primeira porta da guarita, que precisava ser totalmente fechada para que a segunda, de acesso a rua, fosse desbloqueada. Bastaram esses segundos de enclausuramento para eu ver outra pessoa entrar no meu carro e ele partir.

— Não! Esse carro é meu! — Gritei batendo na porta de vidro. Foi em vão para ser ouvida pelo motorista, mas alto o suficiente para receber um olhar rabugento do porteiro. — Desculpa, seu João. Era meu carro. Viu? — Tentei explicar mostrando o aplicativo aberto no celular na minha mão. Tornei a tela para mim bem na hora que a notificação de cancelamento da corrida apareceu.

Respirei fundo. “Calma, Julia. Nada acontece por acaso, lembra? Vai ver foi um livramento. É só pedir outro carro”, mentalizei. O próximo motorista estava há cinco minutos de distância. “Viu só? Vai dar tudo certo.”

Dessa vez esperei ali mesmo, em pé no meio da guarita. Achava perigoso esperar sozinha, à noite, do lado de fora. Mas ali eu estaria segura o suficiente para não ser assaltada ou assediada na rua, e perto o suficiente para

correr para o carro assim que ele encostasse.



Entrei na editora quase correndo, no ritmo que meu salto permitia. Quando cheguei à catraca, levei alguns segundos para processar que eu não sabia onde ficava o salão de festas da editora. Eu nunca havia sido convidada para esses eventos da diretoria...

— Por favor, onde fica o salão de festas? — Perguntei ao segurança.

— Você não trabalha aqui, não? — Ele respondeu, desconfiado.

— Trabalho, só não sei onde fica o salão de festas!! — Respondi ligeiramente irritada, batendo os pés apressadamente como quem está apertada para ir ao banheiro.

Ele reagiu ao chilique me medindo da cabeça aos pés. Fez alguns segundos de suspense e, enfim, soltou:

— É só pegar o elevador VIP. Vigésimo andar.

— Elevador VIP? Nós temos um elevador VIP?

Ele revirou os olhos e fez um sinal com a cabeça para eu segui-lo. Contornou a área dos elevadores principais, desbloqueou com seu crachá uma ou duas portas com aviso de “Acesso restrito” e me orientou a seguir o

corredor e virar na próxima direita.

— Que lugar é esse? Nárnia? Como eu transitei por esse prédio durante todos os dias úteis do último ano sem saber da existência desse corredor secreto? — Falei sozinha. Me lembrei de que o nosso elevador só vai até o décimo nono. Sempre imaginei que o vigésimo era uma casa de máquinas ou algo assim.

Chequei o relógio do celular, 20:20h. Estava oficialmente atrasada. Virei à direita a tempo de ver uma perna terminando de adentrar o tal elevador secreto.

— Hei! Segura o elevador! — Falei em voz bem alta.

A porta começou a se fechar e corri até lá. Antes que as duas folhas se encostassem, repeti irritada:

— Por-favor, segure-o-elevador! — Enquanto apertava o botão de abrir a porta no mesmo ritmo da fala.

Quando ela se abriu, vi um homem que parecia ter saído das páginas de uma revista depois de muito *Photoshop*. Ele era alto, moreno, com o cabelo cortado bem baixinho. Através do terno cor chumbo, dava para ver que tinha um porte atlético. E para completar a imagem desleal com o resto da humanidade, tinha um olho verde absurdamente claro e dentes perfeitamente brancos contrastando com a pele bronzeada e iluminando todo o seu semblante. Tentei me recompor.

— Custava manter a porta fechada?! — Disparei.

— Ahn... Eu tentei, você não deixou.

— O que?

— Você perguntou por que eu não deixei a porta fechada... — Ele justificou, com um sorrisinho sapeca.

Estalei a língua no céu da boca e retruquei:

— Ah, você entendeu! — E tentei disfarçar a vergonha.

— Me desculpe, não era nada pessoal. Eu só estou atrasado.

— É, eu também. Tá tudo bem. — Desconversei, já constrangida pela cena toda (e pela beleza do rapaz que, convenhamos...).

Trancada naquela pequena caixa metálica, ficou impossível não notar o quanto o homem era cheiroso. Imediatamente tentei bloquear os sentidos com um “Se controla, Júlia! Nem parece crente! O que é isso?” interno. Mais uma vez levantei o olhar em direção a ele, pouco antes do elevador mais lento da história chegar ao seu destino. Ele retribuiu com um sorriso simpático e um olhar magnético. Realmente encantador.

A porta se abriu bem em tempo para um senhor flagrar o nosso olhar furtivo. Não qualquer senhor. Levei alguns segundos para perceber que estava em frente a ninguém mais, ninguém menos do que Otto Tâmara, dono da editora e de um pequeno império da comunicação. Nunca tinha o visto ao vivo, somente em fotos.

— Ah! Até que enfim! — Ele falou em voz bem alta, abrindo os braços. Ele era um homem corpulento, com um cabelo loiro que parecia ainda

mais claro do que deveria ser o original graças a algumas mechas grisalhas. Estava todo penteado para trás, fixado com gel. Nenhum fio fora do lugar. Mas o que mais me chamou a atenção foram os olhos verde claros. — Vejo que você acatou a minha sugestão de trazer uma namorada à sua posse, filho. Bom garoto! — Completou, dando tapinhas nas costas do meu acompanhante de elevador.

— Filho? — Murmurei de forma quase inaudível.

— Pai, espera. — O bonitão falou. Mas o pai já havia começado a andar, fazendo um movimento de mão para segui-lo.

O novo CEO começou a andar atrás dele e eu parei onde estava, esperando que os dois tomassem uma distância segura. Não funcionou.

— Vamos, venha logo, menina. Não se acanhe. — O senhor Tâmara vociferou para mim do outro lado da sala, em meio a convidados e garçons equilibrando bandejas cheias de taças de champanhe.

Eu sorri envergonhada, fiz um meneio de cabeça e resolvi ir ao seu encontro. Não cogitei gritar no meio da festa da firma que não, eu não era namorada do seu filho, o novo CEO da empresa. Fazer o que o homem me pedia pareceu ser a escolha mais acertada naquele momento. O moço com quem briguei no elevador, meu novo chefe, me encarava com olhar divertido.

Quando finalmente os alcancei, me esgueirando em meio a outros convidados, o senhor Tâmara puxou uma faca não sei de onde e a fez tilintar batendo contra sua taça, pedindo a atenção de todos. E lá estava eu, a repórter

júnior com um ano de casa, posicionada ao lado de um dos maiores empresários do país e do seu filho, herdeiro da empresa, sendo observada por todos os demais presentes que abriram um semicírculo em nossa volta. “Oi, Deus, sou eu de novo”, clamei em silêncio.

Percorri brevemente o recinto com os olhos e me detive ao encontrar uma Maria Clara boquiaberta na multidão. Quando nossos olhares se cruzaram, ela fez uma cara facilmente traduzida para “Mas que raios você está fazendo aí?!”, a qual eu devolvi com uma franzida sutil de sobrancelha e uma leve dada de ombros como quem diz “Nem eu sei, te explico depois”. Tenho certeza de que nos entendemos, pois ela desviou os olhos para o início do discurso do senhor Tâmara, ignorando a minha existência, como de costume.

— Primeiramente, eu quero agradecer a presença de todos. E, principalmente, agradecer aos amigos do conselho e toda a diretoria por mais esse voto de confiança no meu trabalho e nas minhas recomendações. Minha família e eu nos preparamos durante toda a nossa vida para esse momento. Tenho certeza de que não será em vão. É com muito orgulho que apresento a vocês o meu filho, novo CEO da Editora Blue, Alex Tâmara.

Todos aplaudiram, inclusive eu.

— Ah, e claro, eu já ia esquecendo. Por trás de um grande homem, sempre tem uma grande mulher, não é mesmo? Hoje a companheira dele nos agraciou com a sua presença. — Concluiu, sorrindo e apontando para mim.

Ouviu-se mais aplausos e uma Maria Clara em completo choque.

— Muito obrigado, obrigado a todos. — Alex começou, tentando desviar o foco. — Faço minhas as palavras do meu pai. Agradeço o voto de confiança, e quero que saibam que farei tudo em meu alcance para manter a Blue como a maior editora do Brasil e, em breve, também a maior da América Latina.

Depois de mais alguns segundos de aplausos começaram os apertos de mãos, o volume das conversas voltou a aumentar e eu pensei que essa seria a deixa perfeita para fugir dos holofotes. Encontrei uma janela aberta e me encostei nela, sentindo o revigorante ar frio da noite acalmando meu rosto enrubescido. Respirei fundo e tentei me realinhar. MC me encontrou logo em seguida.

— Boa noite, senhorita Tâmara.

— Foi só um mal-entendido. — Comecei a explicar, balançando a cabeça em negativa. — Eu subi no elevador junto com o Alex, sem nem saber quem ele era, o senhor Tâmara nos viu juntos e pensou que eu fosse a namorada que aparentemente ele pediu para o filho trazer.

— Alex? Quanta intimidade... — Ela provocou.

— Não, nada disso... Na verdade eu nem falei com ele. Não depois de ter descoberto quem ele era. Só... Conversa fiada de elevador... — Menti, sentindo o rosto corar ao me lembrar que xinguei o herdeiro da editora por não ter bancado o ascensorista segurando a porta do elevador para mim. Que

gafe.

Um garçom se aproximou, minha chefe pegou uma taça de champagne e me alcançou. Eu agradeci e perguntei ao garçom se eles estavam servindo algo sem álcool. Depois de apresentar algumas opções, pedi um chá gelado.

— Ah, esqueci, beber é pecado. — Maria Clara falou quando o garçom se afastou.

— Não é, não. Não exatamente... — Respondi, sem a menor vontade de iniciar aquela conversa, já que a minha fé havia sido motivo de chacota por tantas vezes na redação.

— Então o que? — Ela insistiu.

— Na Bíblia não diz que é pecado beber. — Comecei, um pouco insegura, medindo as palavras. — Tanto que o primeiro milagre relatado de Jesus foi quando ele transformou água em vinho em uma festa de casamento.

MC assentiu parecendo genuinamente interessada.

— Mas na Bíblia fala para não nos embriagarmos. O que pode ser interpretado com algo parecido com “beba com moderação”. — Continuei. — Também fala que tudo nos é lícito, mas nem tudo nos convém. E ensina a não sermos uma pedra de tropeço na fé dos nossos irmãos. Então, particularmente, quando me abstenho da bebida, estou pensando nos jovens da minha igreja que me veem como uma inspiração, por exemplo. O que para mim pode ser só uma taça de champagne, para eles, mais novinhos, poderia

ser algo como um aval para beber porque a Júlia também bebe. Mas nem todos eles teriam essa consciência para a moderação que eu tenho. Talvez alguns acabassem sendo atraídos por esse mundo de bebidas, barzinhos e festas, se afastando do evangelho. Ou, ainda, essa atitude poderia desrespeitar pais ou pastores mais antigos que não admitem o consumo de bebida alcoólica por seus próprios motivos ou por terem recebido instruções diferentes... Enfim, esse assunto tem muitas camadas. Acho mais fácil dizer apenas que não gosto de beber. Mas não é pecado. — Terminei, com um sorriso sem graça.

— Você deveria dizer a verdade, Júlia. Achei essa fala tão autêntica... No fim, é uma atitude nobre da sua parte. E dá para ver pelo brilho nos seus olhos que você é apaixonada pela causa.

— Não sou apaixonada pela causa da bebida, especificamente. Mas apaixonada por Jesus, com certeza. — Respondi, impressionada por vislumbrar uma Maria Clara de guarda baixa. Pela primeira vez não me senti um ET falando sobre algo relacionado ao evangelho com ela, que nunca me dava abertura para isso. Bem, na verdade nunca conversávamos sobre nenhum outro tópico que não fosse relacionado ao trabalho.

— Você está bem? — Perguntei, notando nela uma postura diferente da habitual. Ela não parecia confiante como de costume.

— Estou. Só acho toda essa mudança um tanto assustadora. De repente, com todo esse papo de digital, me senti velha e obsoleta. Mas não espero que você entenda isso, ainda. Não com 20 e poucos anos. — Ela deu

de ombros, realinhou a postura e fez um aceno de cabeça para alguém que se aproximava. — Seu namorado está vindo aí...

Alex se aproximava de nós desfilando como um modelo de passarela, de blazer aberto, com as duas mãos enfiadas nos bolsos da calça.

— Alex, essa é a repórter responsável pela matéria sobre sexo no casamento que deixou nosso site em primeiro lugar no Brasil no início do mês... Fiquei de apresentá-la, mas, acho que eu perdi algo e já passamos dessa fase.

— Você? — Ele me perguntou, surpreso. — Sim, você sabe como são os relacionamentos hoje em dia, não é? Essa geração não quer esperar por nada. Nos conhecemos no elevador e decidimos namorar. — Ele brincou com a Maria Clara. Ela soltou um sorrisinho forçado, deixando claro que achou a piada sem graça. Pediu licença, virou as costas e se afastou de nós.

— Então essa é a sua chefe? Parece legal... — Ele arqueou as sobrancelhas para enfatizar o tom de ironia.

— Ah sim, tirando a total falta de humor e de empatia ela é ótima.

— Me lembrou muito o meu pai. Falando nele, tenho uma notícia boa e uma ruim. Qual você quer primeiro?

— Ai. Nessas situações a notícia boa nunca compensa a ruim... Mas manda a ruim primeiro, vai.

Ele riu mordendo o lábio inferior.

— A ruim é que a empresa vai precisar de você por um pouco mais

de tempo essa noite...

Franzi o cenho sem entender.

— E a boa? Quero ver compensar essa hora extra não remunerada...

— A boa é que depois desse coquetel alguns membros mais importantes da diretoria, leia-se, os que investem mais — ele esfregou o polegar e o indicador para deixar bem claro que estava falando de dinheiro — terão um jantar privativo. Fecharam um restaurante só para eles. E eles esperam a minha presença e a da minha acompanhante, é claro.

Respirei fundo e prendi o ar, estufando o peito.

— E qual é a notícia boa mesmo? — Perguntei, sarcasticamente.

— A comida, oras! Restaurante bom, jantar grátis! A minha linguagem do amor é comida, então...

— O que você disse? — Interrompi.

— Ah... Não... Eu quis dizer... Não quis dizer no sentido amor, amor, sabe? É só uma brincadeira em relação àquele livro, das linguagens do amor.

— Sim, sim. Eu entendi. Só queria confirmar a sua fala porque eu sempre digo isso! Que a minha linguagem do amor é comida!

— Sério? — Ele riu, dessa vez, timidamente.

— Sério! E dito isso, saiba que eu nunca recuso comida boa e de graça. — Falei, dando uma piscadinha.

Seguimos para o restaurante em um carro da empresa. O novo CEO e eu compartilhamos o banco de traz depois de uma indireta do senhor Tamara, dizendo que os pombinhos deveriam se sentar juntos.

— Obrigado mesmo por estar fazendo isso. E por estar levando na esportiva. Essa noite era muito importante para o meu pai, e para os negócios da editora...

— Eu só estou aqui pela comida. — Brinquei.

— É sério. Muito obrigado. Prometo que vou te tirar dessa assim que possível.

— Tudo bem.

— Espero que isso não cause problemas com o seu namorado...

“Humm... Sério, senhor CEO? Jogando verde sobre eu ter namorado? Que previsível”, pensei. Mas só respondi:

— Ah, eu não tenho namorado. — O mais casualmente possível. — Mas, mudando de assunto. O que se fala em uma sala cheia de figurões do mercado editorial?

— Quando você descobrir, me avisa. — Ele respondeu, fazendo uma careta.

Logo chegamos a um dos restaurantes mais famosos da cidade. Daqueles com cinco estrelas, com chef renomado, sabe? Eu jamais sonharia em comer lá. Não enquanto doesse em meu bolso pagar mais de cem reais por uma micro salada de entrada, e estratosféricos trinta reais por um copo de suco de laranja! Naquela noite, porém, estava tudo liberado. Tudo na conta da empresa. Aproveitei a ocasião única na vida para pedir uma salada superfaturada, um prato principal com lagosta e uma sobremesa daquelas que vem com uma arquitetura moldada em açúcar por cima, que a gente nem sabe como faz para comer.

Logo percebi que, por mais intimidadores que homens poderosos de terno e relógio Rolex pudessem parecer, gostavam mesmo de uma boa fofoca de famosos — assim como o resto de nós, reles assalariados. Bastou duas ou três histórias de bastidores da revista para eles estarem às gargalhadas, interessadíssimos no que a “namoradinha” do novo chefe tinha a dizer.

— Fazia muito tempo que eu não me divertia assim. Ainda mais em uma reunião de negócios! Muito obrigado pelo prazer da sua companhia, Júlia. — Falou um dos diretores, cujo nome não consegui memorizar, enquanto se levantava para ir embora. — E você, seu Alex, tirou a sorte grande, meu filho. Não deixe essa daí escapar.

Ele sorriu, se levantou e apertou a mão do executivo.

— Você precisa ir ao nosso baile de gala. Quero te apresentar à minha esposa. Ela vai amar ouvir aquela história do elenco da novela. — Ele

voltou a falar, já de saída.

— Baile? — Perguntei, sem entender.

— E não aceito não como resposta! Alex, depois você passa o convite para ela, sim?

— Ah, eu não sei se ela poderá ir... — Alex respondeu por mim, tentando me liberar de mais uma noite de acompanhante fake.

— E você cogitou em ir sozinho? Seja homem! Um homem de negócios de confiança anda com a mulher ao seu lado. — Rebateu o velho diretor, sem dar chance para ser contrariado.

De longe consegui perceber o olhar inquisitivo do senhor Tâmara, fuzilando o filho. Alex sustentou o olhar de cabeça erguida, soltou um “Até logo” ao diretor e logo se virou em direção ao restante da mesa para uma despedida coletiva. Eu também me despedi e nos dirigimos, juntos, à porta de saída.

A minha promessa de ficar solteira no mínimo até o próximo ano se tornou uma lembrança distante e apagada quando Alex apoiou a mão nas minhas costas, me conduzindo com delicadeza até a saída. Sua mão tocou diretamente a minha pele através do decote das costas do vestido, e senti uma corrente elétrica me atravessar até chegar ao peito.

— E então, baile de gala? — Puxei assunto enquanto esperávamos o carro.

— Me desculpe por isso. Você não precisa ir.

— Tudo bem... Mas fiquei curiosa. Como será esse evento?

— É um baile em que várias empresas se reúnem para arrecadar dinheiro destinado a instituições sociais. Não é só da editora. Eu não sei muito bem dos detalhes, mas sei que participa aquela marca Zola... Conhece?

— Se eu conheço? É apenas a minha marca brasileira favorita! — Respondi, sem conter a empolgação.

— Então... A Zola vai fazer um desfile com a nova coleção. Sei que alguns famosos irão também. Parece que a Marília e o Bruno Albuquerque serão os apresentadores... Ok, esses seus olhos brilhando e a expressão de um labrador humano na sua cara significam que você quer ir?

Não pude conter uma gargalhada.

— Um evento com moda e famosos e com a oportunidade de eu usar um vestido de tapete vermelho? Óbvio que eu quero ir! — Respondi, rindo. — Mas não acho que seja apropriado...

— Por fingir ser minha namorada?

— É. Eu detesto mentira. — Falei sem rodeios. — Apesar da noite de hoje ter sido muito agradável, esse pequeno detalhe ficou me incomodando o tempo todo.

Ele me observou por um tempo sem dizer nada. Até, por fim, relevar:

— Eu já contei para o meu pai que você não é a minha namorada de verdade.

Eu abri a boca com uma expressão incrédula.

— Ele não deu a menor importância, contanto que eu mantivesse a compostura em frente aos seus preciosos diretores e investidores. — Concluiu.

— Bom, fico mais tranquila então.

Apesar do alívio por estar desvencilhada da mentira, bem no fundo senti uma pontinha de pesar pelo sonho de princesa ter acabado tão rápido. E nem era meia-noite.

— Então você pode ir sem peso na consciência. Como minha convidada, apenas.

— Já que insiste... — Respondi, animada.

— Ótimo. Te vejo no sábado, então. Aliás, nosso namoro foi tão rápido que nem peguei o seu número...

— Verdade. — E sorri, toda boba.

Digitei o meu número em seu celular, ele salvou e imediatamente me enviou uma mensagem.

“Oi, aqui é o Alex Tâmara, seu antigo e futuro namorado.”

Eu corei.

SÓ MAIS UMA SEMANA

Acordei no domingo como quem acorda de um conto de fadas. Se alguém tentasse me vender essa história da mocinha que conhece um CEO lindo, que acaba se revelando também interessante e educado, eu diria que é um baita clichê. Não que eu não seja fã de comédias românticas... Mas esse tipo de história não acontecia na vida real. Acontecia?

Saltei da cama, parei em frente ao meu guarda-roupas para me trocar e, por um segundo, comecei a escolher uma roupa para o culto. Velhos hábitos... Aparentemente meu inconsciente ainda não estava conformado com a ideia de eu ter sido praticamente expulsa da igreja por causa da benção do meu ex-namorado.

Descobri através de amigos em comum que, após apenas um culto sem eu ir, ele voltou a aparecer como se nada tivesse acontecido. Desde o primeiro dia estava sendo consolado pelo fim do namoro por algumas potenciais futuras namoradas. Uma ou duas semanas depois, já estava namorando de novo. Mas eu nem procurei saber dos detalhes. Realmente não me interessava.

Me importava mesmo era com a igreja. Custava ele seguir esse mesmo plano com a minha presença insignificante lá? A minha humilde existência realmente era tão ameaçadora para ele e a família? O que eles temiam? Vai ver é coisa de gente com o rabo preso, sempre desconfiando de

todos à sua volta...

Eu começava a me sentir um pouco deprimida quando meus devaneios foram interrompidos pelo som do interfone.

— Oi?

— Bom dia, dona Júlia! É aquela sua amiga. A ruiva.

— Pode pedir para ela subir, seu João. Obrigada!

Me enfiei numa calça jeans velha e desbotada e vesti uma blusa básica, de tecido canelado, bege. Sem graça como o meu humor, pensei. Não deu tempo de melhorar o visual e a Laura já batia na porta.

— Surpresa! — Ela disse, assim que abri para a receber.

— De fato, uma surpresa. — Respondi rindo. — O que você está fazendo na rua às 8:30 da manhã de um domingo, criatura?

— Eu vim para o culto, ué! — Falou, abanando uma Bíblia no ar.

— Que culto?

— O nosso primeiro e exclusivíssimo culto em casa! — Respondeu sorrindo de orelha a orelha.

— Amiga! Não acredito que você planejou isso! Eu estou emocionada, sério!

— Eu percebi que você estava meio para baixo nos últimos domingos, e imaginei que o motivo fosse a falta da igreja. Isso somado ao fato de você chorar todo domingo porque foi expulsa de lá. Liguei os pontos

e cheguei a essa conclusão... — Ela disse em tom irônico.

— Que astúcia!

— E... Ainda trouxe pães e docinhos da padaria para tomarmos um café da manhã depois! — Completou, revelando a sacola que até então estava escondida atrás do seu corpo.

Eu a abracei e arrastei para dentro do apartamento. Passei um café porque julguei ser aceitável incluir a minha bebida favorita em nosso culto doméstico. Nos sentamos na minha mesa de jantar de quatro lugares que ficava entre a bancada da cozinha e a sala de estar.

— Você sabe que eu não sou pregadora, nem nada. Mas separei uma palavra que queria compartilhar com você. Está no livro de Salmos, 139. Diz assim: “Senhor, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me sento e quando me levanto; de longe percebes os meus pensamentos. Sabes muito bem quando trabalho e quando descanso; todos os meus caminhos te são bem conhecidos. Antes mesmo que a palavra me chegue à língua, tu já a conheces inteiramente, Senhor. Tu me cercas, por trás e pela frente, e pões a tua mão sobre mim. Tal conhecimento é maravilhoso demais e está além do meu alcance, é tão elevado que não o posso atingir. Para onde eu poderia escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença?”. Jú, eu não acho que Deus planejou tudo isso que rolou lá na igreja. Você não merecia nada disso. Mas aqui diz que Ele está contigo em todos os momentos, em todos os lugares, sempre perto, sempre atento, sempre cuidando de você. Eu sei que você tem se sentido culpada por não estar indo no culto. Mas não há lugar

para fugir da presença de Deus. E não me entenda mal, eu sei da importância de ir à igreja, de sermos ministradas, de estarmos lá para cultuar à Deus, de vivermos em comunhão com irmãos em Cristo... Eu amo tudo isso e estou sentindo falta também. Mas creio que esse tenha sido apenas um tempo, um processo, e que logo Deus vai providenciar uma casa para estarmos e sermos bem recebidas, nos sentirmos acolhidas de novo... Nós vamos fazer a nossa parte e procurar. Mas tenho certeza de que o Senhor vai nos guiar... Você não vai falar nada?

Fiz que não com a cabeça.

— Por quê?

— Porque vou chorar de novo! — E mal terminei de falar e deixei rolar as lágrimas que eu estava segurando desde o início da leitura bíblica.

Nesse momento eu realmente sentia a presença de Deus palpável em minha casa, usando a minha amiga para me falar que continuava cuidando de mim, para eu acalmar o meu coração. Senti gratidão pela vida da Laura e, pela primeira vez em dias, descansei na segurança de que Deus estava preparando o melhor. Foi como tirar um peso das costas. Concluímos o nosso pequeno momento de estudo bíblico com uma oração e eu busquei os pratos para a nossa comunhão com as delícias que a minha amiga escolheu na padaria.

— Ah, eu já ia esquecendo. Como foi o teu evento do trabalho ontem?

Respondi com um olhar travesso.

— Que cara de safada é essa? — Ela estranhou.

— Amiga! Acabamos de sair do culto!

— Ai, tá bom. Que olhar misterioso foi esse? Melhorou assim?

— Melhorou.

— Então desembucha!

— Não é nada demais. — Tentei soar casual. — É que sem querer eu esbarrei com o novo CEO da nossa editora no elevador logo na chegada do evento, o pai dele nos viu juntos e imaginou que eu fosse a sua namorada e eu acabei passando a noite inteira com eles, inclusive participando de um jantar privativo só para executivos e investidores.

— Oi? Que dorama é esse?

— Não é?! Também pensei que parecia a história de algum filme ou série daquelas bem clichê! — Respondi rindo.

— E? Como termina essa trama?

— Como termina eu não sei... Mas o *plot twist* é que o CEO pediu meu número e me enviou uma mensagem assinando como “meu futuro namorado”.

— O QUE?! — Laura berrou.

— E eu vou acompanhá-lo em outro evento no sábado. Mas só pela oportunidade de ir a um desfile... — Completei, cerrando os dentes num

sorriso propositalmente forçado.

— Ahan, sei. Desfile.

— É verdade. Até porque, depois do Guilherme, estou de boa de filhos de presidentes. E mesmo que não fosse, preciso de um tempo solteira. As coisas não acabaram de uma forma muito legal, e ainda é recente...

— Amiga, vocês oficializaram o término há mais de um mês. Mas as coisas entre vocês haviam acabado há muito tempo. Aliás, nem deveriam ter começado, eu diria.

— Ok. Concordo. Mas tem o mais importante.

— O que?

— Por favor, não me julga.

— Xiii... Fala logo.

— Eu não namoraria um homem que não é cristão. Eu já tenho 24 anos e continuo virgem. Não vou abrir mão de me casar mantendo essa pureza justo agora, depois de esperar tanto tempo. Como poderia explicar isso a um homem que não compartilha da minha fé? E nem é só pela questão do sexo... Mas para mim é importante ir à igreja...

— Ah, jura? — Laura devolveu em tom debochado.

Respondi com uma careta e continuei:

— Você sabe que é muito mais profundo do que isso. A forma como levamos a vida, a forma como quero criar os meus filhos, como

gostaria de me dedicar mais à igreja... Talvez ele até entendesse se fosse um cara muito, muito, muito legal. Mas eu não quero ter de explicar ao meu companheiro que tudo que faço é guiado pela palavra de Deus e pelo meu amor a Ele. Quero que ele saiba do que se trata sem eu explicar. Que sinta esse chamado tão forte quanto eu. Quero ser inspirada pela fé do meu futuro marido. Quero que ele possa me ajudar nos dias em que eu estiver com dificuldade...

— Eu estava brincando com você, amiga. Entendo 100%.

— E outra, essa conversa toda é sobre um homem que eu vi uma vez na vida e que jogou uma cantada barata ao pegar o meu número, né? Não dá para criar expectativas!

Eu não acreditava em nenhuma dessas palavras e, ao pronunciá-las em voz alta, foi como se o meu coração protestasse com uma palpitação a tamanho disparate. As expectativas, definitivamente, já estavam criadas.

Laura e eu passamos o resto do dia juntas matando tempo. Tentei evitar olhar para o meu celular a cada cinco minutos esperando uma mensagem você sabe de quem... O dia acabou e ela não chegou.



Na segunda-feira fui recebida na editora com uma atenção muito

maior do que a habitual. Quer dizer, normalmente eu era ignorada solenemente. Então qualquer atenção era fora do comum. No caminho até meu cubículo percebi que todos me olhavam, alguns trocavam olhares maliciosos entre si, outros cochichavam. Olhei para minha roupa para ver se eu tinha derramado café sem querer e estava suja... Não era isso.

— Quem diria... A Decidi Esperar recorrendo ao velho truque da secretária que usa o chefe para escalar na carreira... E todo esse tempo você pagando de santa. — Amanda falou, finalmente, sem o menor constrangimento.

Fiquei sem ação. Então era isso. Os acontecimentos da noite de sábado já haviam se espalhado. É claro que viraria fofoca. Me senti tola por não ter previsto.

— Se você está falando do evento de recepção do CEO, saiba que foi um mal-entendido. A Maria Clara estava lá e pode explicar tudo.

— Mal-entendido, né? Então você não vai ao baile no sábado?

— Como você sabe disso?

— O convite está na sua mesa, e chegou junto com uma caixa enorme. Todo mundo viu.

Olhei para a minha mesa e de longe avistei a caixa branca com um laço preto elegante. Praticamente corri até ela, parei, um pouco ofegante pela excitação, olhei em volta e percebi que ao menos quatro colegas haviam me seguido com curiosidade para ver o conteúdo do embrulho. Então peguei a

caixa, depositei-a sobre um gaveteiro auxiliar, me sentei e liguei o computador para começar a trabalhar, arrancando um “aaah” de decepção coletivo.

— O que foi? É particular. Está endereçado ao meu nome, e não ao da revista. Vou abrir em casa.

Eu morreria lentamente de curiosidade ao encarar aquela caixa o dia inteiro? Com certeza. Mas a alternativa seria compartilhar aquele momento com as pessoas que acabaram de me difamar e de me chamar de interesseira por algo do qual eu nem tive culpa... Nem pensar.

Ao final do expediente segurei meu enorme presente misterioso com as duas mãos e me dirigi ao elevador sem olhar para trás. Com a visão periférica, senti vários olhares me fuzilando. No metrô nem quis me sentar. Apoiei as costas no final do vagão e fui em pé, equilibrando minha preciosa caixa, com dó de sujar o branco impecável ao encostar em algum banco empoeirado.

Cheguei em casa, coloquei o embrulho sobre a mesa de jantar e respirei fundo, tentando aproveitar ao máximo aquele momento de expectativa boa. Tirei uma foto da caixa fechada para prolongar essa lembrança e, por fim, desamarrei o laço. Abri a tampa e encontrei mais um embrulho de papeis finos, selado por um adesivo dourado com um brasão em alto relevo, imitando um selo de carta de reis antigos. Reconheci o símbolo na hora. Se tratava de uma das maiores grifes do mundo. Daquelas que faziam peças exclusivas e atendiam celebridades internacionais, somente com

hora marcada, é claro. Mesmo estando nesse meio da moda, eu nunca havia visto uma peça da marca ao vivo, só por foto. Descolei o selo com cuidado para não rasgar e afastei os papeis até encontrar um amontoado de tule cinza.

Com as duas mãos e com o mesmo cuidado de quem segura um recém-nascido pela primeira vez, retirei a peça da caixa. O tecido se desdobrou e revelou o vestido mais incrível que eu havia visto na vida. Talvez eu seja muito emocionada mas, quando vi a peça por inteiro, os meus olhos ficaram molhados. A parte de cima, bem justinha, parecia ser formada por voltas de tule que embrulhavam o corpo. Tinha um decote coração que emoldurava o busto. Da cintura para baixo se abria uma saia ampla, de estilo princesa, composta por camadas e mais camadas de tule. A sobreposição garantia o volume da peça, mas, ao mesmo tempo, conservava sua leveza e fluidez. Havia ainda uma espécie de top para sobrepor ao vestido. Este era feito de apenas uma finíssima e delicada camada de tule, e bordado com ramos dourados num tecido metalizado vivo, como se fosse ouro.

Eu experimentei e serviu como se tivesse sido feito para mim. No corpo, parecia ainda mais irreal. Os bordados subiam da cintura até um dos ombros, como se aqueles ramos encantados serpenteassem pelo meu corpo até formar uma manga só. No lado oposto, eles desciam formando um bico que escorria até próximo ao joelho na lateral da saia. Era romântico, ousado, moderno, chique, jovial, elegante... tudo ao mesmo tempo. Eu me sentia uma princesa.

No fundo da caixa, encontrei um papelzinho branco dobrado ao meio.

Estava escrito:

“Não é comida, mas espero que goste. Mal posso esperar por sábado. Com carinho, A.”

Senti meu coração bater mais forte. Peguei meu celular e enviei uma mensagem:

— Sobre sábado, eu já estou com a roupa de ir. Literalmente. — E acrescentei uma foto que revelava apenas parte do tecido com detalhes dourados.

A resposta chegou em poucos segundos.

— Ufa!! Você gostou? Eu já estava preocupado, pensando que talvez tivesse sido ousadia demais da minha parte...

— Eu amei! É maravilhoso! Não precisava de tudo isso... Mas obrigada!

— Posso admitir uma coisa?

— Claro.

O aviso “digitando...” permaneceu na tela por uma eternidade. Imaginei que ele estivesse digitando e apagando, talvez escolhendo bem as palavras...

— Eu passei o dia inteiro olhando para o meu celular de 5 em 5 minutos esperando uma mensagem sua. — E acrescentou uma carinha envergonhada.

A frase a seguir fui eu quem digitou e apagou algumas vezes. Por fim, decidi optar pela honestidade e enviar.

— Eu esperei desde ontem.

Ele respondeu com um coraçãozinho vermelho.

— Te vejo no sábado, Júlia. Eu terei que ir ao evento antes para tirar algumas fotos com meu pai e a diretoria, então vou enviar um carro para pegar você, combinado?

— Perfeito. Boa noite.

— Boa noite. — Ele acrescentou uma carinha enviando um beijo e um coração.

Fiquei como uma adolescente criando teorias do que os dois sinais poderiam significar, olhando para a minúscula foto em meu celular e suspirando. Se eu visse outra mulher adulta nessa situação, acharia no mínimo ridículo.

O BAILE

Mesmo de longe, ainda dentro do carro, a vista do castelo era impressionante. O local, inspirado nas imponentes edificações da monarquia francesa, comportava eventos importantes como formaturas, casamentos e o baile de gala dos magnatas da cidade. Canhões de luz iluminavam o jardim perfeitamente esculpido ao redor da calçada de acesso à porta principal. A entrada era imponente. Grandes pilares esculpidos guardavam uma porta imensa. Tentei espiar para dentro, mas um arranjo de flores descomunal, estrategicamente posicionado atrás das recepcionistas, escondia o que nos aguardava no interior do edifício. Me identifiquei, atravessei a porta de entrada, contornei as flores e fiquei boquiaberta com o que vi.

Percebi que o prédio havia sido projetado de forma que parecesse que entrássemos no segundo andar. Aquele hall, na verdade, era uma espécie de mezanino, e o salão principal ficava lá embaixo. A primeira visão dos convidados era a de um lustre colossal que deveria ter uns três metros de diâmetro. Era impossível os olhos não serem atraídos imediatamente para aqueles cristais refletindo luz para todos os lados. Eu nem sabia que existiam luminárias daquele tamanho.

Andei até o guarda-corpo do mezanino e observei a festa que já acontecia lá embaixo. Constatei que o arranjo com centenas de flores da entrada era apenas mais um em meio a outras dezenas que se espalhavam

pelo salão. Havia também painéis inteiros de flores, do chão ao teto. Um bom cenário para fotos, imaginei. Um DJ tocava uma música de fundo suave, estilo bossa nova.

Duas escadas, uma de cada lado do mezanino, desembocavam no andar principal. Escolhi a da esquerda e comecei a descer com cuidado, me segurando no corrimão, com medo de tropeçar no meu vestido de princesa. Lá pelo quinto degrau levantei os olhos e vi Alex, já posicionado ao pé da escada, me esperando. Ele estava com um smoking completo, um sorrisinho gentil no rosto e aqueles olhos verdes brilhando mais do que o lustre. Dei um sorriso contido, e no instante em que o nosso olhar se cruzou, começou a tocar: “Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, é ela menina que vem e que passa...”. Olhei para a mesa do DJ e, do outro lado da pista de dança, ele estendeu um dos braços para mim, sinalizando que a escolha do som não foi por acaso. Eu sorri timidamente, dei de ombros e voltei a olhar para o Alex. Ao chegar no último degrau ele estendeu a sua mão num gesto cortês para me ajudar a descer, e disse:

— Eu vou ter que demitir o DJ, mas ele tem razão. Você está... Deslumbrante.

— Acho que a festa vai ficar um pouco estranha sem música... — Brinquei. — Mas obrigada.

Eu ainda não sabia bem como me portar com aquela companhia. Ele era o CEO da empresa em que eu trabalhava. Não era meu chefe direto, eu não conviveria com ele, mas era o chefe da organização toda! E eu, apenas

um degrau acima da última categoria nessa cadeia. E há pouco tempo, já que não fazia muito que eu havia sido promovida de estagiária a repórter. Eu também ainda não conseguia entender se ele realmente estava interessado em mim, ou só estava aproveitando a minha companhia para manter o pai feliz. Também tinha a questão de ele não ser cristão. Todos esses pensamentos me atingiram de uma só vez. Era tudo repentino e intenso demais. Ainda bem que o pai dele logo chegou e interrompeu esse primeiro contato. Eles precisavam subir ao palco para dar abertura ao evento.

Me reuni à multidão e avistei Maria Clara, Amanda e Joana. Achei que seria de bom tom cumprimentar e me unir a elas, apesar de saber que não apreciariam a minha companhia.

— Esse vestido é de quem estou pensando?! — Joana disparou antes de me dar a chance de cumprimentá-las.

— Ah, como você entende de moda, imagino que sim...

— Magnífico!

— Obrigada. É mesmo. — Agradeci, ciente de que era a primeira vez que ela dirigia um elogio a mim. As outras duas concordaram me olhando dos pés à cabeça.

Os donos da festa começaram a falar. Alex e o pai representavam a editora, dividindo o palco com outros homens e mulheres de negócios. Eles deram as boas-vindas e fizeram uma breve apresentação das instituições que seriam beneficiadas pelo dinheiro arrecadado no evento. Depois, anunciaram

que as peças da nova coleção da Zola estariam disponíveis para serem compradas em primeira mão assim que o desfile terminasse. Parte do valor das vendas também seria destinado à caridade. Os convidados foram orientados a se dirigirem a um salão anexo, onde o show iria começar.

Nesse novo espaço, havia o clima típico das grandes semanas de moda. O ambiente estava escuro, iluminado por luzes indiretas suficientes apenas para localizarmos as fileiras de cadeiras em torno da passarela. Fumaça seca pairava discretamente contornando as paredes ao nosso redor, dando um clima fantasioso ao espaço. Ali, eram arranjos de flores secas, em tons de branco e bege, que davam o tom à decoração. Pendiam sob o teto nuvens brancas que pareciam ser de verdade. Vez ou outra elas se iluminavam e se ouviam sons de trovões.

Segui Maria Clara e as Minions até a terceira fileira, para as cadeiras identificadas com o nome da Petit. Estava esperando-as se ajeitarem para me sentar quando senti alguém segurar meu pulso. Era Alex, sussurrando um “vem comigo”. Ele deixou a sua mão deslizar até a minha e, entrelaçando os dedos, me puxou até a primeira fileira. Nos sentamos lado a lado e eu sorri para ele, encantada. Um pouco por causa do lugar privilegiado, mas, principalmente, pelo gesto explícito de intimidade e carinho.

Um barulho forte de chuva começou a soar pelas caixas de som e todas as luzes se apagaram. Eventualmente, nuvens se acendiam e relampejavam. Passados alguns segundos, canhões de uma luz branca

fortíssima iluminaram a passarela de uma vez, sincronizadas com a batida de uma música eletrônica. A primeira modelo entrou marchando no compasso do som. Exibia um vestido tão fluido que dava a impressão de que ela estava envolta por uma névoa suave, pairando e seguindo-a pelo seu caminho. Senti os pelinhos do meu braço se arrepiarem e os olhos marejarem, todos os sentidos aguçados por aquela performance incrível.

— Você está com frio? — Alex sussurrou em meu ouvido. Senti aquele arrepio se ampliar e percorrer o meu corpo todo.

— Não. Só fiquei emocionada. É tão lindo... — Respondi, sem me importar em soar brega ou deslumbrada.

Ele esfregou uma das mãos em meu braço, num gesto reconfortante. E eu fiz uma pequena oração silenciosa. “Obrigada, meu Deus”.

Quando o desfile terminou, deixei Alex me conduzir com a mão apoiada em minha lombar. Eu costumava ser meio arisca ao contato físico do sexo oposto. (Ainda mais no caso de ainda estar conhecendo a pessoa.) Mas com ele, era diferente. Além de parecer algo natural, que não causava constrangimento, eu me sentia inexplicavelmente segura.

Após atravessar a multidão, chegamos a um cortinado pesado guardado por dois seguranças. Parecia ser uma entrada privativa. Um dos homens em terno preto acenou educadamente assim que identificou o Alex, e puxou a cortina para passarmos. O tecido escondia uma varanda externa ampla, toda decorada com os mesmos arranjos florais do salão principal.

Varais com milhares de luzes pendiam acima das nossas cabeças e, bem no centro, estava montada uma elegante mesa de jantar para dois. Fiquei genuinamente surpresa.

— Você não pensou que eu iria te deixar sem comida, né? — Ele gracejou, puxando uma das cadeiras para eu me sentar.

Soltei uma risada espontânea. Realmente, eu já estava com fome.

— Eu planejei passar na hamburgueria da esquina na saída, mas isso também serve. — Brinquei.

Notei um risinho satisfeito e um brilho diferente em seus olhos.

— O que foi? — Perguntei.

Ele sinalizou para o garçom nos servir. O moço colocou em minha frente um prato coberto por um *clochê* dourado, e me fez sorrir de orelha a orelha quando retirou o acessório revelando o nosso jantar: Um hamburguer imenso acompanhado por batata *smile*, *onion rings* e uma generosa porção extra de maionese.

— Eu não acredito. Como?!

— Esses eventos sempre me dão uma fome que eu não consigo matar com aqueles canapés com muçarela de búfala e rúcula. — Ele respondeu. — Queria algo para comer de verdade!

— Você leu os meus pensamentos! E eu pensando que o desfile seria a coisa mais bonita que eu veria hoje. Claramente estava enganada. — Falei, apontando com as duas mãos para o hamburguer.

Cumpri com o objetivo de fazê-lo sorrir. Posso jurar que meu coração fez uma dancinha de comemoração na hora.

— Eu ainda não mudei de ideia sobre a coisa mais bonita da noite. — Ele falou, não com o jeito de quem passa uma cantada, mas de uma forma carinhosa e autêntica.

Nós comemos, e rimos, e conversamos de uma forma que eu me esqueci completamente de onde estava ou do tempo que passava.

— Eu poderia ficar aqui para sempre, mas preciso voltar para o evento para cumprimentar algumas pessoas. Pelo conteúdo das mensagens do meu pai ele deve estar prestes a infartar. — Alex constatou, espiando uma prévia das mensagens na tela inicial do celular.

— Claro. Eu também preciso encontrar a minha equipe, e vou aproveitar para tirar umas fotos para as redes sociais da revista. — E antes que eu pudesse me mexer com aquela saia enorme, ele saltou de seu lugar para puxar a minha cadeira e estender a mão para me ajudar a levantar.

Voltar por aquelas cortinas foi como viajar para outra dimensão. Engraçado, mas ali, do lado de fora, eu havia bloqueado até mesmo a música da festa, que agora estava bem mais barulhenta e animada. Várias pessoas dançavam na pista, outras conversavam alto e riam.

— Você quer beber alguma coisa? — Alex perguntou bem perto do meu ouvido, para eu conseguir ouvir.

— Eu gostaria de um drink sem álcool.

— Não entendi. — Ele gritou.

Então me aproximei mais, segurei em seu braço na altura do tríceps, fiquei na ponta dos pés e repeti perto do seu ouvido.

— Um drink sem álcool, por favor.

Na mesma posição, sem nos movermos, Alex virou o rosto em minha direção. Nossos narizes ficaram a poucos centímetros de distância. Sem querer desviei meu olhar para a sua boca e percebi que ele fez o mesmo.

— Ah, finalmente! Aí está você! — Gritou o senhor Tamara, fazendo com que nos repelíssemos instantaneamente. Eu estava sem fôlego e sentia meu peito se mover apressadamente buscando por mais ar.

— Só um minuto, pai, eu estou devendo uma bebida para ela... — Ele disse, seguindo um garçom.

— Júlia, que bom que você veio. — Otto Tamara me disse. Fiquei impressionada por ele lembrar do meu nome. — Você tem feito muito bem ao meu menino. Há tempo que eu não o vejo tão motivado. Ele realmente estava na expectativa de vir hoje, e isso é inédito em se tratando de um evento da empresa. Normalmente tudo o que ele faz é viver enfiado na...

E ele se virou na direção do Alex, que voltava com dois copos. Sem a ajuda da leitura labial e direcionando a voz para o outro lado foi impossível discernir o final da frase em meio ao ruído do ambiente.

— Enfiado na? — Falei mais para mim mesma do que para eles. Não acredito que eu ficaria sem essa resposta.

O patriarca da família falou alguma coisa no ouvido do Alex, acenou para mim e voltou a circular entre os convidados, distribuindo acenos e apertos de mão. Alex ergueu o copo em direção ao meu para brindarmos e eu tentei tirar o foco da curiosidade que a conversa com seu pai havia despertado.

Nesse instante minha colega, Amanda, passou por nós.

— Mandou bem, Decidi Esperar. — Provocou, venenosa, e seguiu andando.

Me limitei a devolver apenas um olhar *blasé*, sem acreditar naquela tentativa patética de me causar algum constrangimento. Ou seria pura inveja, mesmo? A Bíblia nos ensina a amar os nossos inimigos, mas algumas pessoas sabem como tornar a tarefa bem árdua. Alex também a ouviu e algo imediatamente se transformou em seu semblante. Ele parecia... Desapontado.

— Está tudo bem? — Perguntei.

— Aham.

— Mesmo?... O que foi?

— Nada. — Ele disse, dando um sorriso indignado. — Eu só não pensei que você fosse dessas... Se me der licença, preciso ir cumprimentar algumas pessoas.

Eu não fazia ideia do que havia acontecido. “Eu sou dessas” o que? O que ele queria dizer com isso? Dessas que fazem provocações de estilo quinta série com as colegas de trabalho? Se fosse isso, ele me julgou

precipitadamente porque não era o caso. Ou dessas crentes que “decidem esperar” até depois do casamento? Ele estava indignado com a minha fé? Nesse caso, nem valia a pena descobrir.

Suspirei sentindo que eu estava certa acerca da sensação de que as coisas estavam boas demais para serem verdade. Olhei no grande relógio de parede pendurado atrás de um dos lances de escada, era meia noite. Ri sozinha com o pensamento bobo de que a minha carruagem deveria estar virando abóbora. Era melhor chamar um carro de aplicativo.

SERIA UM SINAL?

Guardei o meu vestido e os meus sonhos de princesa de volta na caixa e voltei à rotina. Mais uma vez, o trabalho parecia o antídoto perfeito. Me recusava a ficar suspirando pelos cantos — ora de saudade de uma noite perfeita, ora de tristeza porque a mesma noite terminou com um balde de água fria.

Foi tentando manter a cabeça e a agenda ocupada que topei ser a representante oficial da revista em uma reunião com executivos de uma rede social. Todos estavam se esquivando dela para não acumular mais uma função, mas, o que eu tinha a perder? Nem por um segundo me ocorreu que Alex estaria lá.

O avistei assim que pus os pés na sala de reuniões. Ele estava compenetrado mexendo em alguns papeis. Tratei de me sentar no extremo oposto da mesa oval, tentando passar despercebida. Funcionou apenas por alguns segundos. Assim que ergueu a cabeça, seu olhar se fixou em mim. Era como se entre aquele grupo de cerca de 30 pessoas, só tivesse enxergado uma. Desviei o olhar, um pouco desconcertada, e essa foi a deixa para ele se levantar e começar a falar. Deu boas-vindas concisas, apresentou o executivo que passaria o treinamento e voltou a se sentar.

Eu encarnei o perfil profissional e me concentrei no conteúdo, fazendo anotações esporádicas, usando todas as minhas forças para focar no

preletor. Quando a reunião terminou, eu estava pronta para colocar em prática o meu plano de fuga quando fui interceptada pela Flora.

— Oi, Júlia. Tudo bem? Você tem um minuto?

— Claro! — Respondi, tentando soar verdadeira.

— Eu sou a Flora, editora da revista Nós.

— Dispensa apresentações. Eu acompanho os seus especiais de moda desde... Bem, desde que eu me lembro! Conto para todo mundo que trabalho na mesma editora que você, mesmo que a gente nunca tenha se cruzado antes. — Confessei, rindo.

— Ah, que bom! — Ela disse, soando verdadeiramente simpática. — Na verdade, em breve não trabalharemos mais na mesma editora, e era sobre isso que eu gostaria de conversar com você. — Emendou, assumindo um tom de voz mais discreto.

— Como assim?

— Eu fui convidada a assumir como diretora de redação na nossa concorrente. — Falou entredentes.

— Nossa, que demais! Parabéns!

— E... Eu gostaria de te levar comigo.

— Oi?

— Pelo que andei averiguando... Aqui você é repórter, certo?

— Certo.

— E eu preciso de um braço direito para assumir a bronca dos portais. Sei que você se destacou nessa área aqui... E queria que você fosse a editora de conteúdo digital dos nossos sites. É claro que você teria ajuda de uma equipe de subordinados, mas, sabe... Queria que você desse o tom ao que será veiculado.

— Uau! Eu...

— Não precisa responder agora. Eu sei que isso foi totalmente inesperado. Fica com o meu cartão, pensa por alguns dias e depois me retorna. Eu estarei por aqui até o fim do mês.

— Certo. Vou pensar sim, com muito carinho. E muito obrigada por me considerar. Eu estou sem palavras.

— Você merece, Júlia. Até mais.

Mal recuperei o fôlego e notei Alex se aproximando. Os últimos participantes remanescentes na sala já estavam se retirando e ficamos apenas ele e eu.

— Oi. — Ele começou.

— Oi.

— Te perdi no baile...

— É. Perdeu. — Insinuei.

— Autch. Quis dizer que não te encontrei para me despedir, mas essa doeu.

— Desculpe. Eu não resisti.

— Eu queria explicar por que reagi daquele jeito... — Ele voltou a ficar sério.

— Não precisa... Deixa para lá. — Tentei desfazer o climão.

— Sei que não preciso, mas eu quero.

Concordei com a cabeça, estava mesmo curiosa com o que ele poderia falar.

— Eu sei que essa coisa de “Decidi esperar” pode parecer uma brincadeira inofensiva, mas me traz muitas lembranças ruins. É ridículo, mas foi um dos motivos que fez eu me afastar da empresa no passado, quando eu ainda tinha uns 17 ou 18 anos e meu pai queria me ensinar sobre os negócios na prática.

Eu estava cada vez mais confusa tentando acompanhar aquele raciocínio.

— Eu sei que ainda tem gente daquela época aqui. Pessoas que talvez sempre me vejam como o filhinho do papai inexperiente que não merecia o lugar que assumiu... Mas eu nunca pensei que voltariam a me chamar assim. Nem que continuaria me afetando tanto. — Concluiu.

— Espera. O que? Te chamarem assim? Assim como?

Ele me deu um olhar enviesado, como quem diz que a brincadeira não tem graça. Eu fiquei em silêncio esperando alguma resposta que fizesse sentido.

— Me chamarem de Decidi Esperar, oras! — Respondeu, exasperado.

Deixei escapar uma risada que, a princípio, soou como ar escapando de um pneu. Depois evolui até uma gargalhada alta.

— Caramba, Júlia! É disso que eu estou falando! Mesmo abrindo o meu coração sobre isso você acha graça? Eu sei que é idiota, mas poderia ao menos tentar disfarçar?

Fiz um aceno negativo com a cabeça e enxuguei uma lágrima que escorria em meu rosto de tanto rir.

— Eu estou rindo porque o Decidi Esperar era para mim! Aquela era a minha colega de trabalho, a Amanda. E ela me chama assim "carinhosamente" — desenhei as aspas no ar — porque sou cristã e pretendo ter relação só depois de me casar... — Nesse ponto, finalmente consegui assumir um tom mais sério. — Eu acabei falando sobre isso na redação, ela achou engraçado porque eu já tenho 24 anos e nunca... Você sabe... E para a humilhação ser mais completa, ela pesquisou sobre o movimento "Eu decidi esperar" e achou que seria legal me chamar assim. Não era para você. Era para mim! A Decidi Esperar sou eu! E eu não acredito que você tinha o mesmo apelido! Isso é sério? Você não está me zoando?

— Eu também não acredito! — Ele concordou, boquiaberto. E, finalmente, rimos juntos.

— Mas, espera... Você... Por que você era chamado assim mesmo?

— Perguntei.

— O que você acha? Praticamente o mesmo motivo. Eu também sou cristão, e na época em que eu trabalhei aqui como aprendiz, havia sido lançado um livro sobre o movimento. Eu estava lendo e... Não foi preciso muito mais do que isso, já que todos já pegavam no pé do “moleque que só conseguiu uma vaga por ser um herdeiro mimado, sem nenhum mérito próprio”. Descobrirem que eu era crente e virgem foi só a cereja do bolo.

— Uau, acho que Decidi Esperar era até melhor do que “herdeiro mimado, sem nenhum mérito próprio”. — Respondi, retorcendo a boca no final.

Ele fechou os olhos e sorriu, percebendo seu pequeno desabafo espontâneo.

— Você aceita um café? — Ele perguntou.

— Sempre.

Enquanto ele colocava cápsulas na cafeteira da sala de reuniões, voltou à história:

— Não foi só o Decidi Esperar que me fez sair da empresa, claro. Apesar de que, no auge dos meus 18 anos, isso me parecia uma ofensa gravíssima. Mas o que me incomodava mesmo era o ambiente no geral. Acho que as coisas já mudaram para melhor, mas, naquela época, era comum encontrar funcionários usando drogas no banheiro, por exemplo. Usavam estimulantes para virarem as madrugadas acordados em semana de

fechamento... Na saída do trabalho, todos se reuniam para irem em bares beber, todo mundo se relacionava com todo mundo, era uma fofoca generalizada, uns falando mal pelas costas dos outros, um tentando puxar o tapete do outro para se dar melhor no trabalho... Hoje eu sei que em todo lugar haverá pessoas assim. No ambiente corporativo, então, nem se fala. Mas eu estava vivendo uma fase de total entrega a Deus, estava mergulhado naquele primeiro amor, sabe? Queria estar mais perto das coisas de Deus, das pessoas de Deus. Mas acabava passando a maior parte do meu tempo aqui, vivenciando o total oposto do que a minha alma buscava e lutando para não me deixar influenciar por essas coisas. Você entende?

— 100%. — Respondi, com os olhos marejados.

— Apesar das dezenas de histórias conspiratórias sobre a minha saída, na verdade eu só queria encontrar meu propósito em Deus. Fui à África servir como missionário durante um ano, por isso saí do radar de todos. Eu estava em uma aldeia sem internet, só conseguia mandar notícias à família quando íamos até a cidade mais próxima, para conseguir mantimentos ou levar alguma criança do abrigo ao hospital.

— Espera aí. Você é real, mesmo? Alex, isso é incrível!

— Imagina... Não foi nada. Foi o mínimo. Na verdade, poder fazer isso foi uma virada de chave para mim. Eu não tenho dúvidas de que o maior beneficiado fui eu. Lá eu entendi que não importava por onde eu andasse, mesmo num ambiente cercado por trevas, a luz teria que sair de mim. Quer dizer, não diretamente de mim, que não tenho nada a oferecer. Mas a luz de

Jesus, que vive em mim, precisava brilhar.

— Sim. — Foi tudo o que consegui dizer.

— Apesar de ter lutado contra isso, um dia eu entendi que não poderia fugir do lugar em que Deus me colocou, que não foi por acaso que eu nasci nessa família. Por muito tempo eu até me senti culpado por ser de família rica. Hoje penso que esse cargo que eu ocupo teria de ser ocupado de qualquer forma. Poderia ser por outro executivo com princípios questionáveis, ou por um cristão, como eu. E a decisão estava em minhas mãos. Não tem sido fácil, mas, aos poucos, estou começando a implementar valores mais familiares tanto na gestão, quanto nos conteúdos que assinamos. E você teve uma contribuição fundamental nisso.

— Eu?

— Uma das marcas registradas da revista Petit no mercado editorial é a sua abordagem sobre a sexualidade. Só que, de uns tempos para cá, acho que a coisa começou a ficar cada vez mais apelativa, mais vulgar... Fizemos uma pesquisa entre as leitoras e até mesmo elas estavam incomodadas. Algumas publicações causavam até um certo constrangimento entre elas. A coisa já estava num ponto que eu não sabia mais como contornar, como dar uma nova cara a isso. Cogitamos até mesmo encerrar essa editoria, matar essa veia da revista e focar só em moda e beleza, mas isso acabaria com a identidade dela... Enfim, eu não sabia o que fazer. Então orei pedindo uma resposta a Deus. No dia seguinte, nosso site estava em primeiro lugar no *ranking* nacional por causa de uma reportagem sobre sexo. A sua.

— Nossa, eu estou arrepiada. Olha aqui! — Apontei para os pelinhos no meu braço. — Na verdade eu também orei enquanto fazia aquela matéria. Eu já não gosto de escrever sobre o assunto, obviamente não é minha praia... Estava super desconfortável com o tema original “sugerido”, que agora nem vem ao caso... Aí eu decidi, por minha conta em risco, mudar totalmente a pauta, orando para que Deus me inspirasse e para que eu continuasse empregada depois dessa ousadia...

— Bom, saber disso me faz admirar você ainda mais. — Ele respondeu com um brilho no olhar.

— Você, como chefe, não deveria me repreender por ter desacatado a ordem da minha editora? — Provoquei.

— Shhh... Vai ser o nosso segredinho. — Ele deu uma piscadinha e eu quase derreti.

— Já que estamos trocando segredos... Posso confessar uma coisa? — Perguntei.

— Pode. — Ele respondeu, se aproximando perigosamente.

— O meu lado racional estava lutando com todas as forças para eu não me apai... Não me aproximar tanto de você. Por achar que você não era cristão. Não que eu tenha preconceito com quem não seja, mas... Eu sonho em ir à igreja junto com a minha família todo domingo, em educar os meus filhos com princípios cristãos...

— Ok. Já estamos falando de filhos? Um tanto precipitado, mas

gosto de gente direta ao ponto.

— Ai, meu Deus! Não! Não é isso! — Senti meu rosto enrubescer de vergonha. — Eu não quis dizer nós dois, mas no geral...

— Calma... Eu entendi. Estava só brincando com você. E para falar a verdade, eu amei ouvir isso. Uma pena que não era comigo, mas “no geral”. — Ele brincou.

Eu sorri de volta como quem diz “Rá-rá, muito engraçado”.

— Voltando àquele assunto... Do “Decidi esperar”, eu não sou mais virgem. Sou um pouco mais velho do que você e acabei cometendo alguns deslizes na minha caminhada... Não me orgulho disso, que fique bem claro. Mas eu acho muito bonito o seu voto, a sua convicção, sua pureza... — Falou, me acariciando gentilmente ao tirar uma mecha de cabelo do meu rosto, e depositando-a atrás da minha orelha. — Ah, Júlia... No fim das contas eu não segui o meu propósito da adolescência, mas, ainda assim, sinto que decidi esperar. Eu decidi esperar por você.

Eu sorri emocionada. Aquela havia sido a declaração mais linda que eu poderia receber na vida.

— Eu preciso ir. — Ele continuou. — Me desculpe por todo aquele mal-entendido na festa... Espero que você possa me perdoar.

— Imagina... Também peço desculpas por ter saído sem falar nada.

— Até mais.

Ele se virou e saiu. E eu precisei de alguns segundos para me dar

conta que estava sozinha na sala de reuniões suspirando e sorrindo sozinha feito uma adolescente.



Depois de passar um dia inteiro reprisando a nossa cena romântica enquanto lutava para concluir a escrita de uma mísera matéria, finalmente desliguei o computador e deixei a editora.

Tive uma conversa ousada com Deus no caminho para casa. “Senhor, se o Senhor estiver nisso, se for da tua vontade que aconteça algo, se foi o Senhor que colocou o Alex em minha vida... Me dá um sinal. Tipo... Flores? Não. Não qualquer flor. Isso é muito vago. Tulipas! Sabe, Pai, eu sinto que, por todo esse tempo, vivi um deserto na minha vida amorosa. Ainda que não conseguisse enxergar isso. Será que agora esse deserto vai terminar? Se a sua resposta for um ‘sim’, me mostre tulipas.”

Havia algumas floriculturas no meu caminho até o transporte público, e eu procurava desesperadamente pela flor em cada vitrine. E nada. Me lembrei de que na estação do metrô havia uma máquina de venda, parecida com essas de lanchinhos e bebidas, só que de flores. Estava recheada com pelo menos vinte espécies, porém, nenhuma tulipa.

Senti uma onda de frustração me invadindo e me arrependi de ter escolhido uma flor tão atípica. Acho que nunca vi uma tulipa natural

pessoalmente! Nem sei se esse tipo de flor nasce no Brasil. Só naquela cidade turística no interior... Que ideia! De onde tirei isso?

Cogitei, relutante, que talvez não tenha nada de Deus no meu novo interesse amoroso. Ou que Ele, por algum motivo, não estava disposto a me responder assim, de pronto. Talvez eu estivesse pedindo demais.

Andava tão absorta em meus pensamentos que cheguei em casa sem nem perceber, como se tivesse sido teletransportada. Pode parecer idiota, mas estava com vontade de chorar por não ter visto a flor que eu queria pelo caminho.

Eu quase desviei de Alex, que estava me esperando na calçada em frente ao meu prédio, quando finalmente levantei os olhos e o reconheci, surpresa.

— Oi. — Ele falou.

— Oi! — Respondi, intrigada.

— Olha... Eu sei que isso vai parecer loucura. Mas Deus mandou eu te entregar uma coisa.

Ele caminhou até o carro estacionado a poucos metros de distância, abriu a porta do passageiro e pegou um enorme buquê de tulipas cor-de-rosa. E continuou:

— Eu tentei entender melhor o pedido, mas tudo que encontrei na Bíblia foi esse versículo: “O deserto e a terra ressequida se regozijarão; o ermo exultará e florescerá como a tulipa”.

Finalmente uma daquelas lágrimas contidas se desprendeu e rolou pelo meu rosto, só que de alegria. Eu me aproximei dele, peguei o buquê e o deixei pender ao lado do meu corpo, para não haver obstáculo entre nós. Ele entendeu o recado. Se aproximou e segurou com delicadeza as duas laterais do meu rosto, olhando em meus olhos. Deixou o polegar deslizar acarinhando minha bochecha enquanto os outros dedos envolviam a lateral do meu pescoço. E então fechamos os olhos, sentindo o cheiro e a proximidade um do outro até que, finalmente, ele me beijou devagar e apaixonadamente. Eu fui automaticamente transportada para outra dimensão. Nunca havia sentido nada parecido.

ENTRE CAFÉS E SONHOS

— Então este é, oficialmente, o nosso primeiro encontro. — Falei, enquanto servia a primeira xícara de café.

O local escolhido foi um restaurante com ares de jardim botânico. Ele parecia uma espécie de aquário, todo de vidro, posicionado no centro de um quintal com enormes árvores de sombra e vasos de flores e folhagens estrategicamente posicionados para criar um ambiente lúdico. Era por volta das 11h da manhã e faríamos um *brunch*. Achei chique. Uma dúzia de pratinhos com porções de bolos, tortas, biscoitos, sanduíches e quiches estavam servidos em nossa mesa arrumada com uma toalha branca e um vaso de cristal com flores, também brancas.

Desde o nosso primeiro beijo, na semana passada, nos falamos por mensagem todos os dias.

— Nosso primeiro encontro como namorados, né? — Ele retrucou. — Ou ainda não estamos namorando?

— Bem, eu espero que sim. Mas não tinha certeza.

— Que bom que eu me antecipei e pensei nisso. — Ele respondeu, sacando uma caixinha de joia do bolso.

— Alex! Eu estava brincando! Não precisava comprar nada!

— Júlia, você aceita namorar comigo? — Ele abriu a caixa revelando

um colar com pingente de coração, no qual estava gravado uma tulipa.

Eu suspirei e disse ‘sim’, sentindo uma felicidade genuína. Ele se levantou, andou até as minhas costas e colocou o acessório em mim.

— Obrigada. É maravilhoso. — Falei, por fim.

— Combina com você.

— Então... Sobre o que se fala num primeiro encontro com o seu *namorado.* — Enfatizei a última palavra.

— Acho que eu não sou a pessoa mais indicada ou mais experiente para falar sobre isso... Mas eu adoraria saber mais sobre você. Por exemplo: Qual é o seu maior sonho?

— Ok. Uma pergunta bem leve só para quebrarmos o gelo. — Falei ironicamente. — O meu maior sonho... Ah, eu tenho vários. Um sonho pessoal é conhecer Nova York. Quero passear na Biblioteca Pública da cidade... Visitar a Tiffany, porque foi cenário do filme “Café da manhã na Tiffany”, que é um dos meus clássicos favoritos. O que mais? Ah! Gostaria de servir mais na igreja. Sonho em desenvolver algum projeto utilizando o meu conhecimento, minha experiência... Mas ainda não sei bem o que ou como fazer isso.

— Aproveitando o gancho, essa é uma coisa que eu quero te perguntar há dias! Qual igreja você frequenta? Falamos da nossa fé de um modo geral, mas nem me lembrei de perguntar isso...

Eu suspirei com uma expressão desanimada.

— Na verdade eu estou “desigrejada” há um tempinho... Não sei se isso é assunto para um primeiro encontro... Mas acho que você precisa saber. — E contei sobre como o meu ex-namorado e sua família articularam para que eu deixasse de frequentar os cultos, e sobre como a Laura tem me ajudado a segurar a barra com estudos bíblicos desde então.

— Meu Deus! — Alex respondeu, compreensivo e indignado. — É inacreditável! Sinto muito por você ter passado por isso. Por que você e a sua amiga não vão conhecer a minha igreja? É perto da editora, então, relativamente perto da sua casa. E eu posso passar para te pegar...

Meus olhos brilharam. Confesso que eu já havia pensado nisso, mas não quis tomar a iniciativa e me oferecer para ir a um culto com ele. Mas, agora, com as coisas oficializadas, fazia todo o sentido eu começar a frequentar a igreja do meu namorado. Esse é até um movimento bem natural no meio cristão quando casais de igrejas diferentes se formam... Um deles acaba mudando de congregação para começar a construir os primeiros tijolinhos da vida a dois numa mesma casa. A ideia fez meu coração se agitar de alegria.

— Nós vamos sim. Vai ser incrível. — Respondi, agradecida. — Mas voltando ao assunto original... E o seu sonho? Qual é?

— Ah, essa é fácil. É ir para Nova York com você.

Quase me engasguei com um gole de café quando comecei a rir.

— Nossa, que clichê! Eu estou apaixonada, mas não subestime a

minha inteligência! — Respondi, rindo.

— Você está apaixonada? — Ele perguntou interessado, mudando o clima da conversa repentinamente.

Senti meu rosto arder por ter deixado escapar isso tão cedo. Não consegui responder. Apenas olhei em seus olhos e dei um sorriso encabulado.

— Eu amo você, Júlia. — Ele continuou. — Estou completamente apaixonado por você. — E segurou minha mão por sobre a mesa beijando-a com cavalheirismo.

— Eu também amo você, Alex.



E assim passamos os próximos três meses. Apaixonados. Encantados. Felizes.

Eventualmente o pessoal do trabalho soube que eu estava namorando com o ‘CEO Corcunda de Notre Dame’ e, obviamente, começaram a usar essa informação para me atormentar sempre que surgia a oportunidade. Quando uma matéria minha se destacava, quando era convidada para cobrir algum evento importante, quando ganhava mimos de lançamentos das marcas... De repente, nada mais era por mérito próprio. Tudo era oportunismo da repórter que fisgou o chefe. Eu tentava ignorar, mas é óbvio

que a situação estava cada vez mais incômoda e cansativa. Então vamos deixar o capítulo ‘vida profissional’ a parte, por enquanto.

De resto, tudo ia bem. Laura e eu começamos a frequentar a igreja do Alex e nos sentimos em casa. Fomos mais do que bem recebidas. É claro que ainda não havíamos criado tantos vínculos e nem conhecíamos a todos como era em nossa igreja anterior. Mas, aos poucos, estávamos nos entrosando. Laura até se envolveu com um rapaz de lá que, francamente, foi feito sob medida para ela. Não entendia por que ainda não estavam oficialmente juntos. Estava tudo na mais perfeita paz. Até não estar mais.

MUITO PRAZER

Domingo voltou a ser o meu dia da semana favorito. Dia em que eu ia para a casa do Pai, agora acompanhada pelo amor da minha vida. Os pais do Alex também frequentavam a igreja, juntos, graças a Deus, e mesmo sendo riquíssimos e donos de uma megaempresa, eram muito mais acessíveis do que o meu ex-sogro e sua família “misteriosa”. O senhor Tâmara sempre me cumprimentava com amabilidade, perguntava sobre o trabalho e até falou do quanto ele apreciava ter funcionários cristãos, pois assim sabia que “estava lidando com gente de princípios”, em suas palavras.

Naquele dia eu recusei a carona de Alex porque Laura e eu queríamos tomar um café da manhã juntas numa padaria próxima para colocar a conversa em dia. Chegamos na igreja uns vinte minutos antes do culto, nos encostamos numa parede da antessala e continuamos matando tempo.

Logo percebemos, em torno da mesa de café, a presença de uma mulher diferente. Afirmo com certeza que nunca a vimos porque ela era uma daquelas pessoas que não passa despercebida. Alta, magra e atlética como uma modelo de passarela, com um cabelo loiro longo e ondulado como o de uma miss. Dentes perfeitamente brancos e alinhados eram exibidos num sorriso digno de propaganda de creme dental. Eu estava acostumada a conviver com modelos e famosas circulando pelos estúdios da revista, mas, mesmo em comparação às pessoas do meio artístico, a beleza dessa moça era

incontestável.

Vimos a Maria, uma menina que conhecemos na igreja, se aproximar e cumprimentá-la com entusiasmo:

— Vic!!! Você voltou! Eu não sabia!

Laura e eu nos entreolhamos e fizemos um aceno de positivo sutil com a cabeça, entendendo que aquela deveria ser a Victoria, ou Vic, para os íntimos. Uma membra antiga da igreja que estava fora do país a trabalho. Todos falavam dela com muito carinho. Inclusive, alguém chegou a comentar que certamente nos daríamos muito bem.

— Surpresa! — Vic respondeu à amiga.

— Não acredito!

— Eu não contei para ninguém... — Vic garantiu, sorrindo. — Quer dizer, só o Alex sabia, mas ele não conta, né?

Laura e eu nos olhamos de novo, dessa vez com uma expressão de interrogação no olhar (daquelas que só melhores amigas reconhecem). Para os passantes, seguíamos plenas.

— Claro que você contou só para o Alex. — Maria retrucou, revirando os olhos. — Sempre o Alex!

— Não tinha como não contar! — Vic falou, sorridente. — Ele me chamou porque precisava conversar, e foi ótimo planejar essa vinda porque eu estava morrendo de saudades mesmo!

— Precisava conversar sobre o que? Está tudo bem?

— Sobre o nosso voto, na verdade. Lembra?

— Como eu tinha esquecido disso? O famoso voto! Ele completou 30 anos, o prazo que vocês combinaram para se casar!

— Exatamente! — Vic confirmou.

— Foi por isso que você voltou?

— Mais ou menos... Mas posso te adiantar que ele pediu para eu vir.

Dessa vez Laura me olhou, mas eu não retribuí. Ouvia meu coração pulsar em meus ouvidos. A respiração estava ofegante e eu encarava a recém-chegada com uma raiva que eu nem sabia que tinha dentro de mim.

— Calma, amiga. Quem sabe elas estejam falando de outro Alex... — Laura tentou apaziguar.

O senhor Tâmara adentrou o recinto dando de cara com a dita cuja e soltando um alegre: “Norinha!”. Não para mim, mas para a Victoria. Eu senti minhas pernas fraquejarem.

Naquele momento percebi o quanto o meu trauma do combo igreja mais relacionamentos continuava latente. Minha cabeça girava com lembranças da forma como rapidamente fui descartada quando terminei com o Guilherme. Como o meu lugar na igreja parecia estar atrelado ao fato de eu estar em um relacionamento com ele. E como, num passe de mágica, deixei de ser bem-vinda pelas pessoas que eu considerava meus irmãos em Cristo.

De alguma forma, eu havia me metido naquela situação de novo! Onde eu estava com a cabeça? Eu escolhi a minha nova igreja, um lugar para adorar o Senhor, baseada em um relacionamento ainda tão imaturo! Me sentia uma idiota.

Ouvi o senhor Tamara chamar o meu nome e dar alguns passos atrás de mim quando saí tempestuosamente porta afora, procurando ar. Só parei depois de andar cerca de 300 metros até o ponto de ônibus mais próximo, onde me sentei e comecei a chorar convulsivamente. Laura me seguiu, mas, pela primeira vez, parecia sem palavras. Acho que ela foi pega tão de surpresa quanto eu. Meu coração doía fisicamente, e eu nem sabia que isso não era só uma força de expressão.

Quando consegui me acalmar, Laura falou calmamente:

— Devo contratar um assassino de aluguel ou você acha que a gente dá conta sozinhas?

Dei um tapinha em seu ombro, sorrindo, ainda que algumas lágrimas remanescentes continuassem escorrendo dos meus olhos.

— Temos que pensar na logística toda. Desovar o corpo, apagar evidências, essas coisas... — Ela continuou, com seu espírito inabalável.

— Palhaça. — Me limitei a responder.

Nosso ônibus chegou e fomos embora. Dessa vez, disse que preferia ir para casa sozinha. Precisava de um tempo com meu Pai.

UM PLANO RIDÍCULO

A oração não foi muito bonita. Mas palavras nem saíam. Eu chorava como uma criança, até perder o fôlego e saírem bolhas de meleca do nariz. E então eu assoava, lavava o rosto e me ajoelhava no tapete do meu quarto para chorar mais um pouco.

Não consegui agradecer e nem pedir por muita coisa. Só queria ajuda de Deus para entender. Por que ele havia permitido eu passar pela crise na primeira igreja? Por que, pouco depois de encontrar uma igreja nova, parecia reviver aquela situação dolorosa? Por que Ele confirmou o meu relacionamento com o Alex com aquele buquê idiota de tulipas se o homem estava comprometido com outra durante todo esse tempo?! Será que eu havia entendido errado? Será que foi só uma infeliz “coincidência”? (Entre aspas, porque eu não acreditava nelas).

Oras, não estava tudo no controle e na ciência de Deus? Eu simplesmente não conseguia entender. Me sentia frustrada, machucada e perdida. E desse lugar de desolação eu bolei o plano mais sem cabimento da minha vida. Sem orar a respeito, é claro. Eu decidi... Sumir.

Sem pensar muito a respeito, eu bloqueei o Alex nas minhas redes sociais e no meu celular. (Muito maduro, eu sei). Eu tinha consciência de que no dia seguinte, após uma boa noite de sono, eu poderia mudar de ideia e tomar atitudes mais razoáveis. Mas estava decidida a sufocar a voz da

lucidez.

Depois, entrei em contato com a Flora, a jornalista que havia me convidado para assumir o cargo do digital na editora concorrente... O prazo que ela havia me dado inicialmente tinha expirado há muito tempo, mas decidi tentar. Ela pareceu um tanto perplexa pelo meu contato atrasado e em pleno domingo, mas respondeu que a proposta permanecia em pé, a posição estava disponível. Eu disse que aceitaria e, assim, num estalar de dedos, mudei de emprego.

Terminei a noite devorando sozinha uma pizza de pepperoni que supostamente serviria duas pessoas e, ainda me sentindo vazia, completei o jantar com uma porção generosa de sorvete de pistache coberto com leite condensado. As calorias não contam quando sofremos desilusões amorosas, certo? Decidi assistir a um dorama para me distrair e foi uma péssima ideia, pois chorei em todos os episódios.

Na manhã seguinte, encarei o teto do meu quarto por alguns segundos até recapitular tudo o que havia acontecido no dia anterior. Eu descobri que o namorado por quem eu estava perdidamente apaixonada, e já conversando sobre planos de casamento, mantinha o mesmo assunto com outra mulher. Decidi cortar ele da minha vida. Saí da igreja como uma fugitiva. Aceitei um emprego no qual eu começaria em uma semana e terminei mais um dorama. Um domingo com emoção, eu diria.

Contrariando o meu estado natural, acordei sem fome. Meu estômago se revirava com a ideia de encarar a Maria Clara para pedir

demissão. (Ou era por causa do jantarzinho leve de ontem?). A possibilidade de cruzar com o Alex na editora me causava um mal-estar ainda pior.

Eu sabia que uma conversa seria necessária, nem que fosse para encerrar as coisas, mas ainda não estava pronta para ela. Sensibilizada desse jeito, iria chorar e fazer um papelão na frente dele. E quer saber? Só dessa vez eu decidi que merecia não ser a madura da relação. Estava no meu direito de bancar a doida e desaparecer para me proteger. Não é o cenário e nem o comportamento ideal, mas era o que eu tinha a oferecer no momento. Era o meu possível. Como diz o ditado: “Fiz o que pude, e pude pouco”.

Vesti um vestido mídi azul com tênis branco — look que era minha escolha padrão quando não estava a fim de pensar em roupa — criei coragem e fui para a editora. Estava enjoada para comer, mas nunca para um café. Passei numa cafeteria e peguei um expresso para tomar pelo caminho. Dei um riso amargo quando parei na recepção, senti o cheiro da minha bebida ainda fumegante e observei o balcão de identificação e as catracas ao meu redor. Eu sabia que aquele seria o meu último dia ali, mas parecia o primeiro. Uma enxurrada de lembranças e sentimentos me invadiu. Segurei firme o crachá que eu logo teria de devolver, passei a catraca e peguei o elevador. (O certo, dessa vez).

— Não que você seja insubstituível ou algo assim, mas será que você poderia me dar uma semana até eu encontrar outra pessoa? — Maria Clara respondeu quando contei que havia recebido uma proposta melhor de trabalho e deixaria a redação. Comovente.

— Se eu puder trabalhar de home office, continuo por mais uma semana, sim. — Respondi. (Qualquer coisa para evitar me encontrar com o CEO).

— Que escolha eu tenho? — MC deu de ombros.

— Bom... Então eu acho que é isso. Queria agradecer por tudo que você me ensinou até aqui...

— Menina, — ela me interrompeu — você vai longe. Vá sem medo.

Eu pude jurar que quase vislumbrei um sorriso no rosto de MC. Assenti com a cabeça, passei na minha mesa para recolher meus pertences e me despedi do prédio em que conquistei o emprego dos meus sonhos. Foi bom enquanto durou.

Voltei para casa e liguei o meu notebook, teria de improvisar um escritório sobre a mesa de jantar pelos próximos dias. E somente depois de tudo resolvido enviei uma mensagem contando tudo para minha amiga. Ela não respondeu. Imaginei que estivesse ocupada com o trabalho.



Descobri, mais tarde, que na verdade Laura estava impactada demais para conversar por mensagem. Por isso o seu João comunicou a sua chegada em meu prédio por volta das 18:15h. Considerando que o seu expediente terminava às 18h, ela literalmente voou para a minha casa.

— Oi! — Eu falei, tentando agir naturalmente enquanto abria a porta do apartamento para ela entrar.

— Oi? — Ela respondeu com indignação. — Como assim “oi”, amiga? Eu estou preocupada com você. Que surto foi esse?

— Ok, eu sei que foi uma decisão um pouco impulsiva...

— Um pouco?

— Sim, me escuta. Eu realmente havia ficado balançada com a oferta da Flora quando ela me ofereceu o trabalho pela primeira vez... Eu levaria anos para sequer ser considerada para um cargo desses na Petit. Para minha carreira isso vai ser incrível! Só não tinha aceitado antes... Bom, por causa dele. — Falei, revirando os olhos, me auto repreendendo por ser tão influenciável.

— Eu sei. Parabéns. Fiquei feliz pelo novo emprego, mas não era disso que eu estava falando. De onde surgiu a ideia de bloquear todas as possíveis formas de contato com o seu namorado?

— Eu cheguei a te contar essa parte?

— Não. Mas ele está desesperado atrás de você. Me mandou mensagem logo cedo. Ele soube que você ouviu algo da fulaninha na igreja... e quer conversar. Está tentando entrar em contato contigo desde ontem. Até pensou que você pudesse ter sido assaltada, perdido o celular ou algo assim.

— Ah, que atencioso ele... — Respondi sarcasticamente.

— É sério, Júlia. Ele parecia... aflito.

— E o que você disse?

— Nada, ué! Eu não sabia o que dizer. Por que você fez isso, amiga?

— Porque... dessa vez é diferente! Não é como terminar com o Guilherme. Só de pensar a respeito eu sinto uma pressão no peito, uma vontade de fugir! Eu sei que é dramático, mas não consigo explicar de outra forma. Eu não serei capaz de ser razoável, emocionalmente inteligente e simplesmente conversar com ele. Não tenho forças para encarar essa despedida.

— Mas será que precisa mesmo ser uma despedida?

— Ah, amiga. Você estava lá! É para eu aceitar ser a outra? Me infiltrar nesse relacionamento à distância com casamento marcado que o Alex mantinha com a menina? Não tem a menor condição.

— Eu entendo. Ainda acho que vocês deveriam ao menos conversar. Mas, entendo...

Depois de alguns segundos de silêncio ela perguntou:

— E a igreja?

Dei de ombros. Ela ficou me encarando, séria.

— Fala. — Eu disse, reconhecendo aquele olhar.

— Acho que você não vai gostar do que eu vou dizer, mas... Essa situação é bem diferente da outra, Júlia. Na nossa igreja antiga ficou claro que você não era mais bem-vinda. Você foi praticamente expulsa. Mas ninguém da igreja atual tem nada a ver com isso. E muito menos Deus. Você precisa se lembrar de que a gente vai à igreja para cultuar a Deus, e não para estarmos em um lugar que nos serve, que é mais conveniente e agradável para nós. Não dá para a gente trocar de igreja toda vez que discordarmos ou nos desentendermos com alguém.

— Odeio quando você tem razão. — Falei com cara feia e bufando no final.

Ela respondeu levantando as sobrancelhas duas vezes, com um sorriso malicioso.

— Então domingo vamos no culto, né?

— Talvez... eu acho. — Respondi sem nenhuma convicção.

— Eu passarei aqui para ter certeza.

Revirei os olhos, contrariada.



No domingo, fomos no culto. A caminho, eu sentia algo que se assemelhava a um ataque de pânico. As mãos suavam frio, o coração batia descompassado e parecia que eu estava consciente da minha respiração, errando o tempo de cada inspirar e expirar, sem conseguir fazer com que o mecanismo de puxar o ar voltasse a ser automático.

— Você está bem? — Laura perguntou, percebendo o meu desconforto.

— Estou sim. — Menti. E imediatamente fiquei incomodada com a mentira. — Não estou, não. — Remendei.

— Amiga, é só mais um dia de culto. Está tudo bem. Acho que você nem vai encontrar o Alex... Ou, se por acaso encontrar, não precisa falar com ele, se não quiser.

— Eu estou muito nervosa com a possibilidade de vê-lo. Ansiosa e com medo, ao mesmo tempo. A verdade é que estou morrendo de saudades... e reencontrá-lo vai fazer doer ainda mais. Mas nem é ele o que mais me assusta.

— Então o que?

— A igreja... Se na outra, que eu frequentava há anos, fui descartada quando terminei com o Guilherme, que chegou muito tempo depois de mim... Imagine nessa em que eu só cheguei por ser a namorada! — Fiz um ‘não’ desesperançoso com a cabeça. A ideia de me sentir malquista

mais uma vez era sufocante.

— Calma, amiga. Não pensa nisso agora. Você está sofrendo por antecipação. Deixa para sofrer quando te expulsarem de mais uma igreja.

— Nossa, Laura, você é péssima as vezes.

Ela respondeu com um sorriso angelical forçado.

Chegamos e demos de cara com o senhor Tâmara e a Vic, conversando animadamente, demonstrando ter uma excelente relação entre sogro e nora. Fofos.

— Júlia! — Ele me chamou, alegre. — Está tudo bem, menina? Você me deu um baita susto no domingo passado. Saiu correndo de um jeito que parecia estar com alguma emergência.

— Ah, não foi nada... Eu só não estava me sentindo muito bem.

— Poxa vida. Espero que tenha melhorado!

— Sim, sim. Estou bem.

— Deixa eu te apresentar... Essa aqui é a Victoria, amiga de infância da família. Filha de um grande amigo meu.

— Muito prazer. — Respondi à moça que parecia ter ido para a igreja direto de um ensaio fotográfico sobre pele e cabelo perfeitos. Ela estava com um rabo-de-cavalo com a raiz bem esticada, desembocando em longas e volumosas ondas loiras. Até a Barbie ficaria com inveja. O penteado deve ter sido pensado para valorizar a pele impecável, iluminada em pontos

estratégicos.

— Victoria, essa é a famosa Júlia, a namorada do Alex.

Eu o encarei surpresa. Será que ele não sabia que não estávamos mais juntos?

— Quando ele volta, afinal? — Meu “sogro” me perguntou. Eu não fazia ideia do que ele estava falando.

— Volta de onde? — Victoria se intrometeu, me salvando.

— Ele foi para Nova York. — O sogro respondeu.

Eu até tinha esquecido da presença da Laura naquela roda, mas, mas nesse momento, olhei para ela pedindo socorro. Ela entendeu.

— Vocês nos dão licença? Preciso que a Júlia me ajude com uma coisa...

— Claro, claro. Fiquem à vontade! — Respondeu o senhor Tâmara.

— Com licença... Tchau... dona... moça. — Ela disse à Victoria, sem se lembrar do seu nome, e me arrastou por um braço até o banheiro.

— Ok. Isso é bom, certo? Você não vai precisar vê-lo hoje.

— Sim, que alívio. — Falei, segurando o choro.

— O que foi??

— Eu sou muito idiota mesmo! Passei a semana toda sofrendo por ele e me sentindo culpada por tê-lo bloqueado, e ele decidiu ir curtir a vida em Nova York!? Justo a cidade que é o destino dos meus sonhos, e ele sabia

disso!

— Ah, pois é. Que babaca.

Pode ter sido coisa da minha cabeça, mas algo soou estranho nessa fala.

— Você está sendo irônica? — Perguntei.

— Não. Por quê?

— Acho que nunca ouvi você usar a palavra ‘babaca’ antes.

— Que isso... Eu falo ‘babaca’ toda hora, sua babaca. Viu?

Olhei para ela com desconfiança. Ela fez um gesto com a mão indicando que era melhor deixar para lá e fomos para o salão principal onde começaria o culto.

Talvez tenha sido melhor mesmo não ter me encontrado com o Alex. Ainda era tudo muito recente. Imagino que, com o tempo, se torne mais suportável cruzar com ele sendo apenas mais um membro da igreja. Eu espero.

Outro refrigério para a alma foi o fato de que todos nos trataram muito bem, como sempre. Com a cordialidade e a hospitalidade costumeira. Eles realmente sabiam como amar ao próximo. O meu medo foi desarmado com sorrisos sinceros e abraços apertados.

Me acomodei no banco pensando que as doses matinais de emoção já haviam terminado, mas tomei um susto quando o pastor pediu para abrirmos

a Bíblia no livro de Isaías, capítulo 35, versículo 1. Era o trecho da tulipa. Senti meu coração queimar. O que aquilo significava, Senhor!? Depois de ler, em meio à explicação do trecho, o pastor comentou que alguns estudiosos dizem que as tulipas fazem alusão ao amor perfeito. O de Deus, no caso.

SURPRESA!

Eu estava animada e apreensiva com o meu primeiro dia de trabalho na empresa nova. Havia entregado o último artigo da Petit na sexta, tive somente o fim de semana (com emoção) de intervalo e já estava me arrumando para conhecer a minha nova sala e colegas de trabalho.

Enquanto me vestia com calça *mom jeans*, uma regata preta e um blazer branco, orava pedindo à Deus por colegas legais. Alguns que não me odiassem já estaria de bom tamanho.

Eu sabia que a dinâmica lá seria um pouco diferente. Dessa vez eu seria uma das chefes, e não a última presa da cadeia alimentar. E isso significava que, mesmo que fosse desprezada por causa da minha religião ou de qualquer outra coisa, eles teriam de disfarçar melhor.

Calcei um sapato Chanel bicolor em preto e bege, peguei minha bolsa e saí, confiante.

A atmosfera da editora Paris era muito familiar. Sentia aquela energia pulsante das redações enquanto observava os funcionários envolvidos no trabalho. Ouvia os telefones tocando, o burburinho de várias pessoas falando ao mesmo tempo, caixas e sacolas de recebidos espalhados sobre as mesas dos repórteres, perdidos em meio a um mar de computadores, cadernos, blocos de notas e potes com canetas coloridas.

Mesmo tendo ficado apenas uma semana em home office, percebi o

quanto aquele ambiente já me fazia falta. Reconheci até mesmo o cheiro de escritório misturado com o fixo e inconfundível aroma de café que permeia qualquer ambiente jornalístico.

— Júlia, querida! Seja muito bem-vinda! Você não imagina o quanto fiquei feliz com a sua ligação. Estávamos com dificuldade de encontrar uma pessoa competente, de confiança e com essa visão... Como posso dizer? Essa sensibilidade que você tem para entregar até mesmo o conteúdo mais desafiador de uma forma gentil.

— Uau! Muito obrigada! Acho que esse foi o melhor elogio profissional que eu já recebi na vida. — Agradeci, comovida.

Depois ela me apresentou os jornalistas do digital que fazem parte da equipe que eu dirigiria, e já marcamos uma reunião para o dia seguinte para criarmos juntos a linha editorial que seria adotada de forma padrão por todos os redatores.

A semana seguiu tranquila. Parecia que eu estava ali há anos! Todos eram tão legais! Havia um companheirismo e um relacionamento amistoso que eu nem sabia ser possível no ambiente de trabalho! A Flora era um doce, não tinha nada da personalidade passivo-agressiva da... Você sabe quem.

Até que, na sexta-feira, notei um recebido diferente sobre a minha mesa. Não estava numa embalagem identificada com uma marca comercial, como os brindes que eram entregues em mãos. Nem numa caixa de papelão

como as que costumavam chegar pelos Correios. Havia apenas um embrulho com camadas de um plástico vermelho envolvendo um buquê de pirulitos de chocolate. Reconheci o formato do doce assim que bati o olho e, por alguns segundos, vistoriei o cômodo ao meu redor pensando se tratar de uma espécie de brincadeira sem graça. Mas não podia ser. Ninguém ali poderia saber dessa história... Eram pirulitos em forma de tulipa!

— Júlia? Está tudo bem? — A Aline, uma das repórteres, perguntou. Só então percebi que eu estava carrancuda.

— Está sim... Eu só estranhei essa entrega.

Me sentei à mesa e percebi que havia um cartão embaixo da embalagem.

“Eu pensei que, dessa vez, apenas flores não seriam suficientes. Estou te esperando na cafeteria da editora para comermos alguma coisa e conversar. Ps.: Lembre-se de que você já me falou que nunca recusa comida grátis. Com amor, Alex.”

Eu ri lendo a parte da comida. Mas... “Com amor?” O que ele estava querendo com isso? Decerto não sabia o que eu havia descoberto. E se fosse mesmo o caso, pensei que já era a hora de ele saber para colocarmos um ponto final nessa história. Avisei a Aline que voltaria logo e saí, batendo os pés.

Minha firmeza não durou muito. Pensei que fosse desmaiar quando adentrei o espaço e o avistei. Senti o ar escapar do meu peito. Fazia duas

semanas que não nos víamos, mas parecia uma eternidade. Ao mesmo tempo, doía como se o término tivesse acontecido ontem. Ele me viu e acenou, simpático. Tentei manter a calma e andei até a sua mesa, puxei a cadeira em sua frente e me sentei.

— Então você ouviu o meu pai chamando a Victoria de ‘norinha’. E, imagino eu, também ouviu ela conversando com outra menina sobre o nosso casamento arranjado, entendeu tudo fora do contexto, virou as costas e decidiu sair da minha vida para sempre. — Ele despejou de uma vez, antes mesmo de me cumprimentar. Falava de uma forma calma e com um sorriso suave.

— O que? Então você já sabe de tudo? — Perguntei, perplexa. — O seu pai sabia?

— Foi ele que me contou. A Victoria e ele, na verdade.

— Não acredito.

— Não se deixe enganar por aquela cara de vovozinho fofinho. O velho é esperto como uma raposa. — Alex disse, rindo. — Ele sabia exatamente o que havia falado e, baseado na proximidade que você estava e na sua reação desproporcional, entendeu na hora o que havia se passado.

— Então por que ele não me falou nada?

— No dia ele até tentou... Mas você não deu chance.

— E no domingo passado, na igreja?

— Bem... Isso já fazia parte do meu plano. Mesmo assim, ele quase

entregou tudo quando contou que eu fui viajar.

— Plano? Que plano? Essa história está cada vez mais confusa, Alex.

— Calma, eu vou te contar tudo. Mas, primeiro, aceita um café?

Revirei os olhos e respondi:

— Sempre.

Ele fez sinal para uma garçonete, aparentemente previamente instruída, que me serviu de café preto acompanhado de um prato com um croissant recheado de chocolate. Experimentei o conteúdo da xícara e senti a bebida me ajudar a recuperar o foco.

— Como você já soube, a Victoria é uma amiga da família. E como você também já ouviu, de fato nós planejamos nos casar. — Ele começou. Eu ergui as sobrancelhas com cara de indignação. — Só faltou você saber de um único detalhe.

— Hm? — Grunhi irritada.

— É que o arranjo das bodas foi feito quando tínhamos sete anos. — Ele disse, deixando escapar uma risada.

Não podia ser só isso. Será mesmo que eu havia me deixado levar pelas minhas inseguranças a ponto de criar toda a situação na minha cabeça? Já começava a me sentir envergonhada pelo meu comportamento infantil, mas ainda não estava disposta a perder a razão.

— Sei. E qual o motivo para o seu pai ainda a chamar de ‘norinha’?

— Ah, isso é uma brincadeira boba dele. Coisa de homem das gerações passadas, sabe? Minha mãe sempre ficou furiosa com isso. Toda vez retrucava dizendo que éramos amigos, que criança não namora. Mas ele apelidou ela assim e ficou. No fim virou uma zoação só para irritar a minha mãe mesmo.

— E o motivo por você falar com ela até hoje e você ser a única pessoa que sabia que ela estava voltando...

— Bom, ela é praticamente uma irmã para mim, nós fomos criados juntos. Eu achei que seria pertinente contar a ela que eu estava apaixonado. Foi daí que relembramos essa história do nosso acordo de infância, aliás. Eu expliquei que não poderia cumprir com a minha promessa porque, finalmente, havia encontrado a minha pessoa e me livraria dela.

Ele percebeu que eu fiquei sem palavras, apenas o encarando com os olhos arregalados.

— Mas eu não estou te contando isso tudo para que você se sinta culpada ou envergonhada. Que fique bem claro. — Ele continuou, parecendo que lia os meus pensamentos. — No seu lugar, provavelmente eu faria o mesmo ou até pior. Vai saber. Eu deveria ter contado a respeito da Vic e dessa brincadeira. Nem me ocorreu que poderia causar algum mal-entendido. Me desculpe por isso.

— Imagina. Eu estou mega constrangida. E arrependida. Ah, me

desculpe, Alex. Eu estraguei tudo...

— Você não estragou nada. Só deixou as coisas mais interessantes. Vem comigo.

— Ir aonde? Eu estou no meu horário de trabalho...

Ele se levantou e me estendeu a mão, me olhando com aqueles olhos verdes irrecusáveis. Então coloquei minha mão sobre a dele e o deixei me guiar.

Contornamos a lanchonete e mais um bloco da editora, andando pela grama que compunha o paisagismo do local. Comecei a me perguntar como ele conhecia aquele espaço, se nem eu havia explorado aqueles lados da empresa ainda.

Finalmente chegamos ao final da parede do prédio que ladeávamos e eu avistei uma espécie de quintal com um gramado verdinho e aparado feito um tapete, um pergolado de madeira coberto por flores de cima abaixo e uma enorme mesa de café da manhã montado sob a sua sombra. Demorei alguns segundos para absorver a cena toda e reconhecer os rostos em torno da mesa. Laura, Douglas, Flora e minhas colegas de equipe, a recém-chegada Victoria, os pais do Alex e até os meus pais! Estavam todos lá!

Ao me verem, todos gritaram “Surpresa!” em uníssono. E eu caí num choro de felicidade! Não esperava uma festa de boas-vindas. Eu já me sentia tão bem acolhida!

— Meus pais?! Você chamou meus pais?! — Comecei a perguntar

ao Alex enquanto girava para vê-lo, mas não deu tempo de ele responder. Quando vi, já estava com um joelho apoiado no chão e uma caixinha azul da Tiffany na mão.

— Júlia, os últimos dias me confirmaram que você era a pessoa por quem eu esperei durante toda a minha vida. Ainda bem que eu decidi esperar por você! Não consigo mais imaginar a minha vida sem você nela. Sou apaixonado pela sua pureza, sua fé, sua transparência, seus valores, sua inteligência e até pelo jeito como você revira os olhos quando fica brava. Você é resposta de oração. E eu queria saber a sua resposta... Você aceita se casar comigo? — Ele abriu a caixinha revelando um solitário de ouro branco com um diamante.

— Sim! — Eu respondi sorrindo e chorando ao mesmo tempo, no momento absolutamente mais perfeito e emocionante de toda a minha vida.

Nosso pequeno público aplaudiu e deu gritinhos de comemoração, depois vieram ao nosso encontro, nos felicitar.

— Como você convidou os meus pais?! — Perguntei ao Alex enquanto os abraçava e beijava.

— A Laura me deu o número, e eu precisava pedir à sua mão oficialmente, né?

— Você fez isso?

— Ele fez. — Meu pai respondeu, apertando a mão do Alex e depois o puxando para um abraço. — Que Deus os abençoe grandemente,

meu filho. E eu chorei ainda mais assistindo à essa cena.

— Eu tenho mais um pedido para fazer ao senhor. — Alex, disse ao meu pai. — Como o senhor é pastor, seria uma honra se aceitasse celebrar o nosso casamento.

— A honra será toda minha. — Meu pai disse, todo emocionado.

— Esse não é o anel que você me mostrou foto um dia, minha filha? Dessa caixinha que até deu nome a uma cor porque é muito famosa? — Minha mãe quis saber.

— Esse mesmo, mãe! A cor é azul Tiffany por causa dessa caixinha, é a cor da identidade da marca. — Respondi, depois me voltei ao Alex e falei: — Você foi até Nova York só por causa do anel? Você sabe que agora tem loja deles no Brasil, né?

— Ah, não... Não foi por causa disso. Acabei aproveitando a viagem, mas fui mesmo a Nova York para conferir uma coisa pessoalmente. Eu queria que, de alguma forma, um pedacinho da nossa história fosse celebrado num lugar que abriga as maiores histórias de amor de todos os tempos...

— Não! — Respondi extasiada, já entendendo.

— Então eu reservei a biblioteca de Nova York para fazermos o nosso ensaio de fotos pré-*wedding*.

— O que?! — Gritei, me pendurando em seu pescoço em um abraço. — Meu amor, isso é incrível!

— Não é?

— Mas não sei se eu poderei ir... Acabei de assumir meu trabalho aqui...

— Relaxa, — Flora me cortou — ele foi esperto o bastante para agendar no período das nossas férias coletivas.

Dei pulinhos de felicidade.

Enquanto comíamos juntos, todas as pessoas que mais amo em comunhão em torno da mesa, não pude deixar de pensar no versículo que Deus havia usado para falar comigo nos últimos dias... “O deserto e a terra ressequida se regozijarão; o ermo exultará e florescerá como a tulipa”. Naquele momento eu soube, o tempo de deserto havia passado. Pelo menos, por hora.

UM ANO DEPOIS...

— Bom dia, meu amor! Acho que eu nunca vou me acostumar a acordar com esse cheirinho de café passado... Que delícia!

— Bom dia! Apenas cuidando da minha esposa movida à cafeína. Eu não sou louco de te deixar sem café.

— A esposa agradece. — Respondi, dando um selinho com gosto da bebida.

— Vai cedo para a editora hoje?

— Não, hoje é terça-feira, lembra? Tenho a oficina de escrita na igreja com o pessoal do projeto social. Hoje a Flora também vai, inclusive. Acho que vai ser incrível para os adolescentes conhecerem uma figura importante do meio editorial como ela.

— Eles já conhecem uma figura importante do meio editorial... — Ele respondeu, apontando para mim com a mão estendida.

— Ah, não é para tanto.

— Você é incrível, sabia?

— Sabia sim. — Respondi, fazendo uma careta. — E você? Terminou o seu devocional? Vi que estava lendo a Bíblia quando cheguei.

— Terminei faz tempo. — Ele suspirou. — Mas ainda não

encontrei a resposta de que eu precisava. Então continuei lendo, pedindo uma luz, uma direção divina.

— Do que você precisa? Posso ajudar?

— Preciso saber se devo ou não investir naquele projeto de Inteligência Artificial na Blue. Não investir significa encarar uma demissão em massa nos próximos meses. Você sabe como o mercado de revistas está difícil... Estamos falando de ter de fechar diversos títulos e apagar boa parte da história não só da editora, mas da mídia impressa como um todo.

— E a outra opção?

— A outra opção é apostar nesse projeto de IA. Que apesar de ser muito promissor, é bem caro. Caro do tipo, se não for um sucesso, corremos o risco de quebrar. E aí teremos de demitir todo mundo de qualquer forma.

Fiz uma cara de preocupação, entendendo a posição difícil do meu marido.

— Não quero que você se preocupe com isso... Você sabe que mesmo se algo acontecer com a editora, tenho outros investimentos... Não vai nos afetar tão diretamente. Mas tem muita gente dependendo de nós, sabe?

— Claro. Não estou preocupada com a gente. E mesmo se fosse o caso de quebrar de verdade, é “na riqueza e na pobreza”, lembra?

— Te amo.

— Eu também te amo. — Respondi, sentindo o coração quentinho.

— Eu só estou precisando de um sinal claro. Era isso que estava eu pedindo para Deus. Um sinal para confirmar que posso apostar no meu faro e investir nesse novo projeto. Isso salvaria a editora e o emprego de todos. Mas não queria fazer isso pela minha vontade própria, queria essa confirmação... Estou esperando um “positivo” de Deus.

Deixei escapar um sorriso.

— Que foi? — Ele perguntou.

— Eu acho absurda a velocidade com que Deus responde às suas orações.

— Por quê?

Então eu enfiei a mão no bolso do meu roupão e puxei lá de dentro um pequeno bastão de plástico branco

com detalhes azuis, com um minúsculo visor escrito: “Positivo”.

FIM.

Um recado para você

Gostou do livro? A sua avaliação é extremamente importante para mim. Todo feedback é bem-vindo e precioso para o meu desenvolvimento na escrita.

Te convido também a acompanhar o meu trabalho (e outras coisas mais) através das minhas redes sociais: @diane.escritora.

No mais, te agradeço profundamente para partilhar comigo dessa fatia do seu tempo. Que bom encontrar outras pessoas dispostas a sonharem acordadas.

Que Deus abençoe a sua vida, e te alcance onde quer que você esteja.

Até a próxima!

Com carinho, Di

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus. E não me refiro somente ao livro. Agradeço por Ele ter me chamado, me resgatado, me capacitado. Eu bem sei de onde Ele me tirou. O amo com todas as minhas forças, mas Ele me amou primeiro.

Agradeço ao Rodrigo, meu marido e melhor amigo, meu companheiro de vida e fã número 1 do meu trabalho. Obrigada por não me deixar desistir quando as circunstâncias sugeriam o contrário.

Muito obrigada Tatiana Faleiros, responsável por dar vida aos personagens com a sua belíssima ilustração de capa. E toda a minha gratidão à Ariane Soares, uma menina cheia de Deus, com o coração voltado a servir ao próximo, que serviu a esta humilde autora como leitora beta dessa história. Seus conselhos e encorajamentos foram fundamentais.

Ficha técnica:

Autora: Diane Neubüser

Ilustração: Tatiana Faleiros

Capa: Tatiana Faleiros

Leitores beta: Ariane Soares e Rodrigo Cardoso Lewaschiw